

**DONATO MARCELO DREHER HEUSER**

**REPERCUSSÕES DO AGROTURISMO NA QUALIDADE DE VIDA DE NÚCLEOS  
FAMILIARES RECEPTORES DE SANTA ROSA DE LIMA (SC):  
Um Processo Criativo e Solidário**

FLORIANÓPOLIS

2002

**DONATO MARCELO DREHER HEUSER**

**REPERCUSSÕES DO AGROTURISMO NA QUALIDADE DE VIDA DE NÚCLEOS  
FAMILIARES RECEPTORES DE SANTA ROSA DE LIMA (SC):  
Um Processo Criativo e Solidário**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Engenharia de Produção na área de concentração em Gestão Ambiental

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Zuleica Maria Patrício, Dr.<sup>a</sup>**

FLORIANÓPOLIS

2002

**DONATO MARCELO DREHER HEUSER**

**REPERCUSSÕES DO AGROTURISMO NA QUALIDADE DE VIDA DE NÚCLEOS  
FAMILIARES RECEPTORES DE SANTA ROSA DE LIMA (SC)**

**Um Processo Criativo e Solidário**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção do grau de Mestre em Engenharia de Produção, área de concentração em Gestão Ambiental, no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 12 de dezembro de 2002.

Prof. Edson Pacheco Paladini, Dr.  
Coordenador do curso

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup> Zuleica Maria Patrício, Dr.<sup>a</sup>  
Orientadora

Prof.<sup>a</sup> Margarita Barretto, Dr.<sup>a</sup>  
Examinadora – UCS

Prof.<sup>a</sup> Yolanda Flores e Silva, Dr.<sup>a</sup>  
Examinadora – UNIVALI

Prof.<sup>a</sup> Sandra Sulamita Nahas Baasch, Dr.<sup>a</sup>  
Examinadora – UFSC

*Dedico este trabalho  
a todos os agricultores familiares brasileiros.*

## **AGRADECIMENTOS**

**Agradeço do fundo do meu coração**

**aos meus pais, Cercio e Lori, a confiança, o apoio e o amor incondicionais;**  
**às minhas irmãs e sobrinhas, Carla, Ester, Bibiana, Helouise e Júlia, por existirem;**  
**à Zuca o aprendizado, a compreensão e principalmente os valores de amizade;**  
**aos amigos(as) de Santa Rosa de Lima, o carinho e as oportunidades de aprendizado;**  
**aos amigos(as) e colegas do TRANSCRIAR o companheirismo e o aprendizado;**  
**aos amigos(as) Carla, Marcos, Orlando e Wlademir o respeito e a alegria;**  
**ao Instituto Superior e Centro Educacional Bom Jesus – IELUSC, em especial à prof.<sup>a</sup>**  
**Elizabete, a confiança e a oportunidade profissional;**  
**à banca examinadora e, em particular à prof.<sup>a</sup> Margarita, o apoio científico;**  
**aos amigos(as) do Instituto Visão Futuro, em especial à Jyosna e à Ajita, o**  
**desenvolvimento espiritual;**  
**enfim, à consciência suprema agradeço a vida.**

**Donato Heuser**

“A utopia é o vínculo entre o desejo de ser feliz como indivíduo e a vontade de não aceitar a infelicidade do próximo. Aqui se encontra a terrena vontade de mudar o mundo para acabar com a humilhação e a miséria.” (Tarso Genro)

## RESUMO

Este estudo, de natureza qualitativa, desenvolvido no ano de 2002, tem como objetivo compreender as repercussões das atividades de agroturismo na qualidade de vida de núcleos familiares receptores do município de Santa Rosa de Lima, no estado de Santa Catarina. No referencial teórico apresenta conceitos sobre qualidade de vida, relação ser humano–natureza, desenvolvimento sustentável, agroecologia e agroturismo. Os dados foram colhidos durante convivência de 40 dias junto a cinco famílias receptoras, com apoio das técnicas de observação participante e entrevista semi-estruturada. Entre as repercussões encontradas destacam-se: a satisfação com a reestruturação física das propriedades; o aditamento na troca de experiências, com o estabelecimento de um processo dialógico contínuo de aprendizagem; a ampliação do papel da mulher nas atividades produtivas e nas decisões relativas ao cotidiano e ao futuro da família; a revalorização da vida rural em várias dimensões; as possibilidades e perspectivas de sustentabilidade econômica na própria comunidade para os filhos de agricultores; e a “invasão” na privacidade das famílias receptoras. A dinâmica do agroturismo expressa um movimento educativo que transcende o território da comunidade em estudo. Dos movimentos coletivos de participação comunitária, nas associações e no cotidiano das atividades familiares, emerge todo um conjunto de processos e produtos que interferem não apenas na qualidade de vida da própria comunidade, mas também na qualidade de vida – na saúde individual e coletiva – daquelas pessoas que usufruem diretamente da vivência naquele espaço e daquelas que, à distância, se beneficiam dos produtos do processo de trabalho da agroecologia.

Palavras-chave: qualidade de vida; agroturismo; agroecologia; processo participativo.

## **ABSTRACT**

This study, which has qualitative nature, developed in 2002, with the object of understanding the repercussion of the agrotourism activities in life quality of the families in Santa Rosa de lima City, Santa Catarina state. The theoretical review presents some concepts of life quality, human nature relations, sustainable development, agroecology and agrotourism. The data were collected during fourteen days with the families, using observation-participation techniques and semi-structure interviews. Between the found repercussions the research had distinct: the satisfaction with the properties area reconstruction; the addition in experience exchanges with the settlement of a dialogical and continuous learning process; the extension of the woman act in productive activities and in the decision making process related day-by-day and family future; the revaluation of the dimensions in rural life; possibilities and sustainable economical perspectives at the community directed to the farmers sons; the family privacy interference. The agrotourism dynamic express an educational movement that transcends the studies in the community border. The collective movements of the community participation, in the associations and in day-by-day familiar activities, arises a whole product process that interfere not only in the community life quality – in the collective and individual health – those people that directly uses the space and those who has benefits from agroecology working process.

**Key words:** life quality; agrotourism; agroecology; participative process.



## **LISTA DE ABREVIATURAS**

TRANSCRIAR/UFSC – Núcleo de Estudos Participantes do Processo de Viver e Ser Saudável da Universidade Federal de Santa Catarina.

PPGEP/UFSC – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

IELUSC – Instituto Superior e Centro Educacional Luterano Bom Jesus – IELUSC.

OMT – Organização Mundial do Turismo.

EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo.

CEPA/SC – Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina.

AAAC – Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia.

AGRECO – Associação dos Agricultores Agroecológicos das Encostas da Serra Geral.

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

CEASA – Centrais de Abastecimento.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>17</b>
<b>2.1</b>	<b>A construção da relação ser humano–natureza e sua qualidade de vida</b>	<b>17</b>
<b>2.2</b>	<b>O turismo e suas interfaces com o meio agrícola</b>	<b>28</b>
<b>3</b>	<b>O MÉTODO DO ESTUDO</b>	<b>37</b>
<b>3.1</b>	<b>Tipo de estudo</b>	<b>38</b>
<b>3.2</b>	<b>Princípios éticos norteadores da pesquisa</b>	<b>39</b>
<b>3.3</b>	<b>O trabalho de campo</b>	<b>40</b>
<b>3.3.1</b>	<b>Entrando no Campo</b>	<b>41</b>
<b>3.3.2</b>	<b>Ficando no Campo</b>	<b>42</b>
<b>3.3.3</b>	<b>Saindo do Campo</b>	<b>46</b>
<b>4</b>	<b>AGROTURISMO E A AGROECOLOGIA EM SANTA ROSA DE LIMA (SC)</b>	<b>48</b>
<b>4.1</b>	<b>O campo do estudo</b>	<b>48</b>
<b>4.2</b>	<b>As práticas de agroecologia e agroturismo na Comunidade</b>	<b>53</b>
<b>4.3</b>	<b>Percepções dos agricultores sobre a construção da identidade “Agroturismo e a Produção Orgânica de Alimentos”: o processo construtivo AGRECO/AAAC</b>	<b>59</b>
<b>4.4</b>	<b>Interfaces do agroturismo com os modelos agrícolas orgânico e convencional</b>	<b>60</b>
<b>4.5</b>	<b>As sementes dos projetos</b>	<b>62</b>
<b>5</b>	<b>O AGROTURISMO E A AGROECOLOGIA TRANSFORMANDO A QUALIDADE DE VIDA DAS FAMÍLIAS RECEPTORAS: um processo de resgate criativo e solidário</b>	<b>78</b>
<b>5.1</b>	<b>Significados de qualidade de vida para os sujeitos do estudo</b>	<b>78</b>
<b>5.2</b>	<b>Qualidade de vida da Comunidade no passado e no presente e as perspectivas para o futuro</b>	<b>83</b>
<b>5.3</b>	<b>Repercussões do agroturismo na qualidade de vida dos núcleos familiares receptores</b>	<b>92</b>
<b>5.3.1</b>	<b>Reestruturação física das propriedades</b>	<b>92</b>
<b>5.3.2</b>	<b>Troca de experiências através do diálogo no cotidiano do agroturismo: a aprendizagem multicultural</b>	<b>93</b>
<b>5.3.3</b>	<b>O papel da mulher no processo de produção e tomada de decisões</b>	<b>98</b>
<b>5.3.4</b>	<b>Valorização da vida rural: reintegrando o ser humano ao ambiente natural</b>	<b>100</b>
<b>5.3.5</b>	<b>Perspectivas de manter os filhos trabalhando na Comunidade</b>	<b>103</b>
<b>5.3.6</b>	<b>Limitações emergentes no processo de melhoria da qualidade de vida: paradoxos?</b>	<b>105</b>
<b>6</b>	<b>REFLEXÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES</b>	<b>111</b>
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>118</b>
<b>8</b>	<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	<b>122</b>
<b>9</b>	<b>ANEXOS</b>	<b>124</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O tema escolhido para o desenvolvimento deste trabalho emergiu da trajetória de estudos e vivências construídas ao longo do curso de mestrado em Gestão Ambiental do PPGEF-UFSC<sup>1</sup>, das participações nas atividades do TRANSCRIAR-UFSC<sup>2</sup> e, também, da docência no curso de Turismo com Ênfase em Meio Ambiente do IELUSC<sup>3</sup>.

O estudo enquadra-se na área de concentração em Gestão Ambiental, sob a ótica do desenvolvimento rural participativo, permeando questões de sustentabilidade a partir de experiências com agroturismo e agroecologia em pequenas propriedades rurais.

Este trabalho, de natureza qualitativa, estabelece uma análise investigativa sobre aspectos referentes à qualidade de vida de núcleos familiares agrícolas receptores<sup>4</sup>, residentes no meio rural do município de Santa Rosa de Lima (SC). O presente estudo pressupõe uma visão de mundo em que todos os elementos de uma dada situação são interdependentes e conseqüentes entre si e que a qualidade de vida da sociedade em geral está intimamente relacionada às políticas de produção alimentícia adotadas nas últimas décadas para o meio rural.

Fator determinante para a escolha do tema foi o entendimento de que a agricultura familiar orgânica, aliada às práticas de agroturismo eticamente orientadas, apresenta-se como alternativa perante a insustentabilidade socioeconômica e ambiental do nosso atual sistema de produção.

Este trabalho busca enfocar uma compreensão de qualidade de vida relacionada às mais diversas dimensões em que o ser humano se insere, envolvendo questões naturais e culturais. Desse contexto, surge o entendimento sobre a importância de pesquisas e trabalhos que possam colaborar com o aperfeiçoamento das atividades supracitadas, pensando-se na

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção do Centro Tecnológico da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Núcleo de Estudos Participantes do Processo de Viver e Ser Saudável, que tem a seguinte linha de pesquisa básica: O Processo de Viver e a Qualidade de Vida Individual-Coletiva na Dimensão Ser Humano-Natureza-Cotidiano-Sociedade.

<sup>3</sup> Instituto Superior e Centro Educacional Luterano Bom Jesus-IELUSC, de Joinville (SC), que também segue a linha de pensar e fazer o turismo a partir de uma abordagem ampla, preocupando-se com as repercussões socioeconômicas, ambientais, culturais e políticas da atividade.

<sup>4</sup> Entende-se por núcleos familiares agrícolas receptores as famílias de agricultores que têm como principal fonte de renda a produção primária diversificada e que recebem visitantes em suas propriedades.

busca de melhores condições de vida, principalmente das populações com maiores dificuldades de sobrevivência, nesse caso, as famílias rurais de pequenas propriedades.

Pensar em agroturismo e agroecologia é pensar além do desenvolvimento local participativo e, conseqüentemente, na qualidade de vida dos seres humanos envolvidos nesse processo, pois, diante da realidade socioeconômica do País, entende-se que a atenção a esse setor produtivo interfere na qualidade de vida de toda a população. Assim, concebendo o ser humano de forma integral, ou seja, indivíduo interagindo entre si e com a coletividade e o ambiente, pode-se dizer que a qualidade de vida de uma nação, além de outros fatores, sofre conseqüências diretas do processo de produção, distribuição e consumo de alimentos adotado em seu território.

Paralelamente ao advento da Revolução Industrial e ao desenvolvimento do sistema econômico capitalista, o processo de produção de alimentos tem passado por profundas transformações, principalmente nas últimas quatro décadas. Essas transformações se caracterizam, entre outros fatores, por transições entre a agricultura orgânica e o modelo convencional, pautado no uso intensivo do solo e seus recursos. A ênfase na produção em grande escala, praticada pelo modelo agrícola convencional, iniciou seu processo de desenvolvimento com a chamada *Revolução Verde*, difundindo-se em escala mundial a partir da segunda metade do século XX. Esse modelo de produção agrícola se caracteriza pela monocultura, pelo uso intensivo de agrotóxicos para contenção das chamadas “pragas”, pela mecanização e, ainda, pela criação de variedades geneticamente modificadas e de fácil colocação no mercado externo (CAPRA, 1989).

A partir da década de 60, vários países latino-americanos, inclusive o Brasil, engajaram-se nessa proposta, cuja meta era o aumento da produção e da produtividade, que logo passou a ser conhecida como uma cadeia de processos e atividades intitulada “pacote tecnológico” da agricultura contemporânea. Entretanto, os benefícios dessas medidas foram extremamente desiguais em termos de distribuição social, privilegiando os maiores e mais ricos agricultores que controlam as terras férteis, em detrimento dos pequenos e menos privilegiados (ALTIERI, 2001).

A Revolução Verde também contribuiu para disseminar parte dos problemas ambientais da atualidade. A crise agrícola-ecológica, presente hoje na maior parte do Terceiro Mundo, é resultado do fracasso do paradigma dominante de desenvolvimento, que tem se

mostrado extremamente limitado em sua capacidade de promover um sistema equânime e sustentável para a manutenção da vida (ALTIERI, 2001).

Além da crise ambiental, a imposição política do modelo neoliberal<sup>5</sup> sobre a formação social exerce efeitos aberrantes na economia e na sociedade, o que desarticula os setores econômicos e regiões interligadas, excluindo classes produtivas fundamentais para o mercado nacional. A chamada “reestruturação” e a “globalização” induzem o crescimento de enclaves compostos por uma reduzida classe de capitalistas transnacionais ligados às multinacionais e aos banqueiros estrangeiros. Na agricultura, isso significa que os exportadores *agribusiness* crescem, enquanto a renda dos pequenos agricultores e trabalhadores rurais sem terra diminui paulatinamente (PETRAS, 1997).

Em contraponto ao modelo convencional de produção agropecuária, verifica-se atualmente um retomo aos métodos naturais de produção agropecuária em pequenas propriedades rurais, métodos esses isentos do uso de produtos químicos industrializados e mutações genéticas induzidas, causadoras de uma relação desequilibrada e conflituosa entre os seres humanos e o ambiente natural.

Algumas comunidades, ressentidas com a crise crônica e multifacetada da agricultura familiar convencional e com as políticas públicas que deveriam atendê-las, como por exemplo algumas comunidades localizadas no interior do município de Santa Rosa de Lima (SC), apostaram em um segmento de mercado interessado em alimentos orgânicos. Isso configura uma tendência de consumo e expectativa de melhoria da qualidade de vida bastante difundida pela mídia, pelos novos padrões culturais e pelos comportamentos preventivos relativos à saúde integral. Nesse contexto, experiências como a indicada acima sinalizam a busca de relações sustentáveis de produção, consumo e interação com o meio.

É cada vez mais forte a convicção de que iniciativas como a agricultura orgânica familiar, o associativismo agroindustrial e a formação de redes entre comunidades rurais e urbanas são imprescindíveis na busca de caminhos direcionados ao ideal da sustentabilidade. No entanto, esforços como os desenvolvidos na experiência de Santa Rosa de Lima passam por alguns revezes, como dificuldades de sustentabilidade financeira causadas principalmente

---

<sup>5</sup> Neoliberalismo, conforme Petras (1997, p. 37), deve ser entendido como uma ideologia para justificar e promover a reconcentração de riquezas, a reorientação do Estado em favor dos super-ricos e o principal mecanismo para transferir riquezas para o capital estrangeiro.

pelo baixo valor pago aos produtos agrícolas, pelas falhas no sistema econômico vigente através da concorrência maciça e desleal estabelecida pelo modelo agrícola convencional, pelo esquema de atravessadores e pela falta de valor agregado aos produtos orgânicos *in natura*, entre outros problemas. Em virtude dessas dificuldades, muitas comunidades de agricultores têm sido levadas a buscar alternativas para complementar as rendas oriundas da produção primária.

A incorporação de outras alternativas econômicas, além da produção primária, tem sido adotada por muitos países como estratégia para manter o homem no campo e melhorar sua qualidade de vida (CAMPAGNOLA E SILVA, 1999).

Vindo ao encontro desse panorama, emergem atividades derivadas da introdução da prestação de serviços no meio rural, como o agroturismo. Caracterizado pela visita e permanência de turistas em pequenas propriedades rurais, que vivenciam e conhecem o cotidiano dos agricultores, o agroturismo permite a estes agricultores auferir complemento em suas rendas através da comercialização de alimentos, hospedagem e lazer. Faculta-se aos visitantes conhecer e compreender o modo de vida rural e, sobretudo, a importância da agricultura orgânica familiar para a melhoria da qualidade de vida em uma relação entre produção e consumo menos impactante ao ambiente e à sociedade.

Sabe-se que as atividades de agroturismo realizam-se no interior das propriedades rurais e que os visitantes participam efetivamente do cotidiano das famílias receptoras. Nesse contexto, a investigação proposta por este estudo pressupõe que as atividades agroturísticas implicam alterações no cotidiano dos núcleos familiares agrícolas receptores, interferindo na sua qualidade de vida, na medida em que estimulam mudanças no ambiente natural e cultural, reelaborando elementos físicos, socioeconômicos e afetivos.

Analisando-se *in loco* algumas experiências com atividades de agroturismo, através de leituras e discussões relacionadas à área, emergem algumas inquietações a respeito dos prováveis impactos da atividade agroturística sobre a qualidade de vida das famílias receptoras.

As atividades de agroturismo realmente podem proporcionar benefícios substanciais à qualidade de vida dos agricultores? Se existem benefícios, quais seriam eles? Por outro lado, será que tais atividades não acabarão prejudicando as famílias em vez de auxiliá-las?

Com base nesses questionamentos, estabelecem-se a problemática da investigação e a pergunta desta pesquisa:

**Quais são as repercussões das atividades de agroturismo na qualidade de vida de núcleos familiares agrícolas receptores que têm a sua economia baseada na produção primária orgânica no interior do município de Santa Rosa de Lima (SC)?**

Este trabalho busca associar o agroturismo com a qualidade de vida da população autóctone, entendendo como fundamental o desenvolvimento de pesquisas, estudos e debates voltados a fatores determinantes de qualidade de vida, ampliando o entendimento de que esses elementos possuem dimensões que extrapolam as relações do microcontexto e apontando para uma necessidade de maior equilíbrio socioeconômico e ambiental de um coletivo maior.

Na perspectiva de encontrar possibilidades de mudanças, no sentido de melhoria, para o campo pesquisado, entende-se que é imprescindível conhecer a realidade do contexto, especialmente os significados dos sujeitos nela inseridos, o que possibilita encontrar caminhos para reordenar procedimentos que, porventura, possam lhes prejudicar.

Para possibilitar a realização deste estudo foi definido como **objetivo geral** compreender as repercussões das atividades de agroturismo na qualidade de vida de núcleos familiares receptores, produtores agroecológicos, do interior do município de Santa Rosa de Lima (SC). E foram definidos como **objetivos específicos** a) levantar aspectos sobre o processo de construção e manutenção das atividades de agroturismo desenvolvidas por famílias do município de Santa Rosa de Lima; b) identificar as tipologias de atividades agroturísticas praticadas no interior das propriedades; c) identificar os significados que integrantes de núcleos familiares agrícolas do município de Santa Rosa têm sobre qualidade de vida; d) identificar a influência das atividades de agroturismo na qualidade de vida dos núcleos familiares agrícolas do município de Santa Rosa de Lima; e) discutir os dados considerando dimensões individuais e coletivas nos ambientes físico e social da Comunidade.

Os cinco capítulos a seguir versam respectivamente sobre: o referencial teórico que estabelece uma construção histórico-filosófica da relação ser humano–natureza bem como os conceitos que alicerçam o estudo, a qualidade de vida, a agroecologia e o agroturismo; o método de investigação com o movimento teórico–empírico, desde a escolha dos sujeitos do estudo até a análise dos dados e a devolução dos resultados junto à Comunidade; a descrição da realidade estudada, mostrando a sua construção histórica e as atividades atualmente

desenvolvidas, sustentadas por percepções dos sujeitos sobre qualidade de vida, agroturismo e agricultura orgânica; as repercussões dessas atividades sobre a qualidade de vida desses sujeitos com base na interpretação dos dados obtidos em campo; no último capítulo do trabalho encontra-se a síntese dos resultados da pesquisa acompanhada de reflexões pertinentes ao tema e algumas recomendações para estudos futuros.



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A construção da relação ser humano–natureza e sua qualidade de vida

O teor deste estudo concentra-se no estabelecimento da relação entre os componentes do tripé agroecologia, agroturismo e qualidade de vida a partir de princípios preconizados em referenciais teóricos que procuram entender os fenômenos de forma integral, considerando o ambiente onde estão inseridos os protagonistas de determinada realidade e suas interações com o mesmo, e buscando interpretar os fenômenos da forma menos fragmentada possível. Esses referenciais têm sido denominados holísticos, sistêmicos ou ecológicos (CAPRA, 1989; D’AMBRÓSIO, 1993; MORIN, 1995; PATRÍCIO, 1995, 1999), e contribuem para a reflexão crítica dos princípios do paradigma positivista que têm guiado a vida nesses últimos dois séculos.

Ao encontro dessa integralidade, remete-se ao conceito de natureza, que, de certa forma, está ligado a tudo o que existe na vida humana. Através dos tempos, a humanidade desenvolveu a idéia de que natureza é algo exterior ao homem. Grande parte das culturas modernas, principalmente as ocidentais, enfatizam cada vez mais esse pensamento. No Ocidente, o senso comum é de que a natureza representa as formas virgens do ambiente natural. Basta que tentemos interpretar a maneira com que os filósofos pré-socráticos entendiam a *physis*<sup>6</sup>, que bem equivale ao conceito de natureza encontrado em nossos dicionários<sup>7</sup>. Perceberemos, então, a partir do entendimento coletivo atual, certa estranheza, pois somos “moldados” por um sistema que compreende ser humano e “natureza” em dimensões diferentes, sujeito e objeto respectivamente.

Podemos destacar três aspectos fundamentais da palavra *physis*, como nos mostra o filósofo Bornheim (1970, p. 12-14):

---

<sup>6</sup> Em período que antecede o nascimento de Sócrates, pensadores denominados pré-socráticos entendiam como *physis* o conjunto de todos os elementos presentes no universo. Portanto, não separavam a razão da matéria, e conseqüentemente homem da natureza.

<sup>7</sup> Conjunto de todos os seres existentes no universo; paisagem natural.  
 “Ao longo da história os significados da expressão “natureza” foram confundindo-se ao ponto de existir no mesmo dicionário conceitos que se opõem um ao outro” (nota do pesquisador)

1) A palavra “physis” indica aquilo que por si brota, se abre, emerge, o desabrochar que surge de si próprio (...) Trata-se pois de um conceito que nada tem de estático, que se caracteriza por uma dinamicidade profunda, genética. (...) A “physis” encontra em si mesma a sua gênese; ela é “arké”, princípio de tudo aquilo que vem a ser.

2) Em nossos dias a natureza se contrapõe ao psíquico, ao anímico, ao espiritual, qualquer que seja o sentido que se empreste a estas palavras. Mas para os gregos, mesmo depois do período pré-socrático, o psíquico também pertence à “physis”. Esta importante dimensão da “physis” pode ser melhor compreendida a partir de sua gênese mitológica. (...) Os deuses gregos não são entidades sobrenaturais, pois são compreendidos como parte integrante da natureza. Em Homero, por exemplo, a presença dos deuses aparece como superior aos homens e ao mesmo tempo como algo que lhes é próximo: os deuses estão presentes em tudo o que acontece e tudo acontece como que através dos deuses. Esta presença transparece ainda em Tales, na frase que lhe é atribuída: “tudo está cheio de deuses” (...) Esta idéia de que deus pertence em algum sentido à “physis” é característica de todo o pensamento pré-socrático, e continua viva mesmo em Demócrito, como atestam os fragmentos 18, 21, 112 e 129. À “physis” pertence, portanto, um princípio inteligente que é reconhecido através de suas manifestações e ao qual se emprestam os mais variados nomes: Espírito, Pensamento, Inteligência, Logos.

3) A “physis” compreende a totalidade de tudo o que é. Ela pode ser apreendida em tudo o que acontece: na aurora, no crescimento das plantas, no nascimento de animais e homens. E aqui convém chamar atenção para um desvio em que facilmente incorre o homem contemporâneo. Posto que a nossa compreensão de natureza é muito mais estreita e pobre que a grega, o perigo consiste em julgar a “physis” como se os pré-socráticos a compreendessem a partir daquilo que nós hoje compreendemos por natureza. Nesse sentido se comprometeria o primeiro pensamento grego com uma espécie de naturalismo. (...) Para os pré-socráticos, já de saída, o conceito de “physis” é o mais amplo e radical possível, compreendendo em si tudo o que

existe. Não se compreende o psíquico, por exemplo, a partir do modo de ser da natureza em seu sentido atual, como não se entende os deuses a partir do nosso conceito mais parco de natureza. À “*physis*” pertencem o céu e a terra, a pedra e a planta, o animal e o homem, o acontecer humano como obra do homem e dos deuses, e, sobretudo, pertencem à “*physis*” os próprios deuses. (...) Assim, a “*physis*” compreende a totalidade daquilo que é; além dela nada há que possa merecer a investigação humana. Por isto, pensar o todo do real a partir da “*physis*” não implica em “naturalizar” todos os entes ou restringir-se a este ou aquele ente natural. Pensar o todo do real a partir da “*physis*” é pensar a partir daquilo que determina a realidade e a totalidade do ente.

Refletindo sobre a *physis*, o filósofo pré-socrático pensava o ser e, a partir dela, pôde chegar a uma compreensão da totalidade do real: do cosmos, dos deuses e das coisas particulares, do homem e da verdade, do movimento e da mudança, do animado e do inanimado, do comportamento humano e da sabedoria, da política e da justiça (BORNHEIM, 1970).

A história da relação dicotômica entre ser humano e natureza na sociedade ocidental, caracterizando-a de forma esquemática, inicia-se a partir do pensamento de Sócrates, Platão e Aristóteles no século V a.C. Esses pensadores atribuem à razão a superioridade do homem sobre o mundo natural. Assim, o homem inicia um processo de construção de um mundo racional diferente do mundo natural representado pelos objetos não humanos. Nesse período surge uma certa promoção do homem e das idéias em detrimento de animais, plantas, enfim, qualquer elemento que não fosse de construto cultural, abrindo caminho, assim, ao antropocentrismo.

Para isso também contribuiu a influência do cristianismo, que reforçava a tese da superposição do homem sobre a natureza, pois, segundo seus princípios, o homem é feito à imagem e semelhança de Deus, portanto único entre os seres da terra. Apesar de Deus ter criado todas as outras coisas, não lhes deu o que deu ao homem: a razão e a alma imortal (THOMAS, 1996).

Na Idade Média, no Ocidente, inicia-se a prática de dissecação de cadáveres, fato de grande importância, porque estabelece a idéia de separação entre corpo e alma. O corpo pode

ser dissecado, esquartejado, pois o que o anima (do grego *ânima*, alma) não está mais presente, abrindo o caminho da ciência, que, por sua vez, baseia-se na relação sujeito–objeto. O método experimental era praticado em monastérios e universidades católicas muito antes de Galileu (GONÇALVES, 1996).

Assim, no Ocidente, a criação do mundo humanizado (tudo o que o homem passa a diferenciar de natureza), fortalecido pela construção religiosa e filosófica, toma forma. A teologia dominante na Idade Média reforça a tese da destituição da matéria da alma e aflige mais ainda a concepção do mundo natural, então separado definitivamente do homem (GONÇALVES, 1996).

Com as idéias de Francis Bacon e de René Descartes no século XVII, acentua-se mais ainda a separação entre homem e natureza, com as preposições filosóficas plenamente experimentais de Bacon e a preponderância do método científico de Descartes. O cartesianismo moderno passou a analisar a natureza como objeto, e o homem ocidental, então, se colocou definitivamente como ser não pertencente ao meio ambiente natural (GRÜN, 2000).

Uma vez qualificada a natureza como algo externo e sobre o qual age o homem, na concepção de Bacon seria preciso torturar a natureza para forçá-la a se expor ou, no mesmo sentido, seria necessário transformar o meio com instrumentos violentos, submetendo a natureza aos nossos fins. Revela-se assim, no pensamento de Bacon, uma visão de ciência utilitária que teria como fim servir ao bem–estar do homem: “a verdadeira e legítima meta das ciências é a de dotar a vida humana de novos inventos e recursos” (BACON, 1979, p. 49)

O referencial cartesiano, igualmente, constitui um marco importante na sociedade ocidental, não somente pela diferenciação entre razão e matéria, mas também pela separação entre sujeito (homem) e objeto (natureza). O método criado por Descartes ocasionou uma grande mudança de concepção sobre o mundo natural, inclusive no tocante à experimentação científica deste mundo. A manipulação objetiva e a descaracterização original do mundo natural, aliadas à efervescência política e ideológica do final do feudalismo, marcam o início do sistema capitalista, baseado na produção e no consumo de bens de capital, e conseqüentemente o advento da Revolução Industrial. Assim, a partir desse período da história, a natureza passa a ser encarada como objeto de consumo e, por isso, conhecida e denominada como recurso natural (GRÜN, 2000).

O sistema capitalista de produção, aliado à Revolução Industrial, acaba cristalizando a barreira entre o homem e o mundo natural. Além de a natureza ser vista como mero recurso à sobrevivência humana, as pessoas são obrigadas a migrar em direção aos grandes centros urbanos em busca de trabalho, efetivando assim o distanciamento espacial entre homem e mundo natural.

Cada vez mais, os seres humanos têm se aglomerado em grandes centros, apartamentos e *shoppings centers*, empurrados por características típicas do atual sistema econômico de produção, como necessidade de emprego, apelo e incentivo ao consumo de bens materiais, violência, mecanização e falta de incentivo à agricultura familiar diversificada, entre outros fatores.

Paralelamente ao avanço da ciência e de novas tecnologias, os hábitos e estilos de vida estão se transformando. O homem é cada dia mais dependente da cultura do consumo. Suas necessidades de conforto e bem-estar se modificam constantemente. Essa cultura de consumo tem conduzido o ser humano a buscas constantes de mais poder material, o que o tem levado a trabalhar cada vez mais, para ter cada vez mais. Dentro desse panorama, inicia-se um processo que resultou em grande desequilíbrio, tanto para a natureza externa ao homem quanto para o próprio ser humano em suas dimensões físicas e espirituais (CAPRA, 1989).

A rotina de vida da maioria das pessoas residentes em zonas urbanas está cada vez mais estressante. Muitas famílias reproduzem-se pela dinâmica do “trabalhar hoje” para ter e viver amanhã, e este amanhã, por sua vez, parece nunca chegar ou, quando chega, é tarde demais, já que é necessário tratar os problemas originados durante esse processo. Essa realidade é comprovada pelos altos índices de doenças crônicas e degenerativas apropriadamente chamadas “doenças da civilização”, como enfermidades cardíacas, câncer e derrames cerebrais. Quanto ao aspecto psicológico, são cada vez mais constantes distúrbios como esquizofrenia, depressão grave, entre outros. São inúmeros os aspectos de desintegração social, incluindo o recrudescimento de crimes violentos, acidentes, suicídios, consumo de drogas cada vez mais nocivas, crianças com dificuldade de aprendizagem e distúrbios de comportamento (CAPRA, 1989).

Talvez, a dominação da natureza e a busca pelo conhecimento tenham proporcionado melhoria na qualidade de vida de algumas pessoas, entretanto não conferiu significado a essas

vidas. Alienamo-nos uns dos outros, substituímos contemplação por razão e mais ainda, não estamos satisfeitos com a natureza, somos estranhos em nossa própria casa (LADE, 2000).

Para Sachs (1986), a busca de desenvolvimento na sociedade atual está contrastada com a falácia do discurso do atual desenvolvimento, com a frustração do Terceiro Mundo diante do próprio conceito de desenvolvimento. O exemplo dos países industrializados não pode mais ser seguido pelos países pobres; estes devem procurar soluções em projetos originais. A miséria e a agressão contra o ambiente ocorrem concomitantemente a uma produção espantosa de produtos que não podem ser acessados pela maioria das pessoas. Para o autor, somente um planejamento integrado – em que o ambiente seja uma *dimensão* do desenvolvimento, assim como os recursos, a energia e a população – é que pode mudar ou inverter o quadro atual.

Tanto nos países industrializados do Primeiro Mundo quanto nos países do Terceiro Mundo, há progressos materiais para uma minoria e aumento da exclusão social. O fenômeno da mundialização cresce diariamente na evolução ou revolução dos transportes e das comunicações. No momento há o desacoplamento da economia financeira da economia real, produzindo assim mercados fictícios de especulação financeira, que se apropriam de recursos que poderiam ser utilizados para financiamentos de projetos produtivos. Há um processo de subdesenvolvimento bastante generalizado, juntamente com um processo de mundialização, cujos impactos econômicos e sociais diferenciados – positivos ou negativos – exigem profunda avaliação (SACHS, 1986).

Para o planejamento de políticas ambientais que vislumbram o sonhado desenvolvimento sustentável, é preciso em primeiro lugar repensar o próprio modo de produção, alterando a aquisição de recursos naturais e a produção tecnológica. Em face da mudança de valores sociais calcados na mudança da superestrutura econômica, é preciso ressaltar os diferentes meios culturais onde há desenvolvimento sustentável de comunidades (hoje marginalizadas) com economias alternativas para o desenvolvimento local (SACHS, 1986).

Neste trabalho se diverge do termo “desenvolvimento sustentável no turismo” tal como é entendido em muitas definições, que em geral preconizam superficialmente a idéia de uma economia viável, uma sociedade “justa” e um ambiente “saudável ou renovável”, pois, conforme Rodrigues, A. (2000, p. 175),

os próprios termos *desenvolvimento* e *sustentabilidade* são contraditórios em si. Uma atividade econômica não pode ser portadora da potencialidade de sustentabilidade, mesmo que se tenha a idéia de que a atividade turística seja apenas “consumo contemplativo” da paisagem, pois o que está em questão não é a capacidade humana de pensar, mas os lucros e as divisas obtidos pelas atividades econômicas presentes também no turismo.

*Desenvolver* é um conceito que, no mundo pós-moderno, implica a produção contínua de mercadorias. Nesse processo existe necessidade tanto dos recursos naturais – que são extraídos de algum lugar – quanto dos lugares que possam receber os resíduos oriundos do processo de produção. Esse desenvolvimento contínuo é insustentável, tanto pela sua rapidez quanto pela forma de associar o ambiente natural a uma mercadoria. *Sustentabilidade* significa manter o “estado das coisas” em seu ciclo natural – o que, como já foi apontado, não se demonstra viável num sistema contínuo de produção de novas mercadorias (RODRIGUES, A., 2000).

Neste estudo o conceito de desenvolvimento sustentável é concebido como um ideal a ser alcançado ou até mesmo, corroborando com Rodrigues, A. (2000, p. 175), como uma utopia:

Na construção da utopia da sociedade sustentável, os investimentos mais produtivos estariam relacionados não apenas às atividades produtivas, mas a todas as atividades que possibilitam ou permitem o pleno desenvolvimento da capacidade de pensar. Dito de outro modo, a utopia da construção da sociedade refere-se à construção da sociedade do *ser* e não da sociedade do consumo que caracteriza por ser uma sociedade do *ter*. Nessa sociedade, os recursos empregados no atendimento das necessidades sociais seriam o mais importante a contabilizar e a considerar como investimento.

Assim, há a necessidade de compreender as relações e interações que se estabelecem entre os processos históricos, econômicos, ecológicos e culturais no desenvolvimento das forças produtivas da sociedade. Isso leva a pensar as relações como uma forma de interdependência entre todos os processos sociais e ecológicos que direcionam o potencial

produtivo dos recursos, seus níveis de produtividade, assim como as condições de preservação e regeneração dos recursos naturais (LEFF, 1994).

Enfrentando essa realidade, encontram-se estudos que focalizam questões de ética e estética, seja como tema de pesquisa, seja como visão na produção de conhecimento. Tais estudos inserem toda a subjetividade no que se refere ao processo de reflexão crítica dos fenômenos da vida e da sensibilidade, a ponto de gerar atitudes de cooperação, de solidariedade e de busca da equidade social, sem negar o valor dos conhecimentos científicos e sua tecnologia, que transformem a qualidade das interações do ser humano com a natureza (PATRÍCIO, 1995).

Entenda-se qualidade como atributos, características ou propriedades de determinado fenômeno ou objeto que o qualifica como tal. Qualidade de vida, como produto e processo, diz respeito aos atributos e propriedades que qualificam essa vida e ao sentido que tem para cada ser humano. Diz respeito às “características do fenômeno da vida”, ao “como esta se apresenta”, ao “como se constrói” e a “como o indivíduo sente” o constante movimento de tecer o processo de viver nas interações humanas (PATRÍCIO, 1995).

Essa autora nos reporta para a concepção de qualidade de vida como processo e produto das interações individuais e coletivas no ambiente natural e construído; considera que “qualidade de vida” é mais uma condição de existir, representada pela conjugação dos verbos “viver” e “ser” de modo saudável, condição na qual as necessidades de ser individual-coletivo são administradas e cuidadas. Na prospecção por prazer, saúde e felicidade, o ser humano cria processos onde se interconectam componentes socioculturais representados por crenças, valores, conhecimentos, normas e práticas cotidianas. Ela destaca a importância de “saber” que, na construção da qualidade de vida, tudo está inter-relacionado: o microcontexto individual ou familiar com o ambiente natural e todas as demais coletividades biológicas socioculturais, espirituais, que necessitam de uma política maior, na qual é imprescindível o exercício da cidadania consciente, de direito e de dever em relação aos outros seres do mundo (PATRÍCIO, 1999).

Herculano (2000, p. 237) define “qualidade de vida” como

A soma das condições econômicas, ambientais, científico-culturais e políticas coletivamente construídas e postas à disposição dos indivíduos para



que estes possam realizar suas potencialidades: inclui a acessibilidade à produção e ao consumo, aos meios para produzir cultura, ciência e arte, bem como pressupõe a existência de mecanismos de comunicação, de informação, de participação e de influência nos destinos coletivos, através da gestão territorial que assegure água e ar limpos, higiene ambiental, equipamentos coletivos urbanos, alimentos saudáveis e a disponibilidade de espaços naturais amenos urbanos, bem como da preservação de ecossistemas naturais.

Na qualidade de vida humana, a qualidade do “ser coletivo”, por vezes inibe o indivíduo de expressar toda sua liberdade. Entretanto, vale lembrar idéias de Gramsci e acreditar que o ser humano, justamente por seu atributo coletivo, apresenta possibilidades de expressar e desenvolver seu espírito de liberdade. Quando consciente desse movimento, o ser humano percebe que tudo o que faz na vida faz a si mesmo (pessoa-cidadão) com o outro (coletividade) e com o ambiente (natural ou construído). Assim, passa a ter consciência de que ele, concretamente, expressa a qualidade da participação social no ambiente como um todo (PATRÍCIO, 1999).

As interações da vida humana coexistem na construção da qualidade de vida, e por vezes elas se apresentam de forma paradoxal. Dependendo do momento da vida do sujeito, um mesmo aspecto pode influenciar negativa ou positivamente a sua qualidade de vida. Nesse contexto, o ambiente de trabalho é muito significativo para a qualidade de vida, pois, dependendo dos padrões de interações que ele promova, a qualidade de vida de seus protagonistas pode “melhorar” ou “piorar” (PATRÍCIO, 1999).

Em alguns casos é no próprio trabalho, no cotidiano deste, que alguns trabalhadores encontram possibilidades de superar insatisfações e melhorar sua qualidade de vida, como por exemplo através do convívio com os colegas, na “socialidade”, na “solidariedade orgânica” (MAFFESOLI, 1984).

Na academia, especialmente nos cursos de pós-graduação, já se percebe o crescimento de estudos que contemplam preocupações com a relação ser humano–ambiente e a qualidade de vida. Da mesma forma, alguns meios de comunicação, e particularmente as Organizações

Não-Governamentais (ONGs) ligadas às questões de qualidade de vida, estão se dedicando a trabalhos voltados à promoção da melhoria da qualidade ambiental.

No meio rural, são cada vez mais notáveis as experiências buscando retomar métodos de produção que respeitem os princípios naturais dos ecossistemas envolvidos. Todo esse movimento tem gerado a construção de uma teia social de conhecimentos e práticas voltados à preocupação da vida humana em harmonia com a natureza.

Paralelamente à evolução do sistema capitalista de produção, a prática de lavouras orientadas por princípios ecológicos mudou drasticamente a partir da segunda metade do século XX, quando muitos agricultores são assediados pela produção agrícola regulada por agrotóxicos, abrindo assim vastos mercados para as companhias petroquímicas, que manipulam os agricultores para que usem cada vez mais seus produtos. O efeito imediato dos novos métodos de lavoura química foi o aumento espetacular da produtividade agrícola, o que provocou a chamada “Revolução Verde” (CAPRA, 1997).

A ênfase na produção em grande escala, praticada pelo modelo agrícola convencional, caracterizou-se pela monocultura, pelo uso intensivo de químicas pesadas, pela extrema mecanização (o que desencadeou o êxodo rural) e ainda pela criação de variedades geneticamente modificadas e de fácil colocação no mercado externo. Isso beneficiou grandes organizações financeiras, na sua maioria internacionais, com esquemas de produção e consumo que visam apenas ao acúmulo de capital e à exploração da força de trabalho em condições inadequadas e insalubres para o trabalhador rural, deteriorando assim a qualidade de vida dos mesmos, com repercussões em cadeia (ALTIERI, 2001).

O lado sombrio da nova tecnologia evidenciou-se pela constatação de que a “Revolução Verde” não ajudou os agricultores, nem a terra, nem os milhões de famintos no mundo inteiro. Os maiores beneficiados com isso foram os grandes monopólios financeiros. Os agricultores perderam quase toda sua liberdade e capacidade criativa, passando a ser na verdade consumidores de técnicas de produção que não são baseadas em considerações ecológicas, e sim nas conveniências do mercado que força os agricultores a adotar formas nocivas de exploração da terra, estabelecida em uma estrutura de produção que praticamente não lhes dá outra opção (CAPRA, 1989).

Experiências como a de Santa Rosa de Lima validam essas afirmações quando apresentam número cada vez maior de agricultores familiares retomando sua intuição

ecológica preservada de geração em geração. Esses homens e mulheres estão tomando consciência dos riscos apresentados pela lavoura química (principalmente com o plantio de fumo), resgatando os métodos naturais, orgânicos, ecológicos de produção. Os alimentos que produzem são mais saborosos, tenros e sem dúvida mais saudáveis. Surge, assim, efetiva possibilidade de melhoria na qualidade de vida, resultado de práticas naturais de produção, tanto no campo quanto na cidade em um plano maior.

Muitos autores têm se detido a estudar as transformações recentes da agricultura no Brasil e mais especificamente as transições para outras soluções e alternativas ao modelo agrícola convencional pautado no uso abusivo do solo e seus recursos.

Abramovay (1992) refere-se às “novas estratégias de reprodução” na agricultura familiar a partir da flexibilização e refuncionalização das atividades produtivas. Se por um lado se verifica a introdução da prestação de serviços no meio rural, ilustrada pelas diferentes modalidades de turismo, assiste-se também ao ressurgimento e valorização dos métodos tradicionais de trabalho no uso do solo e de seus recursos, através de uma agricultura batizada como orgânica.

Segundo Müller (2001), esses estilos têm se denominado genericamente de “alternativos” ou de “agricultura sustentável”, dos quais a autora destaca a agricultura de baixos *inputs* externos, a orgânica, a natural, a ecológica, a biodinâmica, a agroecológica, entre outras denominações.

Entretanto, esses “novos agroecossistemas” sustentáveis não podem ser implantados sem mudanças nos determinantes socioeconômicos que governam o que é produzido, como e para quem é produzido. Para atingirem efetivamente os resultados propostos, as novas estratégias de desenvolvimento rural devem incorporar não somente o desenvolvimento tecnológico-ambiental, mas também questões socioeconômicas. Somente políticas e ações abrangendo essa totalidade de interações podem fazer frente ao sistema socioeconômico vigente, determinante da crise agrícola-ambiental e da miséria rural ainda presente nos países em desenvolvimento (ALTIERI, 2001).

## 2.2 O turismo e suas interfaces com o meio agrícola

Uma das definições sobre turismo mais aceitas por estudiosos e pesquisadores da área, inclusive adotada pela Organização Mundial do Turismo (OMT), compreende tal conceito um “fenômeno social que implica deslocamento temporário de indivíduos ou grupos que, por motivos culturais, de recreação, descanso ou saúde, locomovem-se do seu local de residência para outro, no qual não exercem nenhuma atividade remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural” (OSCAR DE LA TORRE, apud BARRETTO, 1998, p. 13).

Neste trabalho, o turismo é concebido como um fenômeno social gerador de múltiplas inter-relações, envolvendo, além das supracitadas, as dimensões política e ambiental. A dimensão política se faz presente nas formas de organização participativa e solidária, em comunidades onde seus integrantes buscam ideais de desenvolvimento em comum. A ambiental refere-se às relações entre homem e ambiente natural, particularmente a promoção da qualidade de vida propiciada pela conservação desse meio. O ambiente aqui em questão é o meio rural, mais especificamente localidades que de alguma forma sejam palco para o desenvolvimento local através do turismo rural ou agroturismo.

De acordo com Almeida; Froehlich; Riedl (2000), na atualidade o desenvolvimento do meio rural já não se alicerça mais exclusivamente na produção primária, em que as atividades são permanentemente submetidas a riscos, incertezas e exaustão dos meios de produção. Torna-se cada vez mais premente a busca por alternativas que viabilizem a vida do homem no campo. O turismo rural e o agroturismo surgem como a alternativa complementar mais viável a curto e médio prazo.

Ainda conforme os mesmos autores, no aspecto sociopsicológico, constata-se que a “busca do campo” ou um “retorno às origens” representa um legítimo anseio das populações urbanas. É crescente a percepção dessas populações de que a vida simples, autêntica e peculiar do campo viabiliza a recuperação de energias indispensáveis para o enfrentamento de situações estressantes impostas pela vida moderna (ALMEIDA; FROEHLICH; RIEDL, 2000). Para Tulik (1999, p. 140), “outro fator que no mundo contemporâneo vem se prestando para explicar o turismo rural em certas áreas são as crises econômicas. Principalmente na Europa,

inúmeros registros atestam o recrudescimento do turismo rural em áreas decadentes ou estagnadas que foram objeto de iniciativas públicas e particulares”.

Alguns aspectos históricos sobre **“turismo rural”** e **“agroturismo”** são apresentados neste trabalho a partir de uma tipologia mais abrangente, o **“turismo no meio rural”**. Posteriormente, realiza-se uma análise conduzida de forma a caracterizar os conceitos de turismo rural e agroturismo, aqui entendidos como duas tipologias distintas de turismo no meio rural, ambas contíguas à produção primária e que, na maior parte dos casos, vislumbram possibilidades alternativas de desenvolvimento em espaços rurais.

Segundo a OMT e a EMBRATUR, o turismo no meio rural teve suas origens nos EUA, na década de 1950, em propriedades denominadas “ranchos”, onde os fazendeiros, com precária infra-estrutura de hospedagem, recebiam caçadores e pescadores durante as temporadas desses esportes. Com o progressivo aumento da demanda os rancheiros começaram a prover uma série de serviços e atividades a esse público, percebendo que isso geraria ingressos adicionais às suas tradicionais receitas. Essa tipologia da atividade turística, que até então acontecia somente nos Estados Unidos, difundiu-se para Europa, Austrália e Nova Zelândia, entre as décadas de 50 e 60 com índices de crescimento significativos nos últimos tempos (SANTOS, 2001).

Na Europa, o turismo no meio rural teve seus principais focos de desenvolvimento na Itália, na França, na Escócia, em Portugal, na Espanha, no Reino Unido, na Irlanda e na Áustria, onde a atividade iniciou-se com a finalidade de incrementar a renda das propriedades rurais, devido aos escassos rendimentos oriundos das atividades agropastoris como base de sustentação econômica. Principalmente na França e na Itália, a procura pelo turismo no meio rural aconteceu impulsionada pela tradicional produção de queijos e vinhos, assim como na Escócia com as destilarias de whisky, onde o turista pôde conhecer e/ou participar do processo de produção, hospedar e alimentar-se (SANTOS, 2001).

Conforme Lima e Matias (1999), em Portugal o turismo no meio rural está classificado pelas formas de hospedagem, que são licenciadas e regulamentadas pela Direção Geral de Turismo: turismo de habitação em solares, casas apalaçadas ou residências de reconhecido valor arquitetônico; turismo rural em casas rústicas com as características próprias do meio rural onde se inserem; agroturismo em casas integradas numa exploração agrícola

caracterizando-se pela participação dos turistas em trabalhos da própria exploração ou em forma de animação complementar.

Na Espanha, por meio de normas reguladoras e programas de ajuda e subvenções, o governo cria os primeiros projetos de desenvolvimento em turismo no meio rural, implantando a oferta de alojamento em casas particulares situadas em povoados e zonas rurais. Essa iniciativa a princípio não teve boa aceitação, mas atualmente este panorama vem se revertendo, pois muitas comunidades autônomas demonstram interesse pela atividade (LIMA; MATIAS, 1999).

Atualmente, as regiões mais representativas daquele país que possuem ofertas na modalidade de turismo no meio rural são: Catalunha, Galícia, Andaluzia, Astúrias, Países Bascos, Madri, Navarra e Aragão (LIMA; MATIAS, 1999).

Já no Reino Unido, o turismo no meio rural é desenvolvido em propriedades agrícolas, onde o hóspede se aloja, recebe o café da manhã e participa das atividades produtivas. São as chamadas *farm houses* (casas de fazenda). Essas propriedades também existem na Irlanda, mas com características diferenciadas, pois são casas antigas típicas ou edifícios modernos, que prestam serviços de alojamento e alimentação. A Áustria também apresenta oferta significativa de leitos em propriedades rurais, correspondendo a cerca de 25% da oferta total do país (LIMA; MATIAS, 1999).

Na Argentina, as primeiras iniciativas de turismo no meio rural aconteceram na Patagônia, na década de 60. Essa atividade ganhou importância quando alguns guias de caça e pesca, na intenção de hospedar seus clientes, contaram com o apoio dos donos de estâncias, que por sua vez necessitavam de uma renda adicional em função da baixa rentabilidade em suas propriedades. Surge, assim, o turismo em “hoteleira de estâncias” (SILVA; VILARINHO; DALE, 2000)

No Brasil, o turismo no meio rural é uma atividade que vem sendo desenvolvida em várias regiões, porém a primeira iniciativa registrada foi no município de Lages, Santa Catarina, em 1984, na Fazenda Pedras Brancas, com o objetivo de criar uma alternativa turística para o estado catarinense, por meio do aproveitamento das estruturas existentes nas fazendas e estâncias de criação de gado de corte e leiteiro, predominantes na Região Serrana. Os alojamentos, em geral, são propriedades produtivas, históricas ou não, que dispõem de

mobiliário e decoração adequada, onde proprietário e hóspedes compartilham os mesmos espaços (BLÓS, 1999).

Segundo Santos (2001), em Minas Gerais, o circuito das “Terras Altas da Mantiqueira”, que envolve os municípios de Passa Quatro, Delfim Moreira, Virgínia, Itaiandú, Itamonte, Alagoa, Pouso Alto, Marmelópolis e São Sebastião do Rio Verde, propicia a prática de esportes de aventura, a tranquilidade e hospitalidade das fazendas mineiras, culinária diversificada, regional e internacional e boa infra-estrutura de hospedagem e de vias de acesso aos variados atrativos, determinando características de desenvolvimento de atividades turísticas no meio rural nestes municípios. Conforme a mesma autora, no estado de Pernambuco, as atividades turísticas no meio rural são recentes e pontuais, e os exemplos conhecidos concentram-se em torno da cidade de Garanhuns. No Centro-Oeste e nas regiões interiores do Nordeste é comum o turismo em espaço rural desenvolver-se em propriedades que se originaram na atividade de criação de gado durante o início da colonização.

No Brasil central, como na Chapada dos Veadeiros, em Goiás, existem estabelecimentos ligados à religião e centros de vivência comunitária. Nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, antigas fazendas cafeeiras, em propriedades com significativo patrimônio arquitetônico, utilizam-se das sedes para alojar turistas e propiciar atividades como ordenha de vacas, colheita de frutas em pomares e pesca em pesque-e-pague, entre outras atividades (RODRIGUES, I., 1999).

No Rio Grande do Sul, no Espírito Santo e em Santa Catarina destaca-se o turismo no meio rural voltado à colonização européia que, segundo Ivone Rodrigues, I. (1999), tem sua origem relacionada à história da imigração européia no Brasil. Esse tipo de turismo rural empresarial híbrido é encontrado, por exemplo, na região vinícola da Serra Gaúcha (Vale dos Vinhedos, em Bento Gonçalves (RS), com a cantina Don Giovanni e a vinícola Casa Valduga).

O Caminho das Pedras, a 12 Km de Bento Gonçalves, também é um roteiro que valoriza o patrimônio histórico e arquitetônico da imigração italiana. O projeto iniciou-se em 1987, impulsionado pelo encontro de um empresário do ramo da hotelaria e um arquiteto, ambos da cidade de Bento Gonçalves (SILVA; ALMEIDA, 2002).

Em Santa Catarina, além do pioneiro desenvolvimento das atividades de turismo no meio rural na Região Serrana, os municípios de São Martinho, Rancho Queimado e Camburiú

também iniciam seu processo de desenvolvimento nessa área, em meados da década de 90 (SANTOS, 2001).

Estudos realizados pelo instituto CEPA/SC, sobre o potencial do agroturismo em Santa Catarina, indicam que as unidades de agroturismo no estado têm em média seis anos de história, embora mais de 60% dos empreendimentos tenham iniciado suas atividades há menos de cinco anos. Os dados do estudo demonstram que a maior parte dos empreendimentos encontra-se em estágio inicial de organização, ou seja, na fase de implantação (TORESAN; MATTEI e GUZZATTI, 2002).

Na atualidade, além dos municípios elencados acima, no estado de Santa Catarina encontram-se, ainda, outras experiências de turismo em espaço rural em fase de desenvolvimento. É o caso da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia (AAAC), fundada no ano de 1999 e que está sediada no município de Santa Rosa de Lima, abrangendo ainda outros municípios das encostas da Serra Geral como Anitápolis, Rancho Queimado e Rio Fortuna. A AAAC originou-se de necessidades locais, impulsionadas pelo desenvolvimento da produção agroecológica nas pequenas propriedades rurais e foi inspirada no modelo de agroturismo francês. Na ocasião firmou-se uma parceria entre a AAAC e a associação de agroturismo francesa *Accueil Paysan*.

A experiência francesa *Accueil Paysan* será descrita com mais especificidade, pois seus princípios tiveram importância essencial para o desenvolvimento do projeto AAAC, experiência que serviu como base dos dados que fundamentam a presente pesquisa.

No início da década de 80, um grupo de agricultores franceses iniciou uma série de debates e reflexões com o intuito de encontrar alternativas viáveis para a permanência e manutenção de suas vidas no campo. Naquele contexto histórico havia se instaurado uma grave crise financeira no meio rural, consequência das políticas agrícolas adotadas pelo governo até o final dos anos 70. Sentindo necessidade de estabelecer uma organização mais articulada, o grupo decidiu formar o CEP – “Comitê d’Etude et de Proposition”, agrupando agricultores, pesquisadores e técnicos com o objetivo de trocar experiências e encontrar alternativas para a crise. Desses encontros, três linhas de trabalho se destacaram: valorização e a transformação dos produtos da propriedade rural; autoconstrução; e acolhida (turismo). Então, o grupo, mais identificado com as questões relacionadas ao turismo em espaço rural,



fundou em 1987 a associação “Accueil Paysan”, que tem sua sede em Grenoble (GUZZATTI, 1997).

A experiência francesa surge com o intuito de

(...) integrar as propriedades rurais de seus associados a uma recepção específica, baseada nos valores dos agricultores. Dividir os conhecimentos da natureza, permitir o contato com os animais e o meio ambiente, mostrar as diferenças do meio rural em cada estação do ano, oferecer e dividir espaços, dividir valores fundamentais dentro de um respeito recíproco, eram suas propostas específicas. Os serviços propostos pelos associados são: pousada colonial, quartos coloniais, camping colonial, mesa (o agricultor oferece refeições para poucas pessoas em sua própria casa) ou restaurante colonial e acolhimento de crianças, grupos e classes. A entidade desenvolveu um caderno de normas para cada serviço (alimentação, hospedagem, etc.), com o objetivo de garantir a autenticidade da associação. Isso acontece, especialmente através da limitação do número de pessoas que as propriedades podem receber (para garantir o atendimento familiar) e também da origem dos produtos servidos para os visitantes (para que realmente sejam, em sua maioria, produzidos pela família de agricultores). A “Accueil Paysan” possui cerca de 400 propriedades associadas na França. Além disso, como estratégia de valorizar os pequenos agricultores, contribuindo para que tenham uma melhor qualidade de vida, abriu a possibilidade de outros países aderirem a sua marca. Neste sentido, 12 países já integram o guia de divulgação da entidade, incluindo o Brasil. (em fase de elaboração)<sup>8</sup>.

As tipologias turísticas no meio rural são definidas com base em seus elementos de oferta. Entre elas destaca-se, neste estudo, a tipologia do agroturismo, aqui entendido como as atividades internas à propriedade que geram ocupações complementares, as quais continuam a fazer parte do cotidiano dos núcleos familiares rurais, em maior ou menor intensidade.

Para Beni (2002), os conceitos de turismo rural e agroturismo possuem diferenciação e características específicas bem definidas.

No caso do turismo rural, a ênfase se dá no lazer e na fruição de equipamentos, que podem representar o patrimônio histórico-arquitetônico e étnico-cultural de determinadas regiões ou, também, de propriedades modernas em complexos turísticos e em hotéis-fazenda especificamente voltados aos turistas. Portanto, como turismo rural o autor entende a

---

<sup>8</sup> O Agroturismo como instrumento de desenvolvimento rural: sistematização e análise das estratégias utilizadas para a implantação de um programa de agroturismo nas Encostas da Serra Geral Catarinense, de autoria de Thaise C. Guzzatti, dissertação de mestrado a ser editada pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis, 2002.

“denominação dada ao deslocamento de pessoas para espaços rurais, em roteiros programados ou espontâneos, com ou sem pernoite, para a fruição dos cenários e instalações rurículas” (BENI, 2002, p. 31).

Já o agroturismo distingue-se do turismo rural por dois grandes aspectos: primeiro, em função de que as atividades agropastoris representam a principal fonte de renda da propriedade, e o turismo apresenta-se como complementar; segundo, o agroturismo coloca as atividades de produção primária como principal atrativo, arbitrando ao turista participar efetivamente, ou não, das mesmas. Logo, por agroturismo o autor entende a “denominação dada ao deslocamento de pessoas para espaços rurais, em roteiros programados ou espontâneos, com ou sem pernoite, para a fruição dos cenários e observação, vivência e participação em atividades agropastoris” (BENI, 2002, p. 32).

Para Torezan, Mattei e Guzzatti (2002), o agroturismo se constitui de um conjunto de atividades complementares à produção primária na propriedade agrícola, ou seja, essa não abandona sua vocação principal, a agricultura, mas vale-se dela para atrair o interesse do turista. Assim, essas atividades complementares (hospedagem, alimentação, industrialização caseira de produtos agropecuários, artesanatos, etc.) propiciam oportunidades de integração entre visitantes e anfitriões. Em síntese, pode-se dizer que o agroturismo compreende um conjunto de produtos e serviços oferecidos por agricultores familiares que se dispõem a compartilhar seus hábitos, costumes e modo de vida com visitantes<sup>9</sup>. Essa sinergia é pautada pela valorização da cultura local e pelo respeito ao meio ambiente.

Campagnola e Silva (1999) afirmam que o agroturismo deve ser entendido como parte de um processo de agregação de serviços aos produtos agrícolas e bens não materiais existentes nas propriedades rurais, como as paisagens, o ar puro, etc. Segundo os mesmos autores, o agroturismo emerge como a modalidade de turismo em espaço rural que mais facilmente pode representar complemento de renda aos núcleos familiares agrícolas, baseando-se, assim, nas seguintes atividades como possibilidades: processamento caseiro de alimentos, gastronomia típica, venda direta ao consumidor, pousada, colheita no pomar, visita

---

<sup>9</sup> Essa caracterização do agroturismo é pautada em pequenas propriedades agrícolas de organização familiar, demonstrando-se mais expressivas nos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Entretanto, já são constatadas algumas iniciativas de atividades turísticas em grandes propriedades agrícolas de monocultura mecanizada no estado do Mato Grosso.

às atividades de produção agropecuária e agroindústrias<sup>10</sup>, pesca, trilhas, contemplação de paisagem, observação de flora e fauna, banhos, camping rural, atividades pedagógicas, artesanato, festas populares e religiosas e feiras agropecuárias, entre outras atividades.

Segundo Le Group Typ (1997), a caracterização das atividades agroturísticas, em sua essência, vincula o trabalho agropecuário no meio rural com uma prestação de serviços pelos próprios agricultores, que são ao mesmo tempo protagonistas desses serviços e sujeitos dos benefícios oriundos da atividade. Na idéia desse protagonismo, os núcleos familiares rurais trabalham de forma associativa e complementar, assegurando o desenvolvimento equitativo de todos.

Em síntese, a oferta agroturística está condicionada aos seguintes princípios:

- ser ofertada por agricultores inseridos em contexto comunitário;
- valorizar a produção agrícola e as distinções socioculturais locais;
- desenvolver práticas de animação e acolhimento;
- ter uma estratégia de promoção com base em uma oferta autêntica; e
- estar integrada ao circuito turístico local-regional.

Conforme Calatrava e Ruiz (1994), o agroturismo se estabelece na agricultura e caracteriza-se por integrar a produção primária em um circuito turístico mediante a gestão integral do território em que se desenvolve. A atividade turística agrega valor aos rendimentos tradicionais oriundos da produção primária por meio da venda direta de produtos ao visitante consumidor e da valorização do patrimônio edificado não utilizado pela empresa rural.

Um exemplo concreto dessa situação são as experiências de agroturismo em Santa Rosa de Lima, onde os agricultores realizam a venda direta de produtos *in-natura* ou industrializados aos visitantes e reutilizam edificações obsoletas (antigas estufas e fornos de fumo) para serviços de hospedagem e alimentação, por exemplo.

A partir do panorama conceitual acima explicitado, está alicerçado este trabalho de pesquisa. Assim, com base em Calatrava e Ruiz (1994), entende-se que a concepção de agroturismo não deve ser limitada, mas sim considerada em toda a sua amplitude, na medida em que o acolhimento ultrapassa o quadro propriamente dito do turismo e das atividades de

---

<sup>10</sup> As agroindústrias aqui referidas são de pequeno porte, utilizadas com o objetivo de agregar valor à produção primária das pequenas propriedades de agricultura familiar, como por exemplo as processadoras de conservas, melado, geléias, queijo, higienização e embalagem de hortaliças, frutas e verduras.

lazer. É por meio dessa amplitude e de suas múltiplas dimensões que ele toma uma forma dinâmica, possibilitando assim manter, desenvolver ou reordenar a vida no meio rural. Cada processo de acolhimento no agroturismo, não é considerado apenas por um eventual desejo individual do visitante, mas principalmente por considerar este visitante, um ator da vida local e beneficiário do desenvolvimento coletivo.

### 3 O MÉTODO DO ESTUDO

A pesquisa é um labor artesanal que se realiza fundamentalmente por uma linguagem baseada em conceitos, proposições, métodos e técnicas, configurando-se assim em um ritmo próprio e particular de construção. Esse ritmo denomina-se ciclo de pesquisa, ou seja, um processo de trabalho que se inicia com um problema ou questionamento, remetendo a um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações (MINAYO, 1994).

Compreender as repercussões das atividades de agroturismo na qualidade de vida dos núcleos familiares agrícolas receptores é o que, de forma geral, se procura fazer neste trabalho. Para tanto, entende-se como requisito compreender qualquer fenômeno associado a seres humanos, privilegiando seus sentimentos, sua história de vida, seus referenciais, seus significados, sua cultura, crenças e valores, enfim, toda a subjetividade e afetividade que os permeia.

Nesse contexto, buscou-se encontrar um método que efetivamente abarcasse a compreensão de tal fenômeno. Em virtude desses aspectos, acreditou-se que os **métodos qualitativos de pesquisa** seriam os mais indicados para a abordagem proposta. Os autores utilizados como base metodológica são Bogdan e Biklen (1994), Lüdke e André (1986), Minayo (1994) e Patrício (1995, 1999).

Para Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa caracteriza-se basicamente pelos dados colhidos diretamente no ambiente natural, ou seja, no local onde ocorre o fenômeno, estando eles em forma de palavras ou imagens de maneira que possam ser descritos, tendo como principal instrumento o investigador. A ênfase substancial se dá no processo e não apenas nos resultados ou produtos da investigação.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, trabalhando com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Busca a compreensão da realidade humana vivida socialmente, ou seja, procura compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, que são integradas de crenças, valores, atitudes e hábitos. Dessa forma, o significado é o conceito central na investigação (MINAYO, 1994).

As características da pesquisa qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994), são as seguintes:

- utiliza-se o contexto onde ocorre o fenômeno como fonte direta para obtenção dos dados;
- o pesquisador é considerado instrumento-chave para o desenvolvimento do trabalho;
- a preocupação está no processo e não simplesmente nos resultados e produtos;
- os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente – mas o fenômeno pesquisado é explicado dialeticamente de forma indutivo-dedutiva e compreendido em sua totalidade;
- o significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

Através dos métodos qualitativos é possível, inclusive, desenvolver propriedades para trabalhar e até transformar questões sociais, de qualidade de vida, seja quando o produto do estudo se refere a conhecimentos aplicados, seja quando o próprio processo de pesquisa gera situações de mudança em benefício dos sujeitos pesquisados (PATRÍCIO 1999).

### 3.1 Tipo de estudo

Entendendo como fundamental o reconhecimento *in loco* do fenômeno a ser estudado, optou-se, entre os diversos tipos de abordagens qualitativas de investigação, pelo **estudo de caso**, o que possibilita focalizar a pesquisa em situações específicas. E a situação específica aqui caracterizada é a busca de entendimento sobre as repercussões das atividades de agroturismo na qualidade de vida dos núcleos familiares agrícolas receptores do município de Santa Rosa de Lima.

Para Lüdke e André (1986), as principais características do estudo de caso são as seguintes:

- visa à descoberta, mesmo que o investigador parta de alguns pressupostos teóricos iniciais;
- enfatiza a interpretação em contexto para uma compreensão mais completa do fenômeno em questão;

- busca retratar a realidade de forma completa e profunda, evidenciando as inter-relações dos componentes da investigação;
- utiliza uma variedade de fontes de informação coletadas em momentos diferentes e técnicas diferenciadas de acordo com a situação.

### **3.2 Princípios éticos norteadores da pesquisa**

De acordo com a resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde, sobre pesquisa envolvendo seres humanos, as normas éticas norteadoras deste trabalho foram as seguintes:

- obtenção de consentimento livre e esclarecido dos sujeitos do estudo;
- orientação aos sujeitos sobre a pesquisa, para que esta se processasse em linguagem acessível e que incluísse a garantia de esclarecimentos, antes e durante o curso de pesquisa, sobre a metodologia do estudo e a liberdade de o sujeito se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase;
- garantia de sigilo que assegurasse a privacidade de dados confidenciais;
- garantia de que os seres humanos envolvidos fossem sempre tratados com dignidade, respeitando sua autonomia;
- garantia de que danos previsíveis fossem evitados e de que a pesquisa tivesse relevância social, com vantagens significativas para os sujeitos e minimização do ônus para os mesmos, garantindo igual significação dos interesses envolvidos;
- obediência ao processo metodológico específico ao estudo, prevendo procedimentos que garantissem a privacidade e proteção da imagem dos sujeitos;
- respeito aos valores culturais e sentimentos expressados pelos sujeitos;
- garantia da inexistência de conflitos de interesses entre pesquisador e sujeitos.

Os princípios éticos foram apresentados aos sujeitos em momentos diferentes: para alguns, na entrada em campo; para outros, no momento da entrevista. Esses princípios

serviram para transmitir segurança e tranquilidade aos sujeitos sobre os rumos e as finalidades do estudo.

### 3.3 O trabalho de campo

O trabalho de campo iniciou-se entre o final do mês de dezembro de 2001 e início de fevereiro de 2002, totalizando cerca de 40 dias de permanência no local do estudo. O processo de coleta de dados ocorreu junto a cinco núcleos familiares agrícolas receptores, todos moradores do interior do município de Santa Rosa de Lima.

A expressão “trabalho de campo” lembra algo ligado à terra. De forma geral, esse é o entendimento de pesquisadores qualitativos no momento de coletar dados, conhecendo os sujeitos e passando o tempo necessário ao lado deles, no tempo-espaço em que são desenvolvidas suas tarefas cotidianas. À medida que o pesquisador vai convivendo com os sujeitos, a relação torna-se menos formal (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 113).

Esse convívio efetivou-se durante toda a pesquisa de campo e foi fundamental para estabelecer uma relação de confiança entre os sujeitos e o pesquisador, tornando claros os objetivos e intencionalidades da pesquisa.

Se, por um lado, o investigador “mergulha” no cotidiano do sujeito, por outro continua do lado de fora. Tenta aprender algo com o sujeito participando de suas atividades, embora sem necessariamente ser como ele. É empático e, simultaneamente, reflexivo (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 113).

Esse “mergulho” aconteceu de forma bastante natural. A própria estrutura desenvolvida para o agroturismo no interior das propriedades rurais facilitou a convivência com os sujeitos, possibilitando um panorama adequado para a realização da pesquisa de campo.

Para fins didáticos, com base em Patrício (1999), o ciclo desta pesquisa foi dividido em três momentos: *Entrando no Campo*, *Ficando no Campo* e *Saindo do Campo*.



### **3.3.1 Entrando no Campo**

O primeiro momento, denominado *Entrando no Campo*, diz respeito às interações iniciais junto ao contexto do estudo. Está focalizado no processo de aproximação com os sujeitos, assemelhando-se a uma espécie de “namoro”.

As ações realizadas durante esse processo possibilitam conhecer o campo, escolher os sujeitos que participarão do estudo, negociar e planejar participativamente todo o processo. Na maioria dos casos, é nesse período que se estabelecem as questões de pesquisa e realiza-se um estudo piloto. Essa fase também pode ser identificada como pesquisa exploratória, tendo o papel de viabilizar o estudo propriamente dito (PATRÍCIO, 1999).

Inicialmente, logo após os contatos de viabilização para realização da pesquisa junto a integrantes ativos da Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral (AGRECO) e da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia (AAAC), foram acertados todos os aspectos relativos ao planejamento do trabalho de investigação através do projeto de pesquisa, ressaltando-se o trabalho de campo que seria desenvolvido pelas técnicas de observação participante do cotidiano de núcleos familiares e de entrevista com representantes desses núcleos.

Paralelamente, realizou-se uma visita de reconhecimento mais detalhada à comunidade de Santa Rosa de Lima, o campo propriamente dito, onde foram feitos os primeiros contatos com os núcleos familiares agrícolas receptores que possivelmente participariam do estudo. Essa visita foi acompanhada por uma pessoa integrante das associações acima citadas, conhecedora da comunidade e da realidade locais.

Na oportunidade realizou-se o pedido formal de autorização para realização do estudo, através da entrega do documento (Anexo 2) onde são explicitados detalhes como objetivos da pesquisa, bem como os princípios éticos norteadores do estudo. Segundo Patrício (1999), essa formalidade serve para legitimar o estudo junto às entidades responsáveis, especialmente quando o campo for uma organização como empresas, comunidades, associações, etc.

#### **A escolha dos núcleos familiares**

Os critérios estipulados para delimitação e escolha dos núcleos familiares partícipes do estudo foram os seguintes:

- residissem no meio rural do município de Santa Rosa de Lima;

- desenvolvessem atividades agropecuárias de natureza orgânica (com o intuito de orientar o agroturismo para uma contribuição socioambiental e educativa mais ampla);
- tivessem como principal atividade produtiva a produção primária e que as suas atividades de agroturismo se caracterizassem como complementares aos rendimentos daquela.

De acordo com os critérios supracitados, foram escolhidos **cinco** núcleos familiares agrícolas receptores para compor o universo de sujeitos desta pesquisa e, na fase *Ficando no Campo*, escolheram-se os sujeitos, representantes dessas famílias, para aprofundamento das questões levantadas na observação.

Na prática, o limite entre as fases *Entrando no Campo* e *Ficando no Campo* demonstrou-se extremamente sutil. Enquanto a primeira aproximava-se da conclusão, a segunda iniciava-se naturalmente, dando segmento ao ciclo da pesquisa.

### 3.3.2 Ficando no Campo

O segundo momento, designado *Ficando no Campo*, compreende toda a fase de convívio junto aos sujeitos, configurando a coleta de dados propriamente dita. Nessa etapa, concomitante ao procedimento de coleta de dados, iniciou-se também o processo de análise e reflexão dos mesmos.

As técnicas utilizadas para coleta de dados em campo foram a “observação participante” e a “entrevista semi-estruturada”.

A **observação participante** envolveu integrantes dos **cinco núcleos familiares** escolhidos, totalizando **21 sujeitos**, entre crianças, adolescentes e adultos. Para a técnica de **entrevista semi-estruturada**, foram selecionadas **12** pessoas desse grupo, na faixa etária entre 15 e 67 anos.

Para cada um dos cinco núcleos familiares pesquisados, houve determinado tempo de permanência. Cada caso determinou naturalmente o tempo necessário para a coleta dos dados. Como preconiza a técnica de observação participante utilizada, houve, inicialmente, alguns dias de convívio, para, posteriormente, quando já estivesse estabelecida a relação de confiança necessária, concretizar a técnica da **entrevista semi-estruturada**.

## **A observação**

A fim de obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos, a técnica de observação ocorre quando se estabelece contato direto entre o pesquisador e o fenômeno observado. Sua importância reside no fato de possibilitar a captação de situações e fenômenos variados, transmitindo o que há de mais imponderável e sutil na vida real (NETO, 1994).

Como preconizam Lüdke e André (1986), a técnica de observação possibilitou o contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno, no caso o cotidiano dos núcleos familiares trabalhando com a produção primária e a recepção dos visitantes. Permitiu que o observador chegasse mais perto da “perspectiva dos sujeitos”, possibilitando apreender os significados que os mesmos atribuem à realidade que os cerca, incluindo suas próprias ações.

A observação, como técnica de coleta de dados, seguiu orientação de Leininger, apud Patrício (1990). Nessa modalidade, a observação é organizada em fases: na primeira, o pesquisador busca aproximar-se do objeto em estudo com o mínimo de interferência possível, expressando prioritariamente momentos de observação; na segunda fase, o pesquisador continua priorizando a observação, mas já introduz alguns momentos de participação, que se expressam por questionamentos, aos sujeitos envolvidos, sobre o cenário observado anteriormente; na terceira fase, o pesquisador continua observando, mas agora com maior participação para compreender melhor a realidade que se constrói. A fase posterior, após a observação participante, costuma ser dirigida aos momentos de entrevista onde se busca mais especificidade sobre o tema em questão. Nela, o pesquisador, se encontra inserido no contexto e conseqüentemente familiarizado com o campo do estudo.

A interação com os sujeitos foi intensa, desde o início até o final da pesquisa de campo, assim, o cotidiano dos sujeitos passou a ser o cotidiano do pesquisador. As trocas aconteciam desde o amanhecer até o momento de dormir. Acordar cedo, tirar o leite das vacas, tratar os animais, tomar um chimarrão, apreciar um delicioso café da manhã, trabalhar na roça, nas agroindústrias, participar das reuniões periódicas, almoçar com a família, atender os turistas, conhecer a propriedade, destrinchar uma galinha para o jantar: assim passavam-se os dias, sempre com muito diálogo e troca de idéias.

Importante destacar que todas essas atividades estavam sendo observadas conforme preconizam as técnicas de coleta de dados na pesquisa qualitativa, entretanto, caracterizavam-se como cenário real de trabalho e acolhimento aos turistas.

Durante o tempo de permanência em campo, a técnica de observação também acontecia nas reuniões, tanto da AAAC quanto da AGRECO, pois estas duas experiências de desenvolvimento comunitário no meio rural permearam todo o contexto do estudo.

### **A entrevista**

Por entrevista semi-estruturada entende-se aqui a realização de entrevistas individuais e/ou coletivas, guiadas por um instrumento de coleta de dados intitulado “Formulário de Entrevistas”. Esse formulário é composto por questões abertas e semi-estruturadas, ou seja, serve para obter as percepções do sujeito com relação ao fenômeno em questão. O instrumento inicia-se pela pergunta de pesquisa, correspondendo ao objetivo geral da investigação, e é seguido por questionamentos mais direcionados que vão ao encontro dos objetivos específicos do estudo. Isso evita induzir a resposta do entrevistado, fato comum nos questionários de perguntas fechadas.

De acordo com o Instrumento de Coleta de Dados (Anexo 1), a pergunta que norteou as entrevistas foi a seguinte: “Na sua percepção, como o agroturismo tem interferido na qualidade de vida de sua família?”. E como questões de apoio, para compreender o fenômeno estudado, realizaram-se os seguintes questionamentos:

- Na sua concepção, o que é qualidade de vida?;
- Conte a sua história com o agroturismo (quando e por que começou);
- Qual o papel da agricultura orgânica para o agroturismo (relação com o ambiente);
- No seu entendimento, o que significa agroturismo?;
- Como ocorrem e quais são as atividades de agroturismo desenvolvidas na sua propriedade?

Sem exceção, todas as entrevistas realizaram-se somente depois de estabelecida uma relação de interação e confiança mútua entre pesquisador e sujeito durante a fase de aproximação na observação participante. Aconteceram em tom de informalidade, mas sempre respeitando o rigor inerente ao método utilizado. Para tanto, constituíram-se de suma

importância os momentos de convívio antecedentes às entrevistas, durante os quais se desempenhou a técnica de observação.

Sempre que possível, as entrevistas ocorreram em locais agradáveis, junto ao ambiente natural, distando de movimentos que pudessem dispersar a atenção dos protagonistas. Demonstrou-se importante encontrar locais em que os sujeitos se sentissem à vontade para realizar seus depoimentos da forma mais natural e profunda possível.

As entrevistas foram todas gravadas com o consentimento dos sujeitos e, como precaução, as informações mais importantes, registradas manualmente no Caderno de Campo.

### **O processo de análise dos dados**

Nos métodos qualitativos, a análise dos dados tende a ser indutiva, ou seja, o objetivo da coleta não é confirmar ou negar hipóteses; as abstrações são construídas na medida em que os dados particulares forem sendo agrupados e analisados. E o mais importante, de acordo com Minayo (1994) e Bogdan e Biklen (1994), é que, ao contrário da abordagem quantitativa, que não considera os significados como dados de pesquisa, a abordagem qualitativa tem estes como foco dos dados. Segundo esses autores, os investigadores que fazem uso dessa abordagem estão interessados principalmente no modo com que as pessoas dão sentido às coisas, como elas percebem os fenômenos.

A análise dos dados geralmente não se desenvolve em uma seqüência linear, mas se interpola em vários momentos, rebuscando paciência e disciplina e criatividade. Nos métodos qualitativos ela desenvolve-se concomitantemente à coleta de dados, visto que se preconiza o desenvolvimento gradativo do tema estudado, de forma que um dado oriente a interpretação e compreensão de outros dados. Essa forma de analisar no próprio processo permite ao pesquisador voltar com os dados ao sujeito para validar sua compreensão, suas impressões, e aperfeiçoar os que não estão claros. Também permite ao pesquisador perceber o momento de saturação dos dados, pois quando estes começam a repetir-se é chegada a hora de optar pela interrupção da coleta (PATRÍCIO, 1999).

Essa técnica integra a leitura intuitiva e analítica dos dados, contemplando a não-linearidade. A análise utiliza-se da intuição reflexiva e criativa. Através desse movimento, busca-se identificar categorias e temas, tendo como base o olhar sintético e construtivo das

teorizações que emergem ou que se explicitam, que se fundamentam através da leitura de **análise-reflexão-síntese** da integração de todos os dados (PATRÍCIO, 1995).

Esse movimento iniciou-se durante a coleta dos dados. Depois de transcritas todas as entrevistas e organizadas junto às demais informações coletadas em campo, realizou-se uma análise minuciosa e posterior categorização dos dados. Feito isso, passou-se para a descrição dos dados, aliada à discussão dos mesmos. Conforme princípios do método, a busca de apoio na literatura foi realizada concomitantemente ao procedimento de análise dos dados. Assim, a literatura teve como especial finalidade apoiar a compreensão dos temas que surgiram no decorrer da investigação.

### **3.3.3 Saindo do Campo**

O terceiro momento, intitulado *Saindo do Campo*, caracteriza-se por interações que podem acontecer gradativamente no decorrer do processo de colher dados, mas tem seu caráter específico ao final deste. Dependendo do tipo de estudo, pode se concretizar por despedidas, encaminhamentos futuros, ou encontros, para a apresentação e devolução dos dados. A “Devolução dos Dados”, processo que tem sido desenvolvido pelos integrantes do núcleo de pesquisa TRANSCRIAR-UFSC junto a populações envolvidas (sujeitos), demonstra que esses momentos que deveriam caracterizar o “final do estudo” acabam, na maioria das vezes, gerando reflexões fundamentais e outros temas de interesse mútuo (PATRÍCIO, 1999, p. 74)

O processo de “devolução” e “validação” dos resultados na Comunidade aconteceu após a análise final dos dados, quando faltava apenas redigir o relatório, por volta de sete meses depois de terminado o trabalho de campo. Essa etapa foi marcante e fundamental, tanto para os sujeitos quanto para o estudo e o pesquisador.

Para tornar o encontro mais prazeroso e tendo em vista também o objetivo vivencial, humanístico e solidário da apresentação dos dados, foi planejado um almoço de confraternização para esse momento. Compareceram nove sujeitos, dos 12 que haviam participado das entrevistas. O diálogo reflexivo transcorreu no meio da tarde, em um lugar calmo, agradável e familiar. Os resultados do estudo foram apresentados oralmente, em etapas, pelo pesquisador, focalizados nas categorias encontradas. A palavra foi aberta para qualquer intervenção em qualquer momento e alguns depoimentos causaram emoção nos protagonistas – até mesmo lágrimas surgiram em alguns olhos atentos. Constatou, por parte dos sujeitos, que,

das inúmeras pesquisas já realizadas no local, essa havia sido a primeira que lhes proporcionava esse tipo de retorno.

Todas as categorias emergentes do processo de análise foram confirmadas unanimemente pelos sujeitos e algumas foram acrescidas de informações já amadurecidas, complementando algumas lacunas do estudo.

O momento da devolução e validação dos dados junto aos sujeitos também teve objetivo de discutir, refletir e buscar alternativas com o intuito de prevenir possíveis impactos decorrentes do desenvolvimento da atividade turística na região.

## **4 AGROTURISMO E A AGROECOLOGIA EM SANTA ROSA DE LIMA (SC)**

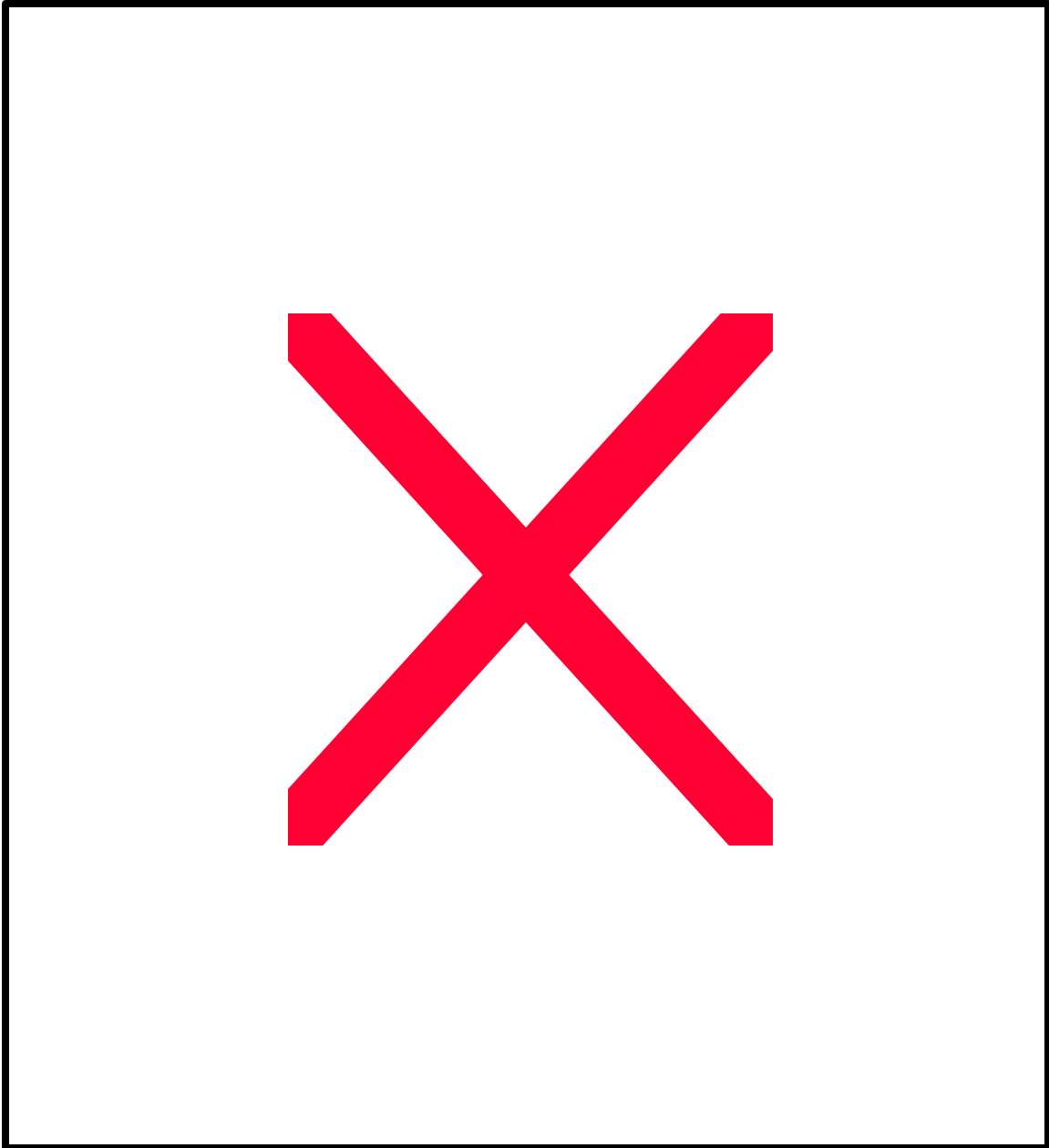
Este capítulo apresenta a descrição da realidade estudada, mostrando a sua construção histórica e as atividades atualmente desenvolvidas, descrição essa sustentada por percepções dos sujeitos sobre qualidade de vida, agroturismo e agricultura orgânica. Contextualiza-se então, o campo físico e social dessa realidade, situando o leitor para posterior compreensão do tema propriamente dito. Em um segundo momento, já com base nas percepções dos sujeitos, apresentam-se as práticas de agroecologia e agroturismo naquela comunidade, bem como as percepções sobre o Processo Construtivo AGRECO/AAAC, as interfaces do agroturismo com os modelos agrícolas orgânico e convencional, as “sementes” dos projetos e sua evolução através do desenvolvimento participativo.

### **4.1 O campo do estudo**

O município de Santa Rosa de Lima localiza-se na mesorregião Sul do Estado de Santa Catarina, possuindo cerca de 2 mil habitantes, predominantemente na área rural. Distante cerca de 120 km da capital, Florianópolis, está situado junto às encostas da Serra Geral e ao Vale do Rio Braço do Norte, integrando, juntamente com outros 16 municípios, a microrregião de Tubarão. É delimitado territorialmente ao norte por Anitápolis, ao sul por Rio Fortuna, a leste por São Francisco e São Martinho, e a oeste por Rio Fortuna e Urubici (vide figura 1).



**FIGURA 1 – Mapa de localização: área de estudos de campo**



Em função da crise de sustentabilidade gerada pelo modelo agrícola convencional, desencadeia-se um novo panorama agrícola na região, baseado na organização solidária e na produção orgânica de alimentos. Esse novo modelo é mediado pela Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral (AGRECO), que é uma organização de agricultores familiares ecológicos e de pessoas comprometidas com o desenvolvimento sustentável das Encostas da Serra Geral. A entidade tem como atividades principais o apoio à produção primária, ao beneficiamento, à industrialização e à comercialização da produção orgânica de alimentos.

No ano de 1996, um grupo de agricultores aceitou o desafio de um supermercadista, natural do lugar, de produzir alimentos orgânicos com o intuito de suprir a demanda emergente nos centros urbanos por produtos mais saudáveis e naturais. A partir de quatro famílias produtoras e outras pessoas ligadas de alguma forma à região, naquele mesmo ano nasce a AGRECO, abrangendo os municípios situados às cabeceiras dos rios Braço do Norte e Capivari. Com a criação da associação, o número logo se ampliou para cerca de 200 famílias de agricultores partícipes.

A partir disso, desencadeou-se um intenso trabalho buscando a formação de grupos de agricultores familiares em torno da atividade de beneficiamento e/ou transformação da produção agroecológica. Em novembro de 1998, o Projeto de Agroindústrias Modulares em Rede foi encaminhado e aprovado pelo Ministério da Agricultura. Esse projeto, financiado pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), tem como objetivo promover um amplo processo de desenvolvimento solidário na região, pela agregação de valor baseada em agroindústrias rurais de pequeno porte e pela geração de oportunidades de trabalho e de renda.

Ao mesmo tempo que as agroindústrias agregam valor à produção primária, envolvem os produtores em uma organização, viabilizando assim a inserção produtiva dos mesmos. Cada agroindústria pertence a um condomínio composto por duas ou mais famílias de agricultores. As famílias deslocam sua produção para a agroindústria, onde ocorre a manipulação e conseqüente agregação de valor aos produtos primários. Os produtos manipulados são distribuídos levando o nome da AGRECO e do respectivo condomínio. Atualmente existem

26 condomínios associados à AGRECO e o projeto, quando totalmente implementado, deverá contar com 53 condomínios.

A AGRECO realiza planejamento e gestão participativos através de ações e atividades pedagógicas como reuniões, palestras, cursos e oficinas, dias de campo e seminários envolvendo os núcleos familiares e indivíduos associados.

A Associação orienta-se por ter compromisso com princípios agroecológicos; ser aberta a todos os agricultores da região (respeitadas as normas da organização); valorizar a identidade cultural dos associados; buscar a competitividade a partir da cooperação, da solidariedade e do espírito inovador de seus associados; agregar valor aos produtos primários a partir das próprias famílias de agricultores; buscar a auto-sustentabilidade e o equilíbrio ambiental; estabelecer relações inter-institucionais baseadas em parcerias e no estabelecimento de redes; buscar a igualdade de oportunidades e a distribuição de renda entre seus associados; ter preocupação com a saúde dos agricultores e consumidores; diversificar a produção agropecuária

As atividades de agroturismo são mediadas pela Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia (AAAC), sediada em Santa Rosa de Lima e que forma um circuito agroturístico que abrange também os municípios de Anitápolis, Rancho Queimado, Rio Fortuna e Gravatal, todos localizados nos arredores do município-sede. A Associação, criada em 1999, foi inspirada no projeto de agroturismo francês *Accueil Paysan*, que por sua vez valoriza o turismo íntimo e próximo do dia-a-dia dos agricultores.

O agroturismo se estabelece a partir das atividades agropecuárias desenvolvidas no interior das pequenas propriedades rurais daquela região, e os visitantes geralmente buscam conhecer o processo de produção de alimentos vivenciando o cotidiano dos agricultores.

Entre as principais atividades de produção acompanhadas pelos visitantes podemos citar: produção primária (plantio, cultivo, colheita); transformação agroindustrial; extração de mel e leite; cuidados com a criação de aves, suínos, ovinos, bovinos e eqüinos. Existem também os momentos de integração e lazer, desde uma roda de chimarrão ou uma farta refeição consumida com a própria família anfitriã até atividades de vivência e contemplação do ambiente natural, como trilhas ecológicas, banhos de rios, cachoeiras e águas termais.

A AAAC tem como finalidade principal proporcionar a melhoria da qualidade de vida dos núcleos familiares agrícolas daquela comunidade, fortalecendo cada vez mais a auto-estima através da valorização do trabalho com a terra, ao mesmo tempo que proporciona complemento da renda para a atividade produtiva principal, que é a agricultura.

As atividades de agroturismo realizadas a partir dos núcleos familiares agrícolas receptivos e mediadas pela AAAC têm as seguintes características:

- a recepção dos turistas pelos agricultores familiares é parte integrante da atividade do estabelecimento rural;
- os agricultores familiares que recebem turistas desejam mostrar o seu trabalho e o meio onde vivem (contato com os animais, conhecimento sobre plantas, o ritmo das estações do ano, etc.);
- a recepção e o convívio do agricultor e sua família com o turista ocorrem num clima de troca de experiências e de respeito mútuo;
- o agroturismo deve manter preços acessíveis ao perfil do público-alvo;
- o agroturismo se constitui num fator de desenvolvimento local, contribuindo para manter o meio rural “vivo” – demográfica, cultural e ambientalmente – com perspectivas de futuro para os seus jovens;
- o agricultor garante a qualidade dos produtos e dos serviços que oferece;
- os serviços de agroturismo são oferecidos em habitações adaptadas, propiciando conforto, higiene e segurança;
- os serviços agroturísticos são planejados e organizados pelos agricultores familiares mediados pela AAAC.

#### **4.2 As práticas de agroecologia e agroturismo na Comunidade**

Porque objetivo da família do agricultor é que se ele ainda está trabalhando com a terra é porque ele gosta e quer ficar ali.

Por exemplo, eu ainda estou aqui não foi por falta de oportunidade de sair, mas é porque eu gosto de estar aqui. E assim milhares de pequenos agricultores estão onde estão porque gostam. O objetivo é viver em harmonia com isso, na terra onde ele está, onde conseguiu criar raízes (Agricultor).

Para melhor compreensão do fenômeno em estudo, iniciaremos conhecendo o entendimento dos sujeitos no tocante às práticas de agroecologia desenvolvidas no interior das pequenas propriedades rurais da região. Alguns possuem uma compreensão mais ampla do que outros, mas, pelo que se pode evidenciar, os agricultores envolvidos nos projetos seguem uma linha comum de percepção sobre a agroecologia. Existe um consenso no sentido de que ela não é apenas uma alternativa de sobrevivência, mas a busca de um ideal de qualidade de vida voltado para a coletividade e a vida em harmonia com o ambiente.

Os agricultores que produzem em grande quantidade atacam tudo com veneno, eles abastecem os grandes CEASA, nos grandes centros, com a maior facilidade. Nós não podemos fazer isso, pois estaremos estragando as plantas. E eles só têm interesse em ganhar dinheiro. Nosso trabalho é diferente, nosso trabalho é mais social, de como foi elaborado o nosso plano de trabalho, o nosso estatuto, a gente está seguindo isso aí (Agricultor).

É um pouco complexo explicar o que é agroecologia. Eu a coloco como um modo de vida, uma maneira de viver que é preciso sentir, viver. Só fazer para os outros não dá. Na minha opinião, e hoje na AGRECO, infelizmente tem muitos agricultores que fazem isso, agroecologia para vender e não para si. Tem que viver a coisa. Não é dizer: “Não use veneno porque eles não querem que use”. Mas eu não uso veneno porque eu não acho certo usar. Eu não derrubo o mato porque eu acho que eu devo ajudar a preservar. Eu não joga lixo por aí fora porque sei que não é certo, não porque os outros dizem que não devo fazer. Acho que a gente precisa ter essa consciência; é um modo de viver. Agroecologia na minha opinião é isso; plantar sem veneno é apenas uma consequência. A gente precisa pensar primeiro que vai produzir organicamente porque a gente quer se alimentar assim; depois o que

precisar, o que tiver, a gente pode vender. Manter aquela qualidade não simplesmente para ganhar dinheiro (Agricultor).

A partir desses depoimentos, pode-se ter mais clareza sobre o trabalho de agroecologia desenvolvida na região do estudo e dessa forma compreender melhor as razões pelas quais as atividades de agroturismo estão se apresentando com intensidade naquelas propriedades. Grande parte dos turistas vem com o intuito de conhecer as experiências de agroecologia, demandando assim a prestação de serviços por parte das famílias receptoras para acomodação e bem-estar dos visitantes.

Os agricultores daquela Comunidade caracterizam agroturismo a partir do próprio cotidiano, principalmente relacionado ao processo de trabalho com as atividades agropecuárias desenvolvidas no interior de cada propriedade rural. Também se fazem presentes aspectos relativos ao contato com o ambiente natural e ao lazer, à alimentação e à hospedagem realizados especificamente em função da demanda dos visitantes.

Oferecemos visitas à agroindústria, lá os turistas conhecem a produção dos derivados de cana. Também oferecemos o café colonial, almoço, dependendo do horário das visitas. Nós temos também a trilha ecológica, com o balanço<sup>11</sup>. Conhecem a permacultura, os princípios de cultivo orgânico dos alimentos (Agricultor).

O agroturismo é uma atividade que acontece nas propriedades do agricultor que trabalha nas suas atividades com criação de gado ou agricultura (Agricultor).

Os turistas vêm conhecer nossa agricultura, agroindústrias, a AGRECO, a preservação do meio ambiente (Agricultora).

---

<sup>11</sup> Balanço de cordas preso a uma árvore com cerca de dez metros de altura, utilizado como atrativo de lazer. Situa-se entre remanescentes de Mata Atlântica primária, com acesso pela trilha ecológica do Condomínio Doce Encanto, interior do município de Santa Rosa de Lima.

Destaca-se com significativa intensidade a busca dos visitantes pelas experiências de produção agropecuária orgânica desenvolvidas naquelas propriedades. Alguns turistas são agricultores à procura de novas alternativas de produção, e outros são oriundos do meio urbano esperando conhecer a origem dos alimentos consumidos na cidade.

Os turistas vêm de fora olhar as plantações sem agrotóxicos para poder produzir lá no lugar deles. Eles vêm para aprender a plantar sem veneno.  
(...) ver como são produzidos os alimentos que eles consomem na cidade, se eles realmente são orgânicos (Agricultor).

A partir de suas próprias realidades, os sujeitos demonstram uma singela esperança de um dia partilhar e disseminar por todo o país as experiências de agricultura orgânica ou isenta de agrotóxicos.

Daqui a algum tempo o Brasil inteiro está plantando sem agrotóxicos (Agricultor).

Nota-se que, além de saber que o turista almeja conhecer *in loco* a produção agropecuária orgânica, os agricultores sentem prazer em mostrar o fruto do seu trabalho. Mostrar a produção configura-se como fator determinante da satisfação do turista e do(a) próprio(a) agricultor(a).

Mesmo que muitos turistas não duvidem da seriedade dos agricultores, estes sutilmente fazem questão de mostrar que a produção realmente é orgânica, dada a dificuldade e empenho na conquista desse estado atual de produção. A fase de transição do modelo agrícola convencional para o orgânico requer muito trabalho, tempo e dedicação.

A gente não precisa dizer muito: é só convidá-los para acompanhar a colheita e o preparo dos alimentos e eles já entendem tudo, que na verdade é orgânico. Daí eles acreditam, só dizendo o povo não acredita, eles têm que ver, eu faço questão de mostrar. Isso eles acham que é muito bom, acham que isso aí está ajudando a saúde (Agricultor).

Além da vontade de conhecer o cotidiano dos agricultores e as experiências de cultivo orgânico de alimentos, muitos visitantes buscam também o sossego e as belezas naturais da região.

Eles conversam com os agricultores, vão junto para a roça trabalhar, ajudam a tirar leite, acompanham o que a gente faz. Eles também gostam de olhar a mata nativa (Agricultora).

As pessoas vêm com interesse de conhecer a vida do agricultor, conhecer as atividades agrícolas, ter contato com a natureza (...). Eles procuram também mais sossego, porque a gente sabe que as cidades têm muito movimento (Agricultor).

O perfil dos turistas nessa Comunidade é segmentado: em geral são pessoas que não procuram luxo e têm como interesse principal conhecer o modo de vida, trabalho e cultura da população receptora.

O pessoal que vem aqui é simples, gosta das coisas simples, não procura luxo. Nós também procuramos seguir as orientações dos técnicos de agroturismo, que nos auxiliam com idéias para as instalações e serviços. Geralmente a decoração é mais antiga e rústica (Agricultora).

O agroturismo, em Santa Rosa de Lima, evidencia a participação direta dos turistas no cotidiano da vida dos núcleos familiares receptivos. A intenção dos gestores e participantes do projeto de agroturismo é de que a realidade cotidiana dos núcleos receptivos não se modifique em função do anseio dos visitantes.

Para o turista fazer agroturismo é viver o dia-a-dia do agricultor, vir aqui, almoçar comigo, jantar na minha mesa, tomar um chimarrão, ir pra roça ver como eu planto, ir pro rancho tirar leite, até ajudar a preparar o almoço, isso é agroturismo, é a nossa vida, aquilo que nós somos. Não é algo que se faça em função dos turistas (Agricultor).



As experiências dessa Comunidade demonstram um diferencial significativo em relação a outras localidades receptoras onde o atrativo é planejado, construído e organizado a partir da demanda.

É bem diferente de outra maneira de turismo em que tu fazes as coisas para os turistas e de repente tu não vives aquilo. Tu só serve ao turista. Aqui nós não servimos o turista, ele faz parte da nossa família, do nosso dia-a-dia. Agroturismo é isso. Fazer parte do dia-a-dia do agricultor. Para mim isso está claro (Agricultor).

Outra característica das atividades de agroturismo em Santa Rosa de Lima é a de que elas estabelecem uma relação de troca de experiências entre a população receptora e seus visitantes. Na medida em que se estabelece um diálogo entre os mesmos, a busca de conhecimento pelos turistas sobre as atividades agropecuárias e a cultura da comunidade visitada traz, também, informações e conhecimentos de suas realidades, despertando grande interesse nos agricultores, o que vem a produzir uma relação mútua de ensino-aprendizado.

A agricultura orgânica e o agroturismo estão totalmente ligados; uma coisa tem a ver com a outra. O visitante não vem só para comer e beber; ele vem para conhecer o nosso trabalho, para ver como funciona a nossa colônia, como recebemos pessoas e ao mesmo tempo produzimos alimentos. A gente vai passando isso para eles e eles, também trazem muitas informações para nós (Agricultor).

Percebe-se que as atividades de agroturismo desenvolvidas nesse contexto aliam atividades educativas relacionadas à produção agropecuária orgânica e conservação ambiental com lazer, alimentação e hospedagem, presentes em qualquer tipologia de turismo tradicional. Assim, o agroturismo é intrínseco às atividades agropecuárias orgânicas desenvolvidas no cotidiano das propriedades rurais, à cultura daquelas famílias e ao ambiente natural de exuberante beleza presente em cada propriedade rural.

Outro aspecto constatado na pesquisa de campo é que o agroturismo também tem o papel de atender às necessidades de comercialização da produção, na própria localidade. Se, por exemplo, uma família passar o final de semana fazendo agroturismo na região e, antes de retornar, adquirir insumos alimentícios para sua demanda semanal, diretamente dos agricultores orgânicos, esse processo, no mínimo, poderá trazer as seguintes vantagens para os turistas: a recuperação de boa parte das despesas da viagem em virtude da diferença de preço, em comparação aos supermercados da cidade de origem; e o próprio consumo *in loco* de produtos orgânicos, frescos e de qualidade. Isso, para os agricultores locais, além de outros fatores, representa mais uma oportunidade de comercialização da sua produção.

O agroturismo nessa Comunidade contempla as seguintes possibilidades atrativas: conhecer a produção agropecuária de natureza orgânica; conhecer o processo de construção e gestão dos projetos de agroturismo e agricultura orgânica; vivenciar os costumes e a cultura local, de origem, predominantemente, alemã; participar ativamente das atividades produtivas no cotidiano das propriedades rurais; comprar produtos frescos, de origem orgânica, com baixo custo, diretamente dos agricultores; apreciar alimentação farta e típica da região; ter hospedagem sem luxo, mas limpa e carinhosamente preparada pelas mulheres agricultoras; contemplar as paisagens da região; desenvolver atividades lúdicas e recreativas em ambientes naturais.

Entre os principais atrativos destaca-se a culinária típica da região, predominantemente de origem alemã. De forma geral, as refeições oferecidas pelas famílias são as seguintes:

**Café da manhã:** café passado, leite, suco de frutas, nata, qualhada, melado, açúcar mascavo, queijo colonial, salame defumado, pão caseiro de milho, trigo e centeio, docinho de trigo, pão de queijo, rosca de polvilho, doces (*schmier*<sup>12</sup>) de banana, abóbora, morango, amendoim e mamão, bolo de cenoura, de chocolate e de laranja, toucinho do céu (bolo doce), bolinho de feijão mexido com ovos fritos.

Quando o pessoal chega na mesa dizem: – Ohhh, que banquete! Eles gostam muito (Agricultora).

Hábito marcante entre as famílias da região é o consumo da rosca de polvilho coberta com nata e açúcar mascavo.

**Almoço:** *gemüse*<sup>13</sup>, sopa de galinha caipira, aipim cozido, galinha caipira ao molho, carne assada de porco, gado, ou ovelha, arroz branco, feijão, arroz com galinha, macarrão caseiro com ovos, variedade de saladas (rúcula, alface, agrião, cenoura, pimentão, tomate, cebola, brócolis, couve-flor, repolho, chuchu, beterraba, maionese de batata, aipim), risoto, etc.

**Sobremesas:** gelatina, pudim de leite, sopa de frutas, compotas de frutas da época, etc.

**Café-colonial:** café passado, leite, pão de milho, pão de trigo com batata, pão de açúcar mascavo, pão de queijo, salame, queijo, torresmo, rosca de polvilho, bolo de aipim, bolo de fubá, bolo de cenoura, bolo de milho, toucinho do céu, rocambole, cucas, melado, mel, açúcar mascavo, nata, qualhada, *schmier*, pão de queijo, salame defumado, queijo, frutas, sucos de frutas, bolacha. (O que não é produzido na propriedade vem de outras agroindústrias.)

As refeições geralmente são servidas na própria casa dos agricultores, e algumas propriedades foram reestruturadas para receber e servir grupos maiores. Espaços obsoletos, como galpões e estufas de fumo ou até mesmo uma antiga casa já não mais utilizada pela família, têm sido utilizados para essa finalidade.

#### **4.3 Percepções dos agricultores sobre a construção da identidade “Agroturismo e a Produção Orgânica de Alimentos”: o processo construtivo AGRECO/AAAC**

O depoimento abaixo expressa uma síntese do processo de construção desse movimento de agricultura orgânica–agroturismo na Comunidade e mostra os projetos AGRECO/AAAC interferindo na tomada de decisão das famílias sobre o processo de evasão e êxodo rural em função da anterior falta de oportunidade no referido local.

Já fomos fomicultores, depois trabalhamos com produção de ovos (aviário de postura). Com a abertura do mercado para o Mercosul e a inserção do Plano Real, houve uma queda expressiva no preço dos produtos agrícolas, chegando ao ponto que o faturamento com os ovos mal cobria o custo da

---

<sup>12</sup> Espécie de geléia doce de frutas típica da culinária alemã.

<sup>13</sup> Prato típico alemão elaborado à base de legumes.

alimentação para as galinhas. Tivemos que parar, pois do contrário não conseguiríamos sobreviver e nos afundaríamos em dívidas. E aí fazer o quê? A única alternativa que nos restou no momento foi abandonar o campo. Já estava tudo encaminhado para irmos morar em São Paulo. Na época teria emprego para mim e minha esposa, mas não poderíamos levar nossos dois filhos, pois não havia lugar nem escola para eles. Esse foi o motivo que nos fez esperar mais um pouco. Logo em seguida a AGRECO iniciou o trabalho com algumas famílias que produziam hortaliças. Houve a necessidade de diversificar a produção, aumentando assim o número de sócios, caso contrário não conseguiria segurar o mercado. Com a AGRECO surgiu a oportunidade de construir as agroindústrias em rede. Na época em que paramos com o cultivo de fumo e iniciamos a criação de galinhas a gente “encheu” as terras de cana de açúcar por ser uma cultura mais rústica e não correr muito risco de perdas no caso de estiagem ou granizo. A gente já tinha “dado tantas cabeçadas na vida”. Optamos por plantar a cana levando-a aos alambiques para fazer cachaça, daí apareceu a AGRECO com proposta de agroindústrias para derivados de cana. E como já tínhamos cana cultivada entramos com toda a força no projeto. As primeiras conversas sobre turismo surgiram com o Wilson Shimidt<sup>14</sup>, onde se sentiu a necessidade de criar uma organização para atender as pessoas que tinham interesse em conhecer o projeto e os produtos (Agricultor).

#### **4.4 Interfaces do agroturismo com os modelos agrícolas orgânico e convencional**

Como nesse caso específico o processo de agroturismo está intimamente relacionado com a produção orgânica de alimentos, entende-se que é importante estabelecer uma discussão introdutória a fim de compreender melhor essa relação a partir das percepções dos sujeitos deste estudo. Abordam-se, então, questões de sustentabilidade nas atividades de agroturismo, estabelecendo contrapontos entre elementos do modelo convencional de produção agrícola e a produção orgânica de alimentos.

---

<sup>14</sup> Coordenador geral do projeto AGRECO.

Eu acho que não vai muito longe, até porque a agricultura convencional é um modelo que não se auto-sustenta, um modelo que não traz perspectivas de um futuro melhor. Você pode até ter um lucro imediato melhor, mas daqui a pouco o consumidor ou alguém da família pode se contaminar ou ter um câncer e aí de que adianta aquela dinheiro a mais? Então eu acho que no sistema orgânico você começa ganhando menos mas tem a esperança de um dia estar aí trabalhando, com mais dinheiro no bolso, mais qualidade de vida, mais organizado, mais visitantes, mais pessoas alegres na tua volta. Você pode ficar com a consciência tranqüila de que está fazendo o bem para a humanidade. Acho que não tem outra prática que possa substituir a cultura orgânica na produção de alimentos (Agricultor).

Ah, se estivesse usando veneno, acho, não sei, poderia até acontecer mas não é certo. Agora eles vêm para conhecer os produtos orgânicos e a maneira com que produzimos os orgânicos. Tem também a conservação do meio ambiente, que é muito importante (Agricultor).

É difícil. É difícil porque não adianta misturar as coisas que isso não funciona. Se a gente diz uma coisa e o visitante vem e vê que é outra coisa, não funciona, acaba, desmorona. O que a gente diz que é a gente deve ser. Se a pessoa escutou isso e vê que de fato é mesmo, sem dúvida ele traz mais algum parceiro. Do contrário, sem dúvida, ele não volta mais. O visitante não deve ser enganado, ele deve ser respeitado como a gente (Agricultor).

Um produtor que trabalhe com a agricultura convencional pode trabalhar com agroturismo? Claro que pode, mas eu não acredito que ele tenha sucesso (...) Na nossa proposta, quem entra para o agroturismo, para a Associação, tem até dois anos para fazer a mudança. Produzindo para vender e a produção que ele consome tem de estar dentro da agroecologia. Se nesse tempo ele não fizer mudança a Associação pede para ele se retirar e pronto. Até porque lá na França a agroecologia é um diferencial do agroturismo e eles são muito exigentes nesse ponto (Agricultor).

A partir das considerações acima, percebem-se possibilidades para o desenvolvimento de projetos voltados ao agroturismo baseados no modelo convencional de produção primária. Entretanto, segundo os depoimentos, a insustentabilidade socioambiental desse modelo de produção repercute negativamente na implementação de tais projetos. Essas colocações não afirmam que o agroturismo seja inviável junto ao modelo convencional de produção primária, mas que, de acordo com as tendências mundiais na busca pela melhoria da qualidade de vida através de uma alimentação mais saudável, o agroturismo, aliado à produção orgânica, torna-se muito mais atrativo perante os visitantes, o que propicia maiores chances de impulsionar as atividades.

Percebe-se que existe clareza, por parte dos agricultores daquela comunidade, sobre o fato de que as atividades de agroturismo são inerentes à produção agropecuária, ou seja, a produção primária proporciona sustentação ao agroturismo na medida em que ela é o principal atrativo para aquelas atividades.

Todos os que vêm aqui gostam e dizem que têm futuro e eu também acho, mas é claro que parar de plantar nós não iremos, porque se não os turistas não poderiam levar nada do que produzimos. Assim eles levam as coisas e voltam, muitos vêm para ver a produção (Agricultora).

Entende-se neste trabalho que a produção agropecuária não deva ser substituída por atividades de agroturismo. O que se espera é que o agroturismo insira-se como complemento da atividade principal, que nesse caso é a produção primária orgânica, podendo assim proporcionar ao agricultor uma alternativa a mais na gestão da propriedade rural.

#### **4.5 As sementes dos projetos**

Depois de entender melhor o que é o agroturismo e como se apresentam as suas interfaces com a produção primária de alimentos na Comunidade, com base na percepção dos sujeitos do estudo, apresenta-se a seguir gênese do projeto de agroturismo

Os trabalhos com agroturismo em Santa Rosa de Lima emergem a partir da demanda criada pela visitação de pessoas de fora da Comunidade, com o objetivo de conhecer a agricultura familiar voltada para a produção orgânica de alimentos. Aliam-se assim, através do agroturismo, o suprimento dessa demanda com o complemento de renda para os núcleos familiares partícipes do processo.

Quando tudo começou a gente vinha trabalhando aqui na propriedade há muitos anos, conhecíamos o professor Wilson Schimidt há muito tempo e estávamos sempre a par dos seus estudos. Ele trouxe essa semente para nós (Agricultor).

Foi por causa do pessoal da AGRECO. Vinha gente de fora conhecer a experiência e não tinha onde ficar. Foi o Wilson Schimidt veio propor que acolhêssemos as pessoas, pois tínhamos uma casa boa que não morava ninguém e ele sugeriu que fizéssemos uma pousada (Agricultora).

Surgiu a proposta de iniciar a Associação. Como a Thaise<sup>15</sup> tinha estudado na França, trazendo a experiência deles, juntamente com o pessoal do CEPAGRO de Florianópolis e as prefeituras da região, começamos a reunir o pessoal e esclarecer sobre o que é o agroturismo, que benefícios poderia trazer. No início houve muitas pessoas que se empolgaram (Agricultor).

Isso no início, o começo, veio a Thaise, agrônoma que fez um estágio na França. Lá eles já trabalham com isso há muitos anos. É divulgado em toda a França e lá tem dado certo. A partir daí, através de algumas reuniões, o pessoal decidiu trabalhar com esse tipo de atividade (Agricultor).

O Wilson articulou uma reunião convidando algumas pessoas que tinham algum potencial que poderia ser explorado, como instalações para comida e hospedagem, mas também deixou aberto para quem tivesse interesse em trabalhar com turismo. Nós não fomos convidados especialmente, mas

---

<sup>15</sup> Assessora técnica do Projeto AAAC.

participamos da reunião pensando em explorar o turismo como alternativa e complemento de renda, utilizando principalmente a agroindústria de derivados de cana e a plantação como principais atrativos (Agricultor).

Percebem-se, nesses discursos, duas questões de maior significância.

A primeira diz respeito aos visitantes oriundos de outras regiões buscando conhecer as experiências da AGRECO. Essas pessoas geralmente vêm de longe, necessitando, na maior parte dos casos, de pouso e alimentação. Sem dúvida, a melhor alternativa é hospedar-se na própria casa dos agricultores, o que possibilita maior integração e favorece a troca da experiência almejada. A partir daí, desencadeia-se o desenvolvimento das atividades de agroturismo propriamente ditas.

A segunda refere-se às experiências trazidas de fora, pelos “intelectuais orgânicos”<sup>16</sup> que de alguma forma possuem ligações intensas com a região em questão, tanto no projeto AGRECO, “berço” das experiências de agroturismo, quanto no projeto AAAC, que possui origem na experiência francesa de agroturismo *Acuil Paisan*, trazida pela principal responsável na implementação e gestão do projeto AAAC.

### **Os primeiros passos**

As primeiras ações efetivas para organização das atividades de agroturismo iniciam-se com pouco, e às vezes nenhum, investimento financeiro. Com o passar do tempo, as famílias vão se estruturando com seus próprios recursos de acordo com as possibilidades materiais de cada núcleo familiar.

Em 1998, com o trabalho da AGRECO, começamos a hospedar as pessoas que vinham conhecer o projeto, de uma maneira muito precária, mas era o que tínhamos no momento (Agricultor).

---

<sup>16</sup> Segundo compreensão que se tem de idéias de Gramsci, concebem-se os profissionais que atuam na mediação dos trabalhos de construção dos projetos de agroturismo e agroecologia na Comunidade de Santa Rosa de Lima como “intelectuais orgânicos”, ou seja, indivíduos que inserem suas atitudes intelectuais num dado contexto social, em relações interconexas, dialéticas, com vistas a colaborar em situações de interesse de determinado grupo.



Tudo começou com poucas camas. Depois veio outra excursão, compramos mais alguns colchões e mais algumas louças. Fomos juntando com o que já tínhamos na casa antiga, começamos quase do nada (Agricultora).

Na primeira vez ficaram três pessoas. Daí nós até gostamos e assim foi indo, cada vez vêm alguns. Não são muitos mas sempre vem alguém (Agricultor).

Cada núcleo familiar receptivo possui características singulares, formando assim um roteiro ou circuito agroturístico complementar.

Quando começamos, em 1999, já havia três propriedades trabalhando com agroturismo. Aí eles vieram falar conosco, queriam uma pousada perto da praça da cidade (Agricultor).

As mudanças estruturais variam de acordo com cada propriedade, entretanto o mais comum é a utilização de recursos físicos já existentes, como aposentos ociosos, galpões e estufas de fumo que não são mais utilizados para a finalidade original<sup>17</sup>, móveis e utensílios domésticos já abandonados que, por fim, voltam a receber valor a partir dessa demanda<sup>18</sup>.

Vinham excursões para conhecer a AGRECO e, como eles precisavam ficar mais de um dia para conhecer todo o trabalho e toda a história da AGRECO, precisava lugar para eles ficarem. Com isso começaram as pousadas. Como em nossa casa haviam dois quartos sobrando, falaram conosco para ver se poderia ficar alguém aqui. Aí ficaram, a gente gostou e fomos nos interessando pela coisa. Quanto mais gente vem parece que dá mais gosto de trabalhar com isso, mais vontade dá de continuar (Agricultor).

As propriedades são reorganizadas. No entanto, essa reorganização se caracteriza por adaptações nos espaços existentes e disponíveis. Geralmente as mudanças que mais se

---

<sup>17</sup> Grande parte das famílias da região trabalhava com o cultivo de fumo no passado e atualmente possui a estrutura de estufas e galpões como potencial para utilização na demanda do agroturismo.

<sup>18</sup> A questão da revalorização do lugar e das coisas é vista com maior profundidade no decorrer do trabalho.

destacam são o ajardinamento, caminhos mais bem estruturados para transitar pela propriedade, espaços para recepção e integração com os visitantes.

Não precisamos mudar muita coisa na propriedade, melhoramos um pouco o jardim apenas, o resto deixamos como realmente é (Agricultor).

### **O desenvolvimento participativo**

A análise da palavra desenvolvimento nos reporta à relatividade, dado que não existe realidade de desenvolvimento absoluta e acabada. Concretamente, pode-se avaliar a existência de um processo mais amplo e profundo a partir de critérios com base na participação da comunidade envolvida nas decisões e gestão das ações conseqüentes; pode-se avaliar a capacidade criadora diante dos desafios sociais. Sendo assim, o processo de desenvolvimento é inerente ao processo participativo (SOUZA, 1987).

A participação passa a ser questão social na medida em que o ser humano toma consciência de sua realidade social, assumindo posições de desafio e enfrentamento a partir das contradições impostas pela sociedade em que vive (SOUZA, 1987).

Os pequenos agricultores, nos momentos de financiar a produção e comercializar os produtos, necessitam estabelecer algum tipo de cooperação entre iguais. Caso permaneçam isolados, tendem a ser prejudicados quanto aos preços obtidos pela produção, bem como aos financiamentos oferecidos pelo livre mercado (ALBUQUERQUE, 1996).

Os projetos de cunho participativo em desenvolvimento na comunidade do estudo demonstram constantes momentos de enfrentamento e desafios, revelando aptidões em seus participantes antes nunca imaginadas. Percebem-se movimentos de transcendência pessoal por todos os lados. Também é presente a compreensão de que não existe um modelo pronto e acabado sendo implementado na região. Respeitados os princípios básicos das associações, o processo participativo passa a ser orientado pela subjetividade de cada região, núcleo familiar ou indivíduo partícipe.

Muitas cooperativas agrárias tendem a ser criadas com a finalidade de explorar a produção coletiva de alimentos. Entretanto, por razões diversas, como a variação no potencial

produtivo de cada núcleo familiar, para a maioria dos agricultores não interessa a produção coletiva, mas sim a individualizada. Nesses casos, melhor que forçar a participação na produção coletiva, é interessante respeitar a perspectiva individualista do agricultor, criando cooperativas de industrialização para seus produtos, agregando valor e permitindo maior controle na produção por parte de cada sócio (ALBUQUERQUE, 1996).

Essa tendência foi constatada nas associações em questão. Na AGRECO a produção agropecuária é individualizada, enquanto que a industrialização e a comercialização ocorrem de forma associativista. Na AAAC o recebimento de turistas acontece por conta de cada família mas o agenciamento e a organização do circuito agroturístico ocorrem de forma associativista.

Cabe ressaltar a importância do papel desempenhado pelas coordenações, tanto da AAAC quanto da AGRECO, para o desenvolvimento participativo. Desempenhando a mediação de conflitos e auxiliando na busca de alternativas de forma democrática, as coordenações acabam por legitimar o poder de cada associado ao estimular a sua participação efetiva no processo.

A legitimação do poder na associação está diretamente relacionada com o sentimento de participação do sócio. Quanto mais representado ele se sente pela diretoria, mais participação e compromisso assume diante da associação. Por isso, cabe à diretoria propiciar e provocar quando não existir abertura para os sócios. Mais do que o rodízio dos membros das diretorias, é o sentimento de representatividade que cala mais fundo para a confiança e compromisso dos sócios com a associação (ALBUQUERQUE, 1996).

A percepção dos sujeitos quanto ao processo evolutivo dos projetos pode ser observada no seguinte depoimento:

No agroturismo nós temos o início de um trabalho. Eu gostaria que daqui uns dois anos tivéssemos o agroturismo implantado em outras regiões do estado e quem sabe até do país. Uma coisa que esteja caminhando, isso para mim seria ótimo. As pessoas começarem a entender esse trabalho e lavar a fundo mesmo, se dedicarem. Que a gente sabe que é um trabalho bonito e que vem ao encontro dos interesses do pequeno agricultor (Agricultor).

O caráter de constante evolução na dinâmica de construção associativista dos projetos de agroturismo e agroecologia na Comunidade tem se mostrado evidente. O poder de união de seus membros favorece a concretização dos objetivos propostos.

Eles geralmente querem saber como é que conseguimos trabalhar em grupo e estão talvez tentando fazer o mesmo lá na terra deles (Agricultora).

Esse fenômeno, expresso nos discursos dos sujeitos, diz respeito às relações do trabalho coletivo no método associativo que desenvolvem. É bastante significativo o papel desse processo nas demais dimensões da vida cotidiana da população envolvida direta e indiretamente, o que se extrapola para o coletivo de toda a região.

O processo solidário entre as associações tem gerado uma performance naquela Comunidade que expressa uma organicidade representada por atributos de influência mútua entre indivíduos, famílias e o ambiente onde vivem. Esse “clima” de integração é percebido até mesmo pelos visitantes, o que, para o agroturismo, caracteriza-se como mais um atrativo.

Com relação à formação e à condução do trabalho com agroturismo e agricultura orgânica, as percepções dos sujeitos evidenciam a importância do associativismo, principalmente se comparado a uma condução ou gestão individualizadas.

Muitos agricultores podem pensar em trabalhar o agroturismo sozinhos. Eu considero isso inviável. São produtores rurais que não tem muito poder de investimento (Agricultor).

O turismo é uma atividade que não gera lucros imediatos. Precisa ir investindo, divulgando e esperando que aconteça, contando com a boa vontade dos outros. Por isso eu acho muito pouco provável que individualmente alguém consiga trabalhar com o agroturismo (Agricultor).

Tem um batalhão de pessoas trabalhando conosco, gente importante, não só daqui como de fora também, nos passando boas informações, trazendo segurança e firmeza. Eu acredito e sigo o exemplo desse pessoal, sinto que esse é o caminho, tenho muita firmeza nesse sentido (Agricultor).

Almejando o sucesso de qualquer projeto de agroturismo, dificilmente poder-se-ia deixar de abordar a importância do papel do marketing no momento de valorizar e divulgar as experiências. Nos centros urbanos, o marketing é presença constante no cotidiano individual e coletivo, público e privado. Pode-se afirmar, por exemplo, que é de conhecimento comum o entendimento de que o custo de “fazer propaganda” é geralmente bastante elevado. No entanto, quando divididos esses custos por um número significativo de partes interessadas no mesmo objetivo, as despesas tornam-se significativamente menores.

O papel da associação é fundamental quando, por exemplo, surge a necessidade de investimentos maiores com divulgação. Percebe-se que, no caso do agroturismo, é quase inviável desenvolver projetos de divulgação individualmente, ou seja, abrindo mão da força do coletivo.

Hoje a gente vê como é caro, por exemplo, se fazer propaganda, divulgação, e num conjunto de agricultores isso se torna muito mais fácil. Essa divulgação, um faz pelo outro e todos juntos fazem uma divulgação bem maior, mais barata e mais fácil. Individual ela fica muito restrita porque é muito cara (Agricultor).

As estratégias de divulgação mais comuns desenvolvidas pela AAAC podem ser classificadas em Locais e/ou Globais.

Locais:

- placas indicativas nas estradas regionais e propriedades agrícolas.

Locais e/ou Globais:

- folheteria abordando todas as informações necessárias para que os visitantes encontrem e conheçam os atrativos, preços e opções *a priori*;

- publicidade<sup>19</sup> em órgãos de imprensa nacionais e até internacionais. Esse canal de divulgação é espacialmente o mais abrangente. A publicidade tem sido intensa dada a ampla relevância dos projetos para toda a sociedade;
- divulgação pessoal, popularmente conhecida por “de boca em boca”, que se apresenta como a estratégia mais efetiva. A divulgação pessoal acontece a partir de indivíduos que conhecem a experiência e, na grande maioria, passam a ser conspiradores em favor dos projetos. Nessa categoria ainda se encontram os estudantes, pesquisadores e profissionais da comissão de gestão das associações que residem fora da localidade e que contribuem com a divulgação.

A associação preenche, ainda, a lacuna do agenciamento e organização dos roteiros, tarefa que seria difícil de se realizar individualmente em função do tempo que demanda. Possibilita, também, um local de fácil acesso aos visitantes que na maioria das vezes não conhecem a região. Enfim, a associação estabelece uma laço entre os visitantes e os núcleos familiares receptivos ao mesmo tempo que proporciona orientação e segurança para ambos.

A associação acaba se encarregando desse trabalho de organização dos roteiros, serve também como um ponto de referência. Muitas vezes é difícil o turista entrar em contato diretamente com o agricultor, então a associação é de fundamental importância nessa relação entre o turista e o agricultor. Associação proporciona treinamento aos associados, dá orientação sobre o que deve ou não fazer. Imagine se cada agricultor tivesse que sair para buscar as orientações fora. A associação pode manter um técnico para essa função. A associação serve para dar segurança, dar um rumo para que todos andem na mesma direção, somando as forças. Eu não acredito que exista uma forma de trabalhar agroturismo sem formar uma associação. Nosso próximo objetivo é formar uma associação nacional de agroturismo (Agricultor).

Se aparecer algum problema pelo caminho a gente conserta. Nunca estamos sozinhos, tenho certeza que não estou sozinho nesse trabalho (Agricultor).

---

<sup>19</sup> Sem ônus ou controle por parte do divulgado. Ver mais em Kotler (1995).

Foi uma coisa tão bem feita que, quando a AGRECO recebe os visitantes, os guias da Acolhida na Colônia já dividem os visitantes nas propriedades onde tem as pousadas, é tudo bem determinado (Agricultora).

Outro ponto favorável do trabalho comunitário integrado é a formação do circuito agroturístico, o que proporciona possibilidades através da diversificação dos atrativos e da própria busca da distribuição de renda entre os associados.

A grande vantagem de ter uma associação, dentro dessas dificuldades que eu já coloquei, é o próprio circuito turístico que tu podes criar numa região. Hoje nós trabalhamos e estamos pensando seriamente em formar um circuito dentro de cada região. Não ter lá um agricultor sozinho praticando uma atividade ou duas, que possa receber, hospedar ou coisas dessa maneira. Mas formar dentro de uma área em torno de 20 ou 30 quilômetros, trazer desde uma escola para passar umas férias, como uma família que possa passar uma semana aqui sem repetir as mesmas atividades (Agricultor).

Sempre aliado ao projeto de agricultura orgânica, o agroturismo se insere pela aplicação de um inventário e pelo desenvolvimento de um diagnóstico participativo, analisando-se todas as propriedades de famílias interessadas em engajar-se nesse processo.

Destaca-se a questão da complementaridade na oferta, através da organização e montagem de um circuito de agroturismo, a fim de que os atrativos sejam diversificados, proporcionando assim equidade na distribuição de renda entre os núcleos familiares receptores e ainda maior interesse por parte dos visitantes.

Iniciamos com um diagnóstico participativo, com as pessoas que tinham interesse. Foram marcados dias de campo para levantar o potencial das propriedades, para não acontecer que várias pessoas montassem o mesmo tipo de serviços e poder diversificar as atrações. (...) Partimos então para o diagnóstico participativo da região das Encostas da Serra Geral. Marcávamos uma reunião na casa das pessoas interessadas para fazer o diagnóstico, analisávamos tudo que fosse possível dentro daquela

propriedade, todos juntos dando opiniões e assim fomos fazendo um rodízio. No princípio todos queriam fazer a mesma coisa, mas com a orientação das instituições procurou-se criar um circuito de agroturismo, com diversas atividades. por exemplo, a minha casa não é muito grande, então não posso oferecer hospedagem, mas tem a produção orgânica, a serra, as trilhas ecológicas. Então a gente optou por isso (Agricultor).

Através de diálogos nos encontros e reuniões, os protagonistas desse processo buscaram melhores alternativas para cada unidade do circuito, ajustando as possibilidades de oferta de cada família com o conjunto maior.

Com as reuniões você junta idéias, junta os problemas e, discutindo, encontra as melhores propostas para poder sair dos problemas. No momento que você tem um problema grave com mais gente envolvida é mais fácil ou já resolve antes mesmo dele acontecer. Pra nós pequenos agricultores não tem outra saída se não trabalhar com o coletivo (Agricultor).

Na medida em que o desenvolvimento do projeto foi se tornando mais complexo, surgiu a necessidade de identificar um grupo que desempenhasse papéis de mediar a troca de idéias, discussões e conflitos, estimular constantemente o grupo, enfim, provocar o desenvolvimento da organização.

Logo após sentiu-se a necessidade de montar uma diretoria para que funcionasse de maneira mais organizada. Eu também faço parte dessa diretoria, a gente se reúne periodicamente ou quando tem assuntos a serem discutidos entre os participantes (Agricultor).

As diferenças e conflitos de idéias emergem naturalmente. Alguns acreditam mais nos projetos que outros, talvez pela própria posição na associação, ou mesmo pela diferença de formação ou personalidade.



Tem gente que não está aberto para trabalhar no sistema de cooperativismo. Por aí às vezes começam as fofocas, as invejas e que voam muito mais rápido que uma notícia boa. Isso dificulta o trabalho de uma organização (Agricultor).

Na última reunião, foi levantado o problema de que na Acolhida na Colônia algumas agroindústrias não estavam atendendo de maneira satisfatória... São pessoas que não participam das reuniões, do papel da AGRECO na Acolhida. Acham que é um projeto que não dá certo. Geralmente só enxergam o lado financeiro, o que no momento ainda não dá retorno. Eu acho que nós temos que olhar todo o conjunto, não é só o dinheiro que nós precisamos (Agricultor).

Mas como mediar esses conflitos? O que fazer quando alguém quer desistir do projeto? Ou mesmo quando a situação financeira de uma família torna-se insustentável e ela é obrigada a abandoná-lo? Nesses momentos o papel dos mediadores torna-se crucial e aí aprende-se fazendo...

Esse é um trabalho novo, começamos em 1999, estamos adquirindo experiência fazendo (Agricultor).

Agora no início está um pouco devagar, com algumas dificuldades, mas nós entendemos que é assim mesmo, que ele precisa ser pensado e trabalhado, de uma certa forma “digerida” pelas pessoas. Assim nós fomos nos envolvendo e chegamos onde estamos hoje (Agricultor).

Outra possibilidade, gerada em virtude dos projetos de agroturismo e agroecologia, é a criação de condomínios em terrenos ociosos, principalmente nas áreas de maior beleza natural, que possam integrar as pessoas da cidade com a comunidade local.

Uma das estratégias para esse empreendimento é aumentar o preço das terras ali existentes, desencadeando assim um processo de valorização do lugar.

Há uns dois anos atrás, com o início da associação de agroturismo, se pensou em buscar alternativas para que as pessoas que vivem aqui não ficassem tão isoladas. Uma comunidade, quando tem uma maior movimentação de pessoas, te dá mais incentivos, traz mais recursos, até também para valorizar as propriedades rurais que estavam muito desvalorizadas. Pensando nesses fatores e conversando com os coordenadores dos projetos, decidimos colocar alguns lotes à venda e jogar o preço bem alto (Agricultor).

Com isso o vizinho que souber que vendemos um terreno com um hectare por 5 x (R\$) não vai mais vender o dele por x (R\$). Vai querer 5 x (R\$) também. Esse foi um dos pontos. O outro motivo que nos levou a fazer esses loteamentos foi pensando no turismo mesmo (Agricultor).

A Comunidade espera que os novos moradores respeitem e compartilhem os princípios e valores já consagrados pela população local, pois uma nova consciência está se formando em relação à conservação ambiental, à promoção da saúde e ao bem-estar coletivos. Para tanto, é necessário que haja certa harmonia de idéias e valores entre os novos moradores e a comunidade autóctone.

Dentro dessa proposta é que colocamos alguns lotes à venda. Todas as pessoas que estão comprando os terrenos sabem que teremos um regimento interno, onde todos os moradores se comprometem a cumprir as normas do regimento, trabalhando dentro dos princípios da agroecologia, do sistema de preservação, da ajuda mútua, do desenvolvimento local e uma série de outras coisas (Agricultor).

A proposta do condomínio também se insere no processo de gestão participativa e associativista do projeto de agroturismo Acolhida na Colônia. Enquanto as moradias não estiverem sendo utilizadas por seus respectivos donos, elas podem ser disponibilizadas para locação sob responsabilidade da Associação. Com relação ao consumo de produtos, praticamente tudo o que uma família precisa para se alimentar pode ser disponibilizado pelos

produtores agroecológicos da comunidade, o que possibilita uma alimentação extremamente rica e saudável, ao mesmo tempo que se configura mais uma perspectiva de comercialização para os próprios agricultores.

Por exemplo, alguém compra um lote e constrói uma casa, e no tempo que ele não estiver aqui que ele deixe para a Associação alugar para outras pessoas (...). Outra coisa é que eles comprem os alimentos que nós produzimos, seja galinha caipira, ovo, queijo, leite, as hortaliças. Um dos nossos objetivos é fazer com que grande parte da nossa produção seja vendida direto ao consumidor aqui mesmo. Ele consumirá nos dias que ficar aqui, e com certeza irá levar mais produtos quando for embora, pois a gente vai ter um preço bem menor do que se comprar no mercado. Então essa é uma proposta bem ampla. Ela não é simplesmente uma coisa fechada, que cada um age sozinho. Uma proposta bem clara e coletiva. Esperamos que se concretize logo, num futuro bem próximo (Agricultor).

Desde o início deste trabalho, têm-se enfatizado as relações de complementaridade entre o agroturismo e a produção primária, que nesse caso se concretizam entre as Associações AGRECO e AAAC. Através da percepção dos agricultores, pode-se compreender melhor como e por que se estabelecem essas relações.

O Agroturismo se criou junto com a AGRECO, são duas irmãs, uma depende da outra. A AGRECO e a ACOLHIDA NA COLÔNIA. A AGRECO depende do Agroturismo e o Agroturismo depende da AGRECO, porque os visitantes que vêm de outras cidades querem conhecer o funcionamento do projeto AGRECO. Onde é que esse pessoal vai se hospedar e alimentar? Nas pousadas do Agroturismo é claro. Eles não vão se hospedar no hotel da cidade, pois lá não tem ninguém que informa como é o trabalho, eles não são associados. Mas quem é associado da AGRECO sabe informar em detalhes, porque uma coisa tem a ver com a outra. Nós já recebemos inúmeras excursões, do nosso e de outros estados, que vieram para saber como é que conseguimos formar a AGRECO. A gente vai explicando quantos associados temos, quantas agroindústrias são, como

funcionam, como conseguimos cultivar alimentos sem produtos químicos (Agricultor).

“Uma depende da outra”: aqui se torna evidente a importância da relação de complementaridade entre as associações, condomínios, núcleos familiares e indivíduos partícipes do processo. Apresenta-se nesse contexto um sistema formado por uma teia de relações, evidenciando principalmente a importância da ligação entre as partes.

Com base na Teoria Geral dos Sistemas, Bertalanffy apud Capra (1997) mostra que as propriedades de qualquer parte de uma teia de relações resultam das propriedades de outras partes; e que a consistência global de suas inter-relações determina a base estrutural de toda a teia.

Na comunidade se percebe que a coesão e a base estrutural dos projetos se dá pela qualidade das interações entre seus membros. Como diria ainda Bertalanffy apud Capra (1997) que a propriedade essencial de um sistema é a qualidade das relações entre suas partes.

É uma coisa que envolve o mesmo projeto Agroturismo, Agroindústria, Agroecologia, Meio Ambiente, têm tudo a ver, é um baita dum negócio, mas seguiu o caminho certo. Eu acredito mesmo nesse projeto e faço de tudo para dar certo (Agricultor).

Se não fosse a AGRECO o Agroturismo não existiria, assim como a AGRECO não estaria como está hoje se não fosse o Agroturismo. São duas associações que precisam trabalhar juntas, uma complementa a outra. Assim, a gente se anima cada vez mais a investir na propriedade e trabalhar mais o lado do associativismo. A gente já percebeu que esse é o caminho, e outra maneira no momento não existe pra desenvolver uma região, uma localidade. Não existe outra maneira de se conseguir recursos, de fazer com que um projeto desses vá para frente (Agricultora).

A AGRECO e a Acolhida estão trabalhando em um projeto que está ligado com tudo, meio ambiente, qualidade de vida, com as rendas meio controladas, fazendo com que o agricultor receba um valor equilibrado por

hora de trabalho, para que uns não ganhem muito menos que os outros, trabalhando para que todos possam crescer juntos (Agricultor).

Essa experiência de trabalho participativo e complementar que se construiu na Comunidade está se configurando como um novo método para implementação e gestão de projetos de agroturismo. O fio condutor da inter-relação dessas atividades se concentra na produção econômica associada ao cuidado com o ambiente e à busca da melhoria da qualidade de vida individual e coletiva.

## **5 O AGROTURISMO E A AGROECOLOGIA TRANSFORMANDO A QUALIDADE DE VIDA DAS FAMÍLIAS RECEPTORAS: um processo de resgate criativo e solidário**

Este capítulo apresenta os significados que os sujeitos do estudo dão à qualidade de vida, contextualizando-a no passado e no presente, a partir de discussões em torno dos projetos de agroecologia e posteriormente de agroturismo. Apresenta também as categorias emergentes do processo de análise-reflexão-síntese, que explicitam as repercussões das atividades de agroturismo na qualidade de vida dos sujeitos, respondendo assim ao objetivo geral do estudo.

### **5.1 Significados de qualidade de vida para os sujeitos do estudo**

Com base no referencial que norteia este estudo, entende-se que qualquer ser humano tem certo padrão de qualidade de vida e que a percepção dessa qualidade emerge da visão de mundo de quem a analisa. Essa qualidade de vida possui atributos particulares e também coletivos, fatores comuns a partir do contexto histórico-social, econômico, cultural, ambiental e político em que o indivíduo ou grupo se insere.

Ao expressar significados de qualidade de vida, nota-se, em grande parte dos discursos, que os sujeitos demonstram uma compreensão mais ampla que aquela da visão economicista pregada pelo modelo socioeconômico capitalista vigente, em que faz parte do consciente coletivo entender qualidade de vida como sinônimo de desenvolvimento exterior e posse de bens materiais. Não se está afirmando que a comunidade em que se realizou a pesquisa menospreze a importância dos aspectos materiais, mas que o entendimento sobre qualidade de vida ultrapassa o estado de “possuir bens materiais cada vez mais para viver cada vez melhor”.

Qualidade de vida, na minha opinião, tem que juntar uma série de pontos, fatores, acontecimentos, e que tudo é qualidade de vida (Agricultor).

Também estamos nesse trabalho por entender que tudo faz parte de um projeto mais amplo. A agroecologia e o agroturismo acho que fecham muito, sempre pensando em alternativas para o futuro (Agricultor).

Nessa perspectiva, o fato de “estar e trabalhar” junto da família, no “lugar” em que vivem, ocupa lugar de destaque quando os sujeitos se referem à qualidade de vida.

Trabalhar com a família na propriedade, vivendo bem onde a gente está.  
Estar bem e gostar de estar no lugar em que vive (Agricultor).

Estar junto com toda a família, vivendo e trabalhando (Agricultora).

Uma vida tranqüila, a família unida, se possível que os filhos fiquem próximos da gente. Daqui a pouco tu tens um filho morando em outro estado e fica aquela preocupação, aquela saudade (Agricultora).

Poder acreditar, trabalhar em grupo, e principalmente sentir-se parte dele, tem sido também referências para a qualidade de vida dos protagonistas.

Para mim, qualidade de vida é isso que a gente vem fazendo, trabalhar em grupo, se entender bem dentro do grupo, acreditar um no outro (Agricultor).

A qualidade de vida dos núcleos familiares receptivos da Comunidade em questão expressa qualidades do “Ser” agricultor orgânico, partilhar as experiências com a família, a comunidade e principalmente os visitantes, através do agroturismo. Enfim, “sentir-se” bem fazendo o que faz e vivendo onde vive.

Eu acho que é bom, é interessante a gente poder compartilhar até as próprias dificuldades com pessoas de outras classes sociais, principalmente com os agricultores como nós. Poder partilhar e falar para outras pessoas o que a gente faz, o que a gente quer. Morar em uma casa em que a gente se sinta bem (Agricultor).

Através da própria história de vida, os sujeitos demonstram o entendimento de que a produção agrícola isenta de produtos químicos seguindo princípios ecológicos de desenvolvimento é benéfica para a sua saúde, assim como para a de todos os consumidores

dos seus produtos. Esse fator tem demonstrado significância prioritária para a qualidade de vida da Comunidade.

Acho que é uma forma de vida mais saudável, não se trabalha com veneno nem adubos químicos. Melhora a nossa saúde e dos próprios visitantes, de todo mundo, e o agroturismo é uma fonte de renda a mais e um lazer também (Agricultor).

Outra coisa são as plantações sem agrotóxicos, isso para a saúde está em primeiro lugar. A gente vê que está indo para a frente porque sempre vêm turistas para conhecer os projetos. Eles sabem que isso é bom para a saúde (Agricultor).

Qualidade de vida é não usar agrotóxico por causa do alimento que comemos. Antes nós usávamos, hoje não usamos mais então a comida e o próprio trabalho já prejudicavam a saúde, e hoje não. Todo o alimento que comemos é orgânico (Agricultor).

A conservação ambiental proporcionada pelas práticas ecológicas de agricultura e pecuária emerge como questão determinante da qualidade de vida daquela população.

Onde a gente tem muito a ganhar é com a preservação do meio ambiente. Vale a pena investir, buscar ajuda de outros órgãos que nos ajude a proteger a natureza. Se cuidarmos do que ainda temos, nossa água, nossa floresta nativa, teremos muito futuro, do contrário não teremos futuro. Se continuarmos fazendo isso, muita gente poderá conhecer nosso trabalho e com certeza irão gostar muito (Agricultor).

Tudo isso é qualidade de vida, ter um carro pra sair se precisar, tudo isso faz parte. Ser consciente da preservação do meio ambiente, passar a entender por que isso é necessário e aquilo não, por que deve-se fazer isso e aquilo não. É um universo de coisas que estão bastante relacionadas (Agricultor).



Apesar de muitos agricultores compreenderem a conservação ambiental como fundamental para manutenção da qualidade de vida, alguns ainda se deparam com dificuldades financeiras que os obrigam a praticar atividades produtivas extremamente insalubres e prejudiciais. É o caso, por exemplo, da derrubada de floresta nativa para a produção de carvão vegetal.

Acontece com a maioria das famílias, elas precisam do dinheiro imediatamente, então com o carvão é fácil. Faz-se uma derrubada escondida do IBAMA, em uma semana fazem a fornada e estão com o dinheiro no bolso. Essas derrubadas deixam solo descoberto, reduzindo a área das espécies de animais silvestres, diminui a alimentação, destrói as paisagens, a questão de segurar as águas das chuvas, aumentam a temperatura do ambiente, a mata tem uma massa térmica para controlar a temperatura, filtram as águas, o ar. Se não houver mata, solos cobertos talvez irão morrer sufocados de calor e sede. Sem o verde, sem natureza não chegaremos a lugar nenhum. A tendência é em poucos anos acabar com a vida no planeta (Agricultor).

A saúde, as possibilidades materiais e o tempo livre apresentam-se como pré-requisitos para realizar “ações” que se mostram inerentes à qualidade de vida dos agricultores, como por exemplo viajar e conhecer outros lugares. Em virtude do excessivo volume de trabalho demandado pelos afazeres no campo e das dificuldades financeiras ainda enfrentadas na atualidade, essas “ações” ainda não estão sendo realizadas.

No entanto, emerge, umas vezes implícita, outras explicitamente no discurso dos sujeitos, a expectativa de que, com base no aperfeiçoamento e organização das atividades de agricultura orgânica, agroindustriais e de agroturismo, aqueles anseios possam vir a se realizar

Ter saúde, ter dinheiro no bolso, ter um carro pra poder sair quando precisar, acompanhar o que acontece no Brasil, na região, no mundo; ter tempo e não só trabalhar, trabalhar como a gente vem fazendo agora. Não se tem retorno suficiente ainda. Eu acho que, no momento em que a gente vai organizando a propriedade e que se tenha uma demanda maior de vendas, a gente pode

oferecer trabalho para outras pessoas, pode gerar emprego e assim ficar um pouco mais livre (Agricultor).

Precisa ter uma maneira de ganhar um dinheiro para sobreviver, lazer, poder passear, conhecer outros lugares, outras propriedades (Agricultor).

Diferentemente do cultivo de fumo outrora praticado na região, as práticas de agricultura orgânica, em geral, ocupam pequenos espaços de terra e comumente localizam-se nos arredores das propriedades. Esse fator possibilita maior disponibilidade de tempo para descanso, lazer e a própria recepção de visitantes.

Antigamente, quando chegava um visitante, não tínhamos tempo de dar atenção, pois o trabalho era muito mais forçado e longe de casa. Hoje é diferente, a gente trabalha ao redor de casa. No meio do meu trabalho eu recebo todos os visitantes, e esse tempo não faz falta nenhuma. Isso para mim é qualidade de vida (Agricultor).

Nunca tive uma vida tão boa quanto agora. Trabalho ao redor de minha casa. Todo dia faço um pouco, sempre tenho tempo para conversar com as pessoas (Agricultor).

De uma forma geral, o ser humano parte em busca de novas alternativas de trabalho e renda, incitado por dificuldades financeiras. O caso de Santa Rosa de Lima não foi diferente: as transições, pautadas pela procura de novas formas de trabalho na terra com a agricultura orgânica, pela agregação de valor aos insumos primários junto às agroindústrias de pequeno porte e pela prestação de serviços na propriedade através do agroturismo, advêm, em primeira instância, da esperança de melhores rendimentos.

Entretanto, na Comunidade, destaca-se o fato de que, com o passar do tempo, a consciência dos protagonistas amplia-se para além das questões econômicas.

No início o trabalho com a AGRECO não foi tão claro para a gente. Pensávamos em uma alternativa de renda. Produzíamos sem veneno porque

havia demanda. Com o tempo fomos entendendo como e por que trabalhar assim, e, devagar, fomos adquirindo essa consciência, ao mesmo tempo vendo resultados, vendo as coisas acontecerem, vendo que cada vez mais as pessoas gostam disso e aderem a essa proposta. Então é uma coisa que tu vai se sentindo satisfeito e não trabalha pensando somente no dinheiro. Ele fica em segundo plano. Pensamos no lado social, no meio ambiente, passando a ter uma visão do todo, do planeta, do mundo. O que está certo nesse mundo e o que não está. Começamos a perceber e ter isso bem claro. A qualidade de vida passa por tudo isso. Gosto de dizer que, para se ter qualidade de vida e viver satisfeito tu tens que entender isso, o projeto como um todo, por que fazer isso, não simplesmente fazer porque os outros dizem que é bom ou porque querem comprar produtos orgânicos. Precisa gostar, fazer com amor mesmo. Pensando não somente em nós, mas na qualidade de vida daqueles que vão comprar os produtos (Agricultor).

Os participantes do processo passam a visualizar na prática cotidiana as repercussões socioambientais da busca de sustentabilidade e melhor qualidade de vida em geral.

Percebe-se, de fato, que a importância dos projetos de agroecologia e agroturismo amplia-se para muito além de relações de produção e consumo. Essa amplitude atinge uma sinergia de processos educativos, de satisfação e de auto-estima. Resgata o valor social, ambiental e até econômico de uma atividade que é básica para a manutenção da vida: “a produção de alimentos saudáveis”.

## **5.2 Qualidade de vida da Comunidade no passado no presente e as perspectivas para o futuro**

Para buscar a compreensão da qualidade de vida das famílias na atualidade foi preciso também identificar aspectos dessa dimensão em tempos passados, quando grande parte das famílias residentes naquela região cultivava fumo ou outras espécies seguindo os princípios do modelo convencional de produção. Através dos relatos dos sujeitos, pôde-se perceber que o modelo de produção utilizado no passado era insustentável do ponto de vista ambiental e

socioeconômico e, inclusive, para a saúde das famílias envolvidas. Nesse sentido, os sujeitos comparam o passado com o presente, percebendo mudanças positivas atribuídas aos resultados dos projetos, ao mesmo tempo em que demonstram claro sentimento de otimismo com relação ao futuro.

No passado, uns dez anos antes de iniciar os projetos, trabalhávamos com o plantio de fumo. Iniciamos esse trabalho mais por necessidade do que por opção. No tempo em que plantamos fumo sofremos demais, não só pelo trabalho em si, mas pelo uso de venenos, de uma série de coisas, colher mesmo molhados. Foram seis anos muito difíceis. Além de ser um trabalho muito desgastante, não houve viabilidade, retorno financeiro justo. A família não queria mais ajudar de forma nenhuma, os filhos precisavam estudar, e colher fumo não dava mais certo de jeito nenhum. Sem falar na saúde. O pessoal mesmo gripado precisava trabalhar na lavoura de fumo. Imagina ter que levar um filho doente para trabalhar com o fumo, pois não tinha outra pessoa para ajudar! Eu lembro disso hoje e chego a me arrepiar. A partir daí começamos com um trabalho um pouco diferente. Começamos a plantar batata salsa sem usar agrotóxicos, apenas adubos químicos. A partir daí entramos com o trabalho da AGRECO.

No segundo ano, não usamos mais nem adubos químicos e partimos para a agroecologia mesmo. O que a gente viu no passado era uma coisa insustentável, derrubamos muito mato para fazer carvão. A necessidade obrigava a fazer isso, não tínhamos outra opção de trabalho e renda, e um pouco também pela falta de conhecimento do processo de conservação da natureza. Dentro daquele trabalho que fazíamos não tínhamos nenhuma perspectiva de melhora, trabalhávamos angustiados, víamos que estávamos fazendo uma coisa que não era correta. A qualidade de vida era péssima. Talvez em termos financeiros não fosse tão diferente de hoje, mas na parte social e de harmonia com a gente mesmo, de não poder trabalhar com satisfação e saber que está fazendo uma coisa certa, isso era ruim, não tinha nenhuma satisfação de fazer aquilo. Trabalhava mais por necessidade do que por satisfação. Trabalhar com carvão é duro, era pesado, muito calor, muitas

vezes tinha que correr de dentro do forno, pois estava sufocado na fumaça. Se alguém disser que isso é qualidade de vida, está maluco (Agricultor).

Antigamente, se por acaso viesse alguém conhecer nosso trabalho, tanto a gente quanto eles desgostavam do serviço porque era serviço ruim, era serviço que não valia a pena, serviço que não tem mais jeito. Hoje com a organização que temos é um ânimo falar sobre nosso trabalho. A gente se anima a passar as informações para os visitantes e eles também se animam a ouvir o que temos para dizer. Sem dúvida nenhuma é uma mudança do dia para a noite. É um trabalho que fazemos com gosto, com prazer. O visitante até nos ajuda, antigamente isso não existia (Agricultor).

Eu vejo isso com grande futuro. Quando isso não existia esse movimento, era uma coisa deserta, uma coisa em vão. O movimento que hoje existe está fazendo com que nossa comunidade veja que algo de bom e novo acontece por aqui (Agricultor).

O gosto pelo trabalho com agroturismo e agricultura orgânica representam a possibilidade de “seguir em frente”.

Sinto-me bem, muito bem. O pessoal é muito querido eu adoro. Eu gosto de trabalhar com o agroturismo. Meu marido gosta muito de trabalhar com as verduras na AGRECO. Ele faz porque gosta mesmo, por isso a gente está aqui trabalhando, todos estamos lutando para ir para “frente” na vida, tomara que a gente consiga (Agricultora).

De forma geral, o convívio com pessoas de fora possibilita momentos de alegria e descontração.

Eu gosto, eu adoro, a gente troca idéias, idéias diferentes do pessoal daqui é muito bom. Eu adoro, eu gosto, os filhos gostam, porque se a gente não gostasse é claro que não iríamos enfrentar. Tem vezes que é tão divertido, as excursões, as crianças e tudo mais, eu gosto muito. Antes isso não existia, vivíamos mais sozinhos (Agricultora).

Para alguns, a qualidade de vida hoje é plausível com a situação de transição, representada pela “turbulência” causada pelo abandono das técnicas agrícolas convencionais, em geral o plantio de fumo, e pela busca de alternativas mais salubres e sustentáveis de sobrevivência.

A maior parte das coisas que temos hoje conseguimos com o dinheiro do fumo, mas nós não queremos mais aquela vida. Do jeito que está hoje a vida é bem melhor, não tem veneno, não usamos mais agrotóxicos. É uma coisa boa, tudo bem limpo, dá para ver que é mais saudável. Em termos de fonte de renda, antes era bem melhor, agora se a AGRECO estivesse rendendo como no começo seria bem melhor. No ano passado a renda foi muito boa, agora deu uma piorada, mas a gente espera que melhore, pretendemos não “correr” (Agricultora).

Percebe-se, no discurso dos sujeitos, a compreensão de que a busca por melhor qualidade de vida é um processo contínuo e gradual para a maior parte dos seres humanos.

A qualidade de vida hoje é razoável, pode melhorar, tem coisas que aos pouquinhos a gente vai organizando pra poder se sentir realizado, mas faltam algumas coisas. Uma boa parte a gente já conseguiu. Nós sabemos que o ser humano quer sempre algo mais, isso é próprio da gente: quando se alcança um objetivo, a gente já quer alcançar outro. Tem que ser assim mesmo, isso também faz a nossa qualidade de vida, querer isso, alcançar isso. Agora alcancei esse objetivo, vamos passar para outro. Como eu já disse, é um conjunto de coisas que tem que acontecer. Se o lado social está bem, o financeiro é bastante preocupante. Do mesmo jeito o trabalho. Tem que aprimorar aqui e ali (Agricultor).

Os resultados econômicos, oriundos da evolução das atividades agropecuárias e prestação de serviços nas pequenas propriedades, são heterogêneos. As famílias possuem

ritmos de adaptação diferenciados; algumas se ajustam às mudanças com maior facilidade que outras.

Das antigas atividades agrícolas desenvolvidas na região, como a plantação de fumo, restou algum patrimônio financeiro. Entretanto, nota-se que, mesmo com menores rendimentos, não existe a intenção de abandonar o plantio orgânico e o agroturismo para retomar as atividades produtivas convencionais praticadas no passado. Segundo as observações realizadas em campo, as famílias que participaram deste estudo demonstram satisfação por realizar atividades mais saudáveis no presente. Entretanto, são unânimes quando abordam o enfrentamento de dificuldades financeiras no processo.

A maior parte das famílias pesquisadas manifesta dificuldades relativas à situação econômica e à falta de tempo livre. Entendem que esses aspectos precisam evoluir no sentido de possibilitar melhoria na sua qualidade de vida.

A renda ainda pode melhorar. Os nossos produtos quase não têm saída, quase não se vende. Não sei se os produtos não estão bem divulgados, ou se lá o preço é muito alto. Saúde a gente já tem, só falta melhorar a parte financeira, até para poder reinvestir mais na propriedade. Está bom assim, mas a gente tem que trabalhar muito para ganhar muito pouco. Se tivéssemos mais tempo livre, também seria melhor (Agricultor).

Percebem-se nesse discurso algumas dificuldades enfrentadas pelas famílias que estão buscando alternativas de sobrevivência através de atividades que ainda não fazem, efetivamente, parte do sistema socioeconômico atual. É o caso da agricultura orgânica, que enfrenta barreiras principalmente no que tange à comercialização da produção, e também do agroturismo, ainda pouco difundido e conhecido atualmente.

No entanto, também são unânimes na expectativa e entendimento de que trilham o caminho certo em direção ao estado futuro cada vez mais próximo do ideal para qualidade de vida da família e da comunidade.

Estamos desenvolvendo, e no momento a gente ainda não tem grandes vantagens porque se está construindo, se organizando. Então a gente está

investido mais do que tendo retorno. Mas como é uma atividade que está crescendo, mais pessoas têm interesse em participar desse tipo de atividade. Dá uma esperança de alguns anos a mais, um investimento certo, que as pessoas estão se interessando mais por esse lado do campo, procurando a natureza e assim por diante. E com isso você vai tendo trabalho, uma fonte de renda nova (Agricultor).

Agora está bom, com o turismo, a AGRECO... Ainda não é como a gente gostaria, mas sei que, se levarmos em frente, vai ficar cada vez melhor. Acho que ainda falta um pouco de força de nossa parte para enfrentar e resolver alguns problemas que temos. Fora isso a gente quase não pode se queixar de nossa vida aqui (Agricultor).

A sazonalidade, atributo da atividade turística em geral, reflete-se também no agroturismo; entretanto, aqui ela se apresenta em espaços de tempo mais curtos do que no turismo de balneários por exemplo. O movimento não depende da estação do ano, e pode se alterar em poucos dias, geralmente se concentrando nos finais de semana.

Esse fator não demonstrou prejudicar a qualidade de vida das famílias receptoras. Praticamente todas as visitas são agendadas com certa antecedência, proporcionando algum tempo para que elas possam se preparar.

Tem épocas que vem bastante gente e outras que não vem ninguém. Isso é normal (Agricultora).

Como se pode perceber nos conceitos (ítem 2.2) sobre agroturismo, e também nos resultados desta pesquisa, no caso de Santa Rosa de Lima a atividade existe somente em virtude da agricultura orgânica praticada no interior das propriedades. Nesse sentido, hipoteticamente, se as atividades primárias fossem extintas, fatalmente o agroturismo também deixaria de existir. Retomando a questão da complementaridade do agroturismo sobre a atividade produtiva primária, constata-se a veracidade do princípio complementar da atividade turística onde esta não pode prescindir dos setores primário, secundário e terciário da economia para se desenvolver.



Alguns sujeitos demonstram alguns anseios em substituir parte das atividades primárias pela prestação de serviço aos turistas como fonte de renda. Essa é uma questão delicada e requer planejamento minucioso entre os agricultores e os técnicos responsáveis. É fundamental que exista clareza, por parte dos protagonistas, sobre o fato de ser a produção primária o principal, mais consistente e seguro meio de subsistência.

Daqui a pouco você pode até diminuir a produção em algumas atividades e se dedicar mais ao agroturismo ou diversificar com mais atividades, vendo o que se adapta melhor. Vendo as pessoas que a gente tem para trabalhar. Tudo depende de conjunto. Daqui a pouco a agroindústria não me traz renda suficiente, posso transformar a estufa em pousada, alojamento e outras coisas ainda. Depende da demanda (Agricultor).

O complemento financeiro proporcionado pela prestação de serviços aos turistas, em boa parte dos casos, tem se mostrado expressivo na renda mensal das famílias, dependendo muito do interesse, da atenção e dos investimentos dispensados por cada uma ao agroturismo.

Tem a ajuda financeira também, que a gente recebe um valor pelas diárias. Isso também ajuda (Agricultor).

Financeiramente, acreditamos nesse trabalho quando vêm os visitantes. Eles não deixam muito mas sempre deixam um pouco, uma renda que nos incentiva a reinvestir e melhorar o serviço. Eu vejo que nesse tempo já deu para juntar bastante coisa. Espero que isso continue, que as pessoas gostem cada vez mais do que estamos oferecendo e que a gente arrecade cada vez mais (Agricultora).

São vários os significados expressos pelos sujeitos quando abordam a dimensão econômica relacionada a sua qualidade de vida: alguns priorizam os rendimentos em favor da qualidade de vida; outros vão além...

Muitos podem pensar que ter dinheiro é ter qualidade de vida, mas a minha opinião não é bem isso. O dinheiro é necessário, importante. Existem algumas coisas que a gente não pode ter se não tiver dinheiro, mas para mim qualidade de vida em primeiro lugar é ter saúde, sentir-se bem naquilo que faz. Ninguém pode ser feliz fazendo uma coisa que não gosta (Agricultor).

A realização pessoal, inerente à qualidade de vida, constrói-se também a partir da contribuição social possibilitada pelos trabalhos organizados em sistema associativista. O sentimento de participar e contribuir com o coletivo tem se mostrado significativo para a realização pessoal dos protagonistas dos projetos de agroturismo e agroecologia.

Eu me sinto bastante satisfeito com o lado social, pelo trabalho da AGRECO e da Acolhida principalmente, por poder fazer isso, levar minha contribuição. Eu como agricultor e como representante da Acolhida me sinto muito realizado (Agricultor).

E além dessa busca, neste trabalho, de compreender o significado de qualidade de vida para os sujeitos da pesquisa considerando as suas vivências atuais e pregressas, houve também o interesse em investigar as relações da qualidade de vida com as perspectivas de futuro dos sujeitos. Com base no referencial que norteia este estudo, entende-se que as perspectivas de um futuro melhor são predicados para a qualidade de vida no presente.

Olha, eu acho que a perspectiva é boa, acho que dá para investir nisso porque tem futuro. Cada dia estão vindo mais pessoas. Todas as pessoas que vêm gostam e dizem que querem voltar, e esses que gostam com certeza trazem mais uma porção de gente para cá (Agricultor).

Eu vejo que nossa qualidade de vida não mudou muito, pois a gente fica normalmente no mesmo serviço. Só que temos mais uma esperança de melhoria para o futuro, pois com isso se trabalha com outras pessoas, aprendemos mais e esse serviço não é tão pesado (Agricultor).

Acho que a tendência é sempre ter mais qualidade de vida, ir melhorando, vai organizando a propriedade e, no momento que as atividades vão dando retorno, trabalhando a permacultura, que é um projeto que você tem que entrar e ir devagar, não dá para fazer muita coisa em pouco tempo (...) No momento que isso tiver implantado e dando retorno, trabalhando com os princípios do sistema de manejo de pastagens *voisin*<sup>20</sup>, você vai melhorando a qualidade do solo, deixando mais produtivo. Através disso você vai tendo mais lucro e não precisa trabalhar tanto. Através das organizações vamos aprendendo algumas técnicas que se encaixam, acho que é por aí (Agricultor).

A perspectiva de prosperidade, expressa pelos sujeitos do estudo, significa ter influência no tocante à qualidade de vida presente e às possibilidades emergentes no dia-a-dia de trabalho coletivamente construído.

Agora a AGRECO vai dar um salto. Nós fechamos o ano (2001) com muito desânimo. Uma baixa venda de produtos, e por causa desse problema buscamos soluções e apareceram muitas alternativas. O caderno de normas está ficando pronto e daqui a pouco começamos a exportar, negociar com escolas. Outros mercados estão mostrando interesse de trabalhar com a AGRECO. Daqui a pouco teremos que ter cuidado pra dar conta de atender a demanda. Poderemos classificar os compradores, trabalhar com aqueles que nos beneficiam também (Agricultor).

Do jeito que a AGRECO e nossas organizações estão trabalhando hoje, eu acredito que em dois ou três anos já teremos melhorias com asfalto chegando no município, energia elétrica mais acessível (...). Daí pra frente as coisas acontecerão naturalmente. Possivelmente, sem vínculo com as instituições que hoje estão dando apoio. Eu acredito que a coisa vá engrenando devagar e logo comece a andar sozinha (Agricultor).

---

<sup>20</sup> Sistema de pastagem que divide uma área de terra em piquetes, possibilitando vantagens para a produção orgânica de alimentos de origem animal.

Tem também o grupo de economia solidária. No momento que aumentar o número e o interesse das pessoas pelas cestas<sup>21</sup>, essas pessoas vão querer se ligar mais com a região. No meu entender esses vão ser nossos futuros turistas, além de outros também, mas a nossa relação mais forte vai ser com essas pessoas (Agricultor).

### **5.3 Repercussões do agroturismo na qualidade de vida dos núcleos familiares receptores**

Pelo que se pôde evidenciar em campo, as atividades de agroturismo realmente interferem na qualidade de vida dos sujeitos, conforme se pressupunha. Entre as suas repercussões destacaram-se: a reestruturação física das propriedades em virtude do recebimento de visitantes; o aditamento na troca de experiências, estabelecendo um processo contínuo de aprendizagem dialógica entre a população receptora e os visitantes; a importância do papel da mulher nas atividades produtivas e nas decisões relativas ao cotidiano e ao futuro da família; a revalorização da vida rural em várias dimensões; a “invasão” da privacidade das famílias receptoras; as possibilidades e perspectivas de sustentabilidade econômica, na própria comunidade, para os filhos de agricultores; as limitações oriundas das novas formas de trabalho.

#### **5.3.1 Reestruturação física das propriedades**

Acompanhando o desenvolvimento integrado da região, o projeto de agroturismo desencadeou a reestruturação parcial das propriedades integrantes. De forma geral, essa reestruturação ocorreu em duas direções: a estética nos jardins, canteiros e acessos; e a infraestrutura turística necessária para recepção dos visitantes (trânsito interno, pouso e alimentação).

Os turistas gostam de olhar longe o mato verde, as montanhas. Todos dizem que aqui é muito bonito, batem fotos, olham o jardim, as flores e tudo. Em

---

<sup>21</sup> Cestas de produtos orgânicos produzidos na Comunidade e distribuídas regularmente para consumidores dos centros urbanos.

função do agroturismo estamos melhorando nossa propriedade e com isso a gente se sente melhor. Quanto mais bonito e melhor mais a gente gosta, ficamos mais alegres, mais contentes com o que a gente tem. Nós ainda queremos arrumar mais (Agricultora).

Outra coisa que faz uma grande diferença no trabalho com agroturismo é que a apresentação das propriedades tem melhorado muito, como o ajardinamento, a própria casa, todas as instalações, o rancho dos animais, o pessoal tem dado um toque especial. Isso faz com que a propriedade passa a ser uma coisa bonita, aconchegante, confortável e dando dinheiro (Agricultor).

As observações realizadas em campo indicaram que as melhorias estrutural e visual das propriedades, além de imprescindíveis ao desenvolvimento do agroturismo, têm proporcionando maior bem-estar no cotidiano dos núcleos familiares agrícolas receptores.

O agroturismo organiza a sua propriedade com a pousada e estrutura para atender o pessoal da cidade, os visitantes, e com isso ele vai ter uma fonte de renda a mais na propriedade, vai diversificando suas fontes de renda, tendo essa propriedade organizada. Para a organização da propriedade precisa pensar em ter flores, coisas em harmonia com a natureza. Você, tendo isso, melhora sua propriedade e se sente bem morando ali. Você vai construindo o seu paraíso. Com isso também se tem mais qualidade de vida (Agricultor).

### **5.3.2 Troca de experiências através do diálogo no cotidiano do agroturismo: a aprendizagem multicultural**

A prática do trabalho com agroturismo ocasiona, na maior parte dos casos, troca de experiências e relacionamento constante entre a população autóctone e pessoas oriundas das mais diversas regiões e culturas. Essas trocas têm repercutido de forma expressiva na maneira de ser e na desenvoltura do homem do campo.

O grande valor do trabalho hoje é a troca de experiências que ocorre. Antes a gente ficava um olhando para a cara do outro (Agricultor).

Parece que está melhorando [desenvoltura] a cada dia, parece que a gente tem até mais coragem para dizer as coisas que pensa, até para conversar, para explicar. A gente se sente contente quando vêm as pessoas aqui para conhecer a propriedade, o nosso trabalho. Eles vêm para ver aqui e já contam como é o lugar deles. Assim a gente fica conhecendo cada vez mais (Agricultora).

Pelo que tudo indica, a troca de conhecimentos durante as práticas de agroturismo preenche uma lacuna presente no cotidiano dos núcleos familiares agrícolas. Lacuna essa caracterizada pelas escassas possibilidades de ausentar-se das propriedades, viajar e conhecer novas experiências, povos e regiões.

Eu e minha família sempre gostamos de receber as pessoas. Eu me sinto bem assim, conversar, trocar idéias, até porque a gente nunca tira um tempo para passear, sair, buscar conhecer outros lugares. Numa hora dessas é gostoso poder conversar, receber, mostrar o que a gente faz, conhecer mais pessoas, fazer amigos (Agricultor).

Eu pouco saio daqui, quase não vou a lugar nenhum. Então quando as pessoas chegam eu tenho vontade de conversar, porque aquele tempo passa rápido e quando vê eles já estão indo embora. Da última vez eu estava fazendo polenta e comida na chapa, eles vieram entrevistar, como é que se fazia polenta, tiraram fotos, filmaram, aquilo é uma alegria para a gente, olha que foi uma coisa legal (Agricultora).

Para alguns, a convivência com os visitantes e a conseqüente troca de experiências chegam a ser comparados ao estudo formal.

Essa convivência com as pessoas que vêm de fora tem trazido muitas informações boas para nós, assim vamos aprendendo. Não estamos em uma

escola estudando, mas é um estudo que se aprende com o próprio trabalho, aprende-se coisas que talvez aprenderia se estivesse em uma escola. Eu já percebi isso (Agricultor).

Diferentemente das modalidades de turismo de massa, em que o contato dos turistas com a população receptora é pouco expressivo (KRIPPENDORF, 1989), no agroturismo o intercâmbio cultural entre visitantes e a população autóctone demonstra ser bastante significativo.

Eu acho que a cultura é valorizada, a nossa e a deles. Eles contam como é lá e a gente como é aqui, e isso é valorizado, coisa que antes dos projetos não havia (Agricultor).

Durante as práticas de agroturismo, a atenção dispensada aos visitantes pelos agricultores é de tempo integral. O diálogo se faz presente desde o início até o final da visita, exceto nos momentos de descanso, quando as pessoas se recolhem aos respectivos aposentos.

A gente conhece as raízes de outras pessoas e eles vêm conhecendo as raízes da gente, nossa origem, a gente vai se revelando. Nós até já descobrimos parentes até então desconhecidos, entre os visitantes, aconteceu através do agroturismo. A gente vai conversando e tomando chimarrão, e vai revelando e se conhecendo, e se não fosse esse agroturismo talvez nada disso teria acontecido, muito pouco a gente teria conhecimento de outros lugares, outros meios, outros jeitos de trabalho (Agricultor).

Eu gosto porque eles contam como é lá onde moram, Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul, Oeste do Estado. E eles também querem saber como são as coisa aqui. Então eles contam uma história eu conto outra, e assim a gente vai trocando idéias, que acho muito importante (Agricultor).

Sem exceção, todos os sujeitos do estudo demonstram perceber as diferenças da atualidade em relação ao passado, com base no trabalho e nos relacionamentos interpessoais. Quando trabalhavam com o plantio de fumo, produção de carvão vegetal, atividades típicas da

agricultura convencional, o trabalho era mais pesado e o contato com pessoas de outras localidades era mais difícil, pois dificilmente havia algum tipo de visitação.

Antes eu trabalhava, trabalhava e nunca falava com ninguém, não sabia nada, ficava meses inteiros só naquela mesma rotina. Até que o volume de trabalho não era tanto, era mais pesado. Hoje tenho que me preocupar mais para aprontar tudo na hora certa, antes não tinha horário certo, hoje tem. Mas mudou para melhor, antes eu não tinha nem noção de o que era conservar o meio ambiente, a natureza, a água, nunca se pensava nisso e hoje mudou, a gente sabe o porque de se preservar a natureza, antes não se tinha noção do que se fazia, com os agrotóxicos por exemplo (Agricultora).

Antes a gente passava mais tempo sem ver e conversar com ninguém diferente; agora não, sempre vêm outras pessoas e nós podemos perguntar como é no lugar onde eles moram, fazemos mais amizades com o pessoal de longe. Quando a gente pergunta se eles estão gostando daqui eles dizem que gostam muito, que é muito bonito aqui, isso tudo eles falam, com isso nos sentimos bem, estamos gostando disso, ficamos muito contentes (Agricultora).

Além do contato com os visitantes, o desenvolvimento pessoal é atribuído ao diálogo no processo de gestão participativa nas associações de agroecologia e agroturismo. Isso vem fazendo com que os sujeitos desenvolvam melhor capacidade de expressão e maior intensidade nas relações humanas.

Outra coisa que melhorou a nossa qualidade de vida foi o diálogo. Com diálogo que temos com os visitantes, a gente descobre muitas coisas que não sabíamos antes. Isso ajuda a fazer uma qualidade de vida, tem tantas dicas para um ajudar o outro e é isso que está acontecendo com nosso agroturismo. Isso para nós é qualidade de vida, um ajuda o outro a encontrar os melhores caminhos (Agricultora).



Semana passada vieram 60 pessoas<sup>22</sup> mais ou menos. Eles foram conhecer a roça, tiraram fotos, tinha de todos os tipos de pessoas, branco, preto, amarelo, japonês, alemão, italiano, tudo misturado, mas todos conversavam conosco. Isso era bom, porque a gente conversava, ria, dizia umas bobagens, eles diziam outras, fazia umas brincadeiras, ficamos amigos, era tudo legal mesmo. Antes eu tinha muito problema para falar na frente de estranhos, agora eu tenho mais facilidade. Se eu souber eu respondo, se não, digo que não sei (Agricultora).

Segundo a percepção dos sujeitos, o diálogo e a troca de experiências, tanto com os parceiros de projeto quanto com os visitantes, acabam repercutindo na própria divulgação e comercialização dos produtos e serviços, e conseqüentemente na renda das famílias envolvidas.

Estamos percebendo que a cada dia, a cada ano que passa, adquirimos mais conhecimento através das organizações envolvidas, das reuniões periódicas, os eventos, excursões e visitantes, tudo isso tem nos proporcionado contatos e troca de experiências muito ricas. A gente sente que nosso trabalho está ficando cada vez mais conhecido, nossos produtos e serviços estão recebendo divulgação, e com isso aumentam a comercialização e conseqüentemente nossa renda (Agricultor).

Pelo que se percebe, as novas situações que têm possibilitado o diálogo na comunidade do estudo geram nos sujeitos uma espécie de libertação para o mundo, fazendo com que os mesmos se pronunciem humanamente, encontrando, assim, significação existencial como seres efetivamente partícipes da sociedade.

Para Freire (1987), existir humanamente é pronunciar o mundo, o que torna o diálogo inerente ao processo de busca da significação dos homens enquanto homens. Dessa forma, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele serve como meio em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode

---

<sup>22</sup> Esse número de visitantes não caracteriza o turismo de massa, pois essas 60 pessoas distribuíram-se em vários grupos menores e em dias distintos da semana.

limitar-se a um simples ato de depositar idéias, nem tampouco se tornar simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. O diálogo é um ato de reflexão, síntese e criação.

Esse autor nos ensina que o amor, a humildade e a fé nos homens são intrínsecos ao fundamento do diálogo: se não se ama o mundo, se não se ama a vida, se não se ama os homens, não é possível o diálogo; o diálogo se rompe quando um de seus pólos perde a humildade. A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem não podem aproximar-se do outro. Nesse lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais. O homem dialógico tem fé nos homens antes de encontrar-se frente a frente com eles. Fé no seu poder de fazer e de refazer, criar e recriar, fé na sua vocação de ser mais, entendendo que isso é direito de todos os homens (FREIRE, 1987).

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé dos homens, o diálogo se faz numa relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia. A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo (FREIRE, 1987).

Apesar das dificuldades encontradas na trajetória de implementação dos projetos, o amor, a fé e a humildade são percebidos nas diversas relações estabelecidas pela Comunidade. Notoriamente, esses sentimentos têm gerado melhoria direta na qualidade de vida dos sujeitos, originando ainda muita confiança e esperança de um futuro melhor.

### **5.3.3 O papel da mulher no processo de produção e tomada de decisões**

No momento que se reconhece e analisa a contribuição e o papel da família na auto-suficiência alimentar e no desenvolvimento em geral, a participação da mulher adquire importância suplementar. Ela, além de participar efetivamente nas atividades de produção agropecuária, é o eixo fundamental na economia doméstica, nas tarefas educacionais e nos cuidados com a família (PRESVELOU; ALMEIDA; ALMEIDA, 1996).

Fator que emerge de maneira expressiva nesta pesquisa é a predominante participação das mulheres nas atividades de agroturismo.

O envolvimento com o agroturismo é muito maior das mulheres do que dos homens (Agricultor).

Um dos objetivos da implementação das atividades de agroturismo na Comunidade foi a geração de trabalho e renda para as mulheres dentro das propriedades. Em vários casos, antes do desenvolvimento das atividades de agricultura familiar orgânica e agroturismo, muitas mães de família precisavam buscar outras fontes de renda fora – pode ser que muitas ainda procurem, entretanto as experiências em questão proporcionaram demanda de trabalho dentro das propriedades (Nota de campo).

Hoje, além das atividades domésticas rotineiras, as mulheres encarregam-se da maior parte do serviço despendido pelas atividades de agroturismo.

Muitas vezes a minha mulher também tem que ir pra roça e ainda manter a casa limpa porque vai chegar algum turista, então é um trabalho a mais (Agricultor).

São as mulheres que fazem a comida, cuidam da casa. Praticamente ela é o centro, a referência. Os homens na Acolhida fazem mais os contatos, as conversas. Na verdade quem trabalha mais são as mulheres mesmo. Essa é uma preocupação. Nós precisamos encontrar um equilíbrio (Agricultor).

Essa participação ativa tem gerado algumas restrições na vida das mulheres, pois acontece, na maior parte dos casos, uma sobrecarga de afazeres. Elas acumulam todo o trabalho do lar com algumas atividades da produção primária e praticamente tudo o que se refere ao bem-estar dos visitantes (pouso e alimentação).

Entretanto, também se agregam algumas possibilidades, pois elas fortalecem a sua personalidade e o poder de participação, conquistando assim maior espaço e autoridade no momento de tomar decisões que digam respeito ao bem-estar familiar e comunitário.

Uma coisa que está começando a chamar a atenção dentro da Acolhida é a participação das mulheres. Isso é muito visível. Eu gosto sempre de elogiar. Hoje, nas reuniões da Acolhida, a maioria é mulher (Agricultor).

### 5.3.4 Valorização da vida rural: reintegrando o ser humano ao ambiente natural

O apego dos pequenos agricultores com a terra é intenso, pois conhecem bem a natureza e ganham a vida com ela. O elo de afetividade do agricultor com a terra forma-se a partir dessa intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém as esperanças. A apreciação estética também está presente, mas raramente é expressa (TUAN, 1980).

Os objetos utilizados pela família ao longo de sua história também favorecem um elo afetivo intenso com os protagonistas. Entretanto, em função do ritmo de trabalho acentuado e da descartabilidade pregada pelo sistema atual de produção, a importância dispensada às “coisas” vinha tornado-se menor com o passar do tempo. Da mesma forma, nas últimas quatro décadas, as grandes propriedades de monocultura convencional têm sido valorizadas em detrimento das pequenas propriedades de produção agropecuária familiar.

Este estudo nos indicou que, entre as repercussões das atividades de agroturismo na qualidade de vida dos protagonistas, desencadeou-se uma espécie de revalorização do “lugar”, das “coisas” e principalmente do trabalho a partir da admiração expressa pelos visitantes.

As pessoas [visitantes] geralmente lembram da infância, dos avós, e com isso nós começamos a valorizar objetos que para nós não tinham mais utilidade nenhuma. Recolhemos muitos objetos que eram de nossos avós e pais para decorar a pousada e cuidamos com muito carinho porque reaprendemos a gostar. Nós pegamos os móveis e objetos antigos e fazemos de tudo para que fiquem bonitos outra vez, coisas que a gente não dava mais valor e hoje damos, até achamos bonito de novo. Antes a gente tinha até vergonha dessas coisas antigas, dizíamos que eram feias, não queríamos essas coisas “velhas” e hoje os turistas estão achando bonito (Agricultora).

Uma das coisas que têm acontecido, e que pra nós passa despercebido, é a qualidade da nossa alimentação. Pra nós às vezes passa despercebido, mas pra quem visita é uma coisa muito visível. A pessoa chega aqui e percebe

logo que a gente procura produzir o máximo daquilo que se consome na alimentação, pra não depender de comprar produtos que não se conhece a origem. A gente percebe logo que as pessoas que chegam aqui observam esse diferencial, que a gente cria pato, galinha, porco também, então as pessoas notam logo isso (Agricultor).

Eu vejo que as pessoas estão valorizando isso que eu estou fazendo, que eu estou certo, elas passam confiança pra gente, aumentam a nossa auto-estima. Às vezes um professor da universidade, um doutor, até mesmo outros agricultores que chegam e dizem que isso é bom, que a comida é gostosa, é saudável, que isso aqui é que é qualidade de vida, faz com que a gente se sintam até orgulhoso. Resumindo em poucas palavras, isso dá confiança, auto-estima, tu tens a certeza de que isso que tu estás fazendo está certo. Pra mim o que marca mais é isso (Agricultor).

Pois é, de tanto vocês [visitantes] falarem, nós mesmos estamos achando bonito e gostando casa vez mais deste lugar (Agricultor).

O lugar, os objetos tradicionais, a qualidade da alimentação, o trabalho, a cultura, enfim, o modo de vida da população autóctone está recebendo uma espécie de auto-ressignificação.

Essas transformações necessitam de avaliações periódicas, tendo em vista suas conseqüências, que podem ser positivas ou desfavoráveis para a qualidade de vida dos envolvidos.

Segundo a percepção dos sujeitos, a admiração expressa pelos visitantes tem significativa representação no tocante à auto-estima. As observações admiradas por parte dos visitantes desencadeiam um sentimento de importância na vida dos agricultores, que é real, mas que tinha se perdido ao longo dos tempos.

Isso é uma coisa muito boa que está acontecendo, boa mesmo, porque as pessoas daqui sentem-se valorizadas (Agricultor).

Quando as pessoas elogiam meu trabalho, nossa casa, eu me sinto muito bem, sinto-me orgulhosa, dá vontade de fazer mais, a gente gosta de ver que está bom (Agricultora).

A partir de uma aparente atividade corriqueira, como o preparo do almoço por exemplo, emergem sentimentos de alegria e bem-estar.

Eles [turistas] chegam felizes conversando, dando risada, perguntam daqui, perguntam dali, vão dentro de casa e falam: “Que coisa mais linda isso aqui!” Eles conversam comigo, se é almoço perguntam o que vai ter para o almoço, querem saber tudo certinho como é feito, e aquilo eu acho muito bonito. Parece que a gente até fica mais alegre quando fala e conversa com eles. A gente se sente bem, pois sabemos que as pessoas estão sendo francas (Agricultora).

No começo eu tinha problema de depressão e quando as pessoas chegavam eu sumia, não chegava perto para falar com elas. Aí fui no médico e ele pediu para que eu falasse com as pessoas, que eu desse risada e brincasse com elas, pois o maior problema era que eu não conversava com os outros. Hoje estou mais tranqüila, converso com as visitas, já que o médico me falou. Quando começo a ficar triste logo penso que vai aparecer alguém e eu vou conversar e dar risada. Então hoje estou mais tranqüila do que no passado (Agricultora).

A gente nota que, mesmo não tendo estudado, as coisas que estamos fazendo têm muito valor e que é interessante para os outros o nosso trabalho. Isso orgulha a gente de ser agricultor e motiva pra ter vontade de continuar e fazer a coisa mais organizada, que chame mais a atenção, mostrando a capacidade do agricultor, o que ele pode fazer, o que isso representa para o consumidor, que sem o produtor não há vida na cidade, pois tudo que vai pra mesa nos centros urbanos sai da agricultura. Enfim, mostrar o valor que o agricultor tem perante a sociedade (Agricultor).

Às vezes eu estou cansada, não estou animada para fazer as coisas, aí as pessoas vêm e elogiam e parece que passa tudo, esqueço o cansaço e o desânimo. A gente acaba percebendo que está fazendo algo que os outros gostam, é uma coisa boa, a gente se sente valorizada, se sente bem com tudo o que as pessoas falam (Agricultora).

Para nós é um orgulho, as pessoas da cidade virem aqui para conhecer o nosso trabalho. Eles perguntam como se faz, é um orgulho para nós poder explicar o nosso serviço (Agricultor).

Quando as pessoas elogiam nosso trabalho, nossa casa, nossa comida, nos sentimos muito valorizados. Eu acho que essas pessoas que vêm são muito importantes porque vai valorizando o lugar, o lugar vai indo para a frente. Eles vêm vindo e incentivando também, pois eles também incentivam a gente. A gente recebe mesmo de coração, fazemos o que podemos para agradá-los (Agricultor).

É nítido o sentimento de empatia das famílias receptoras em relação aos visitantes. O discurso dos sujeitos demonstra otimismo. Pelo que tudo indica, esse sentimento é intrínseco à vontade e à necessidade de obter sucesso nos projetos de agroecologia e agroturismo. Como se pode perceber ao longo do estudo, os núcleos familiares em questão descendem de uma história de dificuldades expressivas relativas à sobrevivência e sustentabilidade financeira. Nesse contexto, parece ser uma atitude previsível o fato de expressarem esse otimismo na busca de um ideal de sobrevivência.

### **5.3.5 Perspectivas de manter os filhos trabalhando na Comunidade**

Um dos mais importantes fenômenos presentes no processo de desenvolvimento local da Comunidade são as emergentes perspectivas de trabalho e renda para os filhos dos agricultores. A prestação de serviços pelo agroturismo e o desenvolvimento da agroecologia, com todas as suas implicações socioeconômicas e ambientais, estão caracterizando possibilidades que não existiam no passado com a agricultura convencional.

Nesse sentido, os sujeitos foram indagados sobre uma hipotética situação em que não existissem os projetos, imaginando que continuassem com o modelo convencional de agricultura.

Com certeza eles [os filhos] estariam pensando em ter que um dia encontrar emprego na cidade, em grandes centros, como muitos estão indo (Agricultor).

Até mesmo para os jovens que estão cursando nível superior, existe perspectiva de que o futuro poderá ser construído na propriedade rural pertencente à família, situação essa que não era visualizada a partir da agricultura convencional.

Com o fumo não, eles [os filhos] não voltariam, nenhum deles, nem eu deixaria para trabalhar com o fumo. Eles não precisariam ter estudado, e o fumo é uma coisa que faz muito mal. Eu não vou voltar a plantar fumo. Mesmo que os projetos não dessem certo, nós não voltaríamos a plantar fumo. Hoje existe a possibilidade, mesmo com estudo, de algum deles voltar a viver e trabalhar por aqui (Agricultora).

Nossos filhos estão estudando, não sabem o que querem da vida ainda, mas eles estão acompanhando, se mostrando interessados com os projetos, participando das reuniões, dos cursos. Achamos que eles vão seguir por esse lado. Se continuarmos trabalhando e dando o exemplo, eles vão acabar tocando para frente (Agricultora).

Antes se pensava muito que os filhos iriam sair para a cidade e hoje já não pensamos mais, a gente vê que tem trabalho aqui no campo isso pela mudança de trabalho. Antes não tinha como eles viverem aqui conosco e hoje se vê que existem condições. Eles não precisam mais ir para a cidade procurar emprego, eu acho que tem como fazer o futuro deles aqui, com esse trabalho (Agricultor).



Nossos filhos têm nos ajudado bastante. Eles gostam muito disso, mas não sei o que eles vão querer depois. É bem possível que queiram tocar, pois eles gostam (Agricultora).

### **5.3.6 Limitações emergentes no processo de melhoria da qualidade de vida: paradoxos?**

Nessa experiência de desenvolvimento comunitário, apesar das perspectivas otimistas emergem também limitações, conflitos e problemas inerentes a qualquer processo de mudança na busca de novas alternativas de sobrevivência.

No período em que se desenvolveu a pesquisa de campo, os principais impasses registrados foram os relativos à comercialização dos produtos orgânicos: a qualidade de vida das pessoas envolvidas pareceu prejudicada, porque o fluxo de recursos financeiros não ocorre de acordo com as necessidades das famílias. Um dos maiores problemas registrados foi o caso de um grupo supermercadista que não honrou com uma dívida junto à AGRECO. Nessas situações os agricultores e demais integrantes remunerados da associação precisam dividir e arcar com os prejuízos. Com isso, a tensão entre os associados aumenta consideravelmente, ao ponto até de causar algumas desistências. Entretanto, em geral o diálogo prevalece, e os integrantes da associação acabam por encontrar alternativas, transformando os problemas em efetivo aprendizado.

Com as reuniões você junta idéias, junta os problemas, e discutindo encontra as melhores propostas para poder sair dos problemas. No momento que você tem um problema grave com mais gente envolvida, é mais fácil ou já resolve antes mesmo dele acontecer. Pra nós, pequenos agricultores, não tem outra saída se não trabalhar com o coletivo (Agricultor ).

No agroturismo mais especificamente, destacam-se algumas tensões relativas à heterogeneidade na prestação dos serviços, de propriedade para propriedade. Por exemplo: alguns agricultores oferecem apenas a produção primária como atrativo: outros, a produção primária e a agroindústria: outros, essas duas atividades mais alimentação; e outros, tudo isso mais as acomodações para pernoite dos turistas. Com isso, o faturamento oscila

significativamente de propriedade para propriedade, causando, assim, certo descontentamento entre as partes.

Existem também descontentamentos no interior do próprio núcleo familiar.

Desde o início eu fiz os meus trabalhos e muitas vezes a minha esposa achava que eu não devia. Na verdade, como presidente da associação de agroturismo, acabo deixando o trabalho para minha família, pois tenho que sair e o trabalho acaba ficando para eles e não é assim tão fácil para eles entenderem. Eles pensam: “Agora o pai tá indo pra lá e eu tenho que ficar na roça”. Muitas vezes faz com que a família pense se realmente vale a pena. (...) às vezes eu sinto falta de poder levar a minha família junto a alguns lugares, alguém tem que ficar aqui. Agora estamos pensando em fazer outra cozinha, então a família já começa a aderir a outras idéias. De um modo geral as coisas estão começando a caminhar melhor. As dificuldades que a gente tem dentro da família são mais ou menos essas. Poder envolver a família, poder estar mais junto com ela (Agricultor).

Além da percepção sobre pontos positivos no desenvolvimento da atividade turística em comunidades tradicionais, é importante questionar os impactos negativos desse fenômeno sobre a qualidade de vida das populações receptoras, em especial no que se refere à “invasão” da privacidade das mesmas.

Especificamente no caso do agroturismo, em que os visitantes se hospedam na própria residência dos agricultores, dados empíricos de outras experiências dessa natureza têm evidenciado situações de risco e desconforto que podem emergir no cotidiano dos núcleos familiares receptores. Nesse sentido, aplicou-se o seguinte questionamento: “O que representa para você ter uma pessoa estranha dentro da própria casa?”.

Olha..., não fica muito diferente não, é uma alegria a mais, né? A gente acaba conhecendo outras coisas, trocando idéias. A única preocupação é: “Será que estamos atendendo eles bem? Será que eles gostaram?” Isso é o que mais nos preocupa. Mas, é bom... Se tivesse todos os dias seria bom.

Além de a gente ficar conhecendo mais coisas, é um “trocadinho” a mais que entra, é uma fonte de renda junto (Agricultor).

Quando chega uma pessoa e eu coloco a cama, dou comida. Quem vem de fora, o pai e a mãe ficam longe, aí eu penso que um dia meus filhos vão estar longe e também precisarão de cama e comida e alguém vai arrumar para eles. Então muitas vezes eu penso nesse lado que eles precisam por estarem longe da família. Não pelo dinheiro, eu não penso nisso, faço porque gosto. Me satisfaz muito em ver que a pessoa está gostando (Agricultora).

Eu sinto como se fosse da minha própria família, não tenho preocupação nenhuma, pois sei que é uma pessoa de confiança. É como se estivesse um de meus filhos, meus irmãos, é a mesma coisa. Geralmente o pessoal da associação liga antes, e na maior parte dos casos eles só passam o dia, mas a gente se sente bem com as pessoas assim (Agricultora).

Uma coisa que eu realmente gosto de fazer é conversar com as pessoas, mostrar o que a gente faz, o que a gente tem. Para mim representa uma troca de experiências. Quando as pessoas chegam aqui, procuro não colocar o que eu acho, o que eu penso, mas procuro saber delas, o que elas fazem. Eu acho que as pessoas que vêm para cá precisam estar dispostas a partilhar experiências. Que a pessoa conte as experiências da cidade, eu gosto de sentir essa troca de informações sobre o trabalho e a própria vida (Agricultor).

Um dos sujeitos salientou alguns aspectos sobre a impossibilidade de determinar o próprio dia de folga.

De certa maneira a gente não pode dizer que hoje eu vou tirar meu dia e fim de conversa. Para quem está nesse ramo, se alguém ligar pedindo para visitar a propriedade no sábado ou no domingo, penso que devemos receber. Podemos tirar nosso dia de lazer, qualquer dia, seja segunda-feira ou domingo, tanto faz. Se a gente disser “Não, eu não vou te prestar serviço,

pois é sábado e eu não trabalho”, o negócio não funciona. Nós não podemos escolher o dia. Mas eu gosto, se vier um visitante no domingo, para mim é uma festa, eu gosto muito, daí eu já faço a minha companhia aqui em casa mesmo (Agricultor).

O que se configurou nessa etapa da pesquisa foi realmente uma surpresa. Sem nenhuma exceção, os sujeitos emitiram respostas seguindo, uma linha de acolhimento solidário, expressando carinho e vontade de conhecer o outro (visitante). Em nenhum momento houve menção sobre desconforto ou resistência em hospedar visitantes dentro da própria casa.

Doxey (1975) apud Barretto e Tamanini (2002), Ruschmann (1997) e Holloway (1994), estabelece uma discussão relacionada aos impactos das atividades de turismo de massa no cotidiano das populações receptoras, instigando reflexões sobre o futuro da qualidade de vida das famílias receptoras nas atividades de agroturismo, como por exemplo na comunidade do estudo<sup>23</sup>.

Segundo o autor, no caso dos impactos sociais, pode-se identificar estágios de crescente desilusão na maior parte das comunidades autóctones que desenvolvem atividades turísticas receptoras. O estágio inicial é o da **euforia**, no qual as pessoas ficam entusiasmadas, vibrando com o desenvolvimento do turismo, quando se registram sentimentos de satisfação mútua, aumento das oportunidades de emprego, negócios e lucro. O segundo estágio pode ser caracterizado como o da **apatia** – na medida em que a atividade cresce e se consolida, a população receptora considera a rentabilidade do setor como garantida, e o turista passa a ser considerado um “meio” para a obtenção de lucro “fácil”, o que torna os contatos humanos mais formais do que no estágio anterior. A **impaciência e a subsequente irritação** caracterizam a terceira fase, que se manifesta quando a atividade turística começa a atingir níveis de saturação ou quando a localidade já não atende às exigências da demanda que, quantitativamente excessiva, torna os equipamentos existentes insuficientes. O quarto estágio caracteriza-se pelo **antagonismo ou incompatibilidade**. Nesse estágio os moradores já não disfarçam sua irritação, responsabilizando os turistas por todos os seus males e pelos

---

<sup>23</sup> Para efeitos comparativos considerou-se apropriada a utilização da teoria da Doxey com as experiências de agroturismo, mesmo que estas não caracterizem turismo de massa.

problemas da localidade, tais como o aumento de impostos, de criminalidade, de desajustes da juventude, falta de sossego, etc. A polidez e o respeito mútuo desaparecem, ocasionando muitas vezes situações de hostilidade da população receptora para com os visitantes. O quinto e último estágio ocorre quando a população receptora percebe que, na ânsia de obter vantagens da atividade turística, não considerou as mudanças que estavam ocorrendo e nem pensou em impedi-las, tendo assim de conviver com o fato de que seu “lugar” jamais voltará a ser o que era antes do advento do turismo (DOXEY, 1975 apud BARRETTO e TAMANINI, 2002; RUSCHMANN, 1997; HOLLOWAY, 1994).

Essas situações ocorrem, em maior ou menor escala, de acordo com o estágio de desenvolvimento, o número de turistas e o tipo de turismo desenvolvido na localidade receptora. À luz dessas considerações, é possível observar que o caso de Santa Rosa de Lima não pode prescindir de ações de planejamento voltadas à prevenção de situações danosas aos núcleos familiares receptores. Buscar soluções baseadas em experiências anteriores – e, principalmente, diálogo e replanejamento – é de fundamental importância nesse momento.

Se estabelecido um paralelo entre a experiência de Santa Rosa de Lima e a teoria de Doxey, considerando-se o tempo de vida relativamente recente da AAAC – desde 1999 – e o estado otimista dos depoimentos registrados neste estudo, poder-se-ia afirmar que a experiência seria enquadrada na primeira fase da teoria de Doxey, a da euforia.

Salvo as especificidades de cada núcleo receptor, o grau de desenvolvimento do turismo, a periodicidade e a tipologia de turismo desenvolvida, a teoria de Doxey apresenta-se de grande valia no sentido de prever e, com isso, prevenir futuros impactos negativos nas comunidades receptoras.

Na comunidade do estudo já se percebem algumas ações voltadas à prevenção desse tipo de impacto. É o caso do agenciamento de praticamente todas as visitas pela AAAC, que media a negociação e planeja o roteiro das visitas. Dessa forma, a família receptora pode se preparar e receber os visitantes com prévio aviso, sem surpresas de última hora<sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup> O momento da validação e devolução dos dados junto aos sujeitos deste estudo, realizado na Comunidade, também teve objetivo de discutir, refletir e buscar alternativas com o intuito de prevenir possíveis impactos decorrentes do desenvolvimento da atividade turística na região.

Pelo que se percebe, o contexto do cotidiano do agroturismo gera circunstâncias paradoxais, na medida em que podem ser concebidas como possibilidades e limitações na qualidade de vida das famílias receptoras.

## 6 REFLEXÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

A qualidade de vida dos habitantes do planeta está diretamente relacionada à qualidade das interações humanas no ambiente social e natural. Esse pressuposto, presente no referencial teórico deste estudo, permeia os dados empíricos encontrados, estimulando a reflexão sobre as questões iniciais, que envolvem, em especial, a relação ser humano-ambiente natural, mais especificamente nos seus modos de produção.

Entendendo que a busca pela sustentabilidade envolve aspectos sociopolíticos, econômicos, culturais e ambientais, é de se considerar a importância do movimento que se configura no cenário brasileiro, mesmo que ainda muito localizado, referente à produção agrícola orgânica de alimentos, aliada à prática de agroturismo.

Mais especial é esse movimento quando construído pelo desenvolvimento comunitário familiar, porque inibe problemas sociais advindos da migração de jovens do meio rural para o urbano, em busca de opções de trabalho que costumam gerar situações de mal viver, por conta de subempregos que não lhes possibilitam nem mesmo atender àquelas necessidades de sobrevivência, no mínimo garantidas, quando residiam com a família no campo.

A realidade da produção agrícola que está sendo construída em Santa Rosa de Lima é exemplo do que já se prescreve no atual quadro de mudanças na produção primária do país. O meio rural deixa de ter o significado de produção conectada ao espaço urbano numa relação somente de fornecimento. Tanto do lado do consumo quanto da produção de alimentos, existe atualmente a premência por soluções originais que venham a possibilitar a melhoria da qualidade de vida e o resgate das formas mais autênticas de relacionamento com o meio, sobretudo nas relações de trabalho, com a valorização não só daquilo que é obtido a partir desse esforço humano, mas também do próprio processo laboral.

O histórico da implantação do agroturismo em Santa Rosa de Lima referenda essa nova interação entre os espaços rural e urbano e dá novas configurações às relações de produção, distribuição e de consumo de produtos orgânicos. O agroturismo surgiu espontaneamente como um complemento a partir da consolidação da idéia de que não basta consumir, mas que é preciso buscar e conhecer o valor de um alimento sadio, com o esforço de um trabalho despendido na sua produção, integrado às peculiaridades do saber local.

O diferencial da experiência de Santa Rosa de Lima é oportunizar ao agroturista uma dimensão solidária que permeia todo o processo de trabalho na produção e comercialização de alimentos, o ciclo da cadeia alimentar e o próprio ecossistema.

Essa experiência apresenta um componente educativo que transcende o território da Comunidade. Dos movimentos coletivos de participação comunitária, nas associações e no cotidiano das atividades familiares, emerge todo um conjunto de processos e produtos que interferem não apenas na qualidade de vida da própria comunidade, mas também na qualidade de vida, na saúde individual e coletiva, daquelas pessoas que usufruem diretamente da vivência daquele espaço e daquelas que, à distância, utilizam os produtos dos processos de trabalho da agroecologia.

Percebem-se, nesse contexto, possibilidades latentes e concretas de estímulo à reintegração do ser humano ao ambiente natural, não mais para explorá-lo, mas para conviver harmoniosamente com esse ambiente. Sem negar a necessidade de produção e comercialização de bens de consumo integrados às tecnologias modernas, e com uma consciência coletiva de construção dialética<sup>25</sup>, essa atitude expressa um caminho para o ideal da sustentabilidade.

Sob o ponto de vista do referencial teórico que orienta o estudo e a partir dos depoimentos dos sujeitos, é possível considerar que a realidade atual de Santa Rosa de Lima foi construída através de um movimento de busca dessa sustentabilidade e que o próprio processo dessa construção tem proporcionado possibilidades de melhoria na qualidade de vida da população envolvida.

Assim, as concepções de qualidade de vida para os sujeitos do estudo estão condicionadas à leitura que eles fazem desse processo. Por isso, para compreender as repercussões das atividades de agroturismo na qualidade de vida daquela população, é preciso entender suas concepções sobre qualidade de vida.

Por exemplo, para famílias da Comunidade, “boa qualidade de vida” ultrapassa o estado de “possuir bens materiais cada vez mais, para viver cada vez melhor”. Para aquelas pessoas, o fato de “estar e trabalhar” junto da família, no “lugar” em que vivem, e “preservar esse ambiente”; o orgulho de “ser” agricultor orgânico, partilhando experiências com a família, com a comunidade e, principalmente, com os visitantes, através do agroturismo, faz



bem para a qualidade de vida. Poder acreditar nos projetos coletivos, trabalhar em grupo e, principalmente, sentir-se parte dele têm sido também referências para a melhoria da qualidade de vida dos protagonistas. Enfim, “sentir-se” bem fazendo o que fazem e vivendo onde vivem.

O próprio cotidiano das atividades de agroturismo promove momentos de alegria e descontração, pelo convívio com “pessoas de fora”. Nessas interações também há troca de experiências através do diálogo, o que possibilita a aprendizagem multicultural, pela diversidade de pessoas que transitam pela comunidade.

Essa dinâmica cotidiana muda as relações na comunidade, desde as dos microcontextos, caracterizados como familiares, até aquelas de contextos mais complexos, especialmente a partir das associações mediadoras do processo de produção. A família toda se envolve e, em especial, a mulher, até então restrita ao território e afazeres da casa, passa a ter papel importante no processo de produção e na tomada de decisões coletivas.

Na devolução dos dados aos sujeitos (capítulo 3), esse aspecto evidenciou-se quando falaram da possibilidade de suas filhas virem a trabalhar nas agroindústrias e no turismo, enquanto que no passado só existia a lavoura para trabalhar, o que, segundo eles, nem sempre era atrativo para as moças.

A reestruturação física das propriedades também contribui para a melhoria da qualidade de vida da Comunidade. Os cenários, com seus jardins, caminhos, plantações e até os cômodos intermos das casas, expressam uma estética que promove satisfação aos moradores e também aos visitantes.

A conservação ambiental, proporcionada pela produção agroecológica isenta de produtos químicos, seguindo princípios éticos relativos ao desenvolvimento sustentável, é benéfica para a saúde dos produtores e demais moradores da Comunidade, assim como para a saúde dos consumidores dos seus produtos. Esse fator tem demonstrado significância prioritária para a qualidade de vida individual e coletiva.

Todo esse processo valoriza a vida rural, promovendo a reintegração do ser humano ao ambiente natural, seja do próprio agricultor, seja dos visitantes. Como indivíduo e coletivo, o agricultor exercita sua auto-estima através da valorização daquilo que lhe é próprio, bem como das perspectivas concretas de comercialização da produção. Esse fenômeno aumenta as

---

<sup>25</sup> Construção dialética expressando um sentido de movimento que busca a superação das contradições e

perspectivas de manter os filhos trabalhando na propriedade, o que *a priori* causa bem-estar às famílias, ao mesmo tempo que o contato com visitantes e pesquisadores possibilita aos jovens trocar experiências e também abrir caminhos para ampliar seus estudos.

Para alguns sujeitos, a qualidade de vida está boa; para outros, está razoável; mas para todos há a esperança, a crença de que vai melhorar, o que estimula a continuidade de participação no processo. Isso se traduz em expressões de necessidade de compor lideranças na própria comunidade para continuidade do processo político associativista.

Fazendo parte dos atributos da qualidade de vida da Comunidade, também aparecem as situações de conflito, como paradoxos do processo construído, expressando os movimentos sociais e os momentos de troca de idéias e de sentimentos em relação aos problemas comuns. Com isso, a tensão entre os associados aumenta, ao ponto até de causar algumas desistências. Entretanto, em geral o diálogo prevalece e os integrantes da associação acabam por encontrar alternativas, transformando os conflitos em efetivo aprendizado, seja quanto a questões individuais, seja quanto a questões coletivas.

A realidade da vida construída em Santa Rosa de Lima valida idéias de Gramsci (1987) em relação à importância da visão integrada da dimensão individual-coletiva na construção da vida humana. Para Gramsci, é preciso conceber o homem como uma série de relações ativas (um processo) no qual, se a individualidade tem a máxima importância, não é todavia o único elemento a ser considerado. Assim, segundo o autor, a humanidade que se reflete em cada individualidade é composta de diversos elementos: 1) o indivíduo; 2) os outros homens; 3) a natureza. Mas o segundo e o terceiro elemento não são tão simples quanto poderia parecer. O indivíduo não entra em relação com os outros homens por justaposição, mas organicamente, isto é, na medida em que passa a fazer parte dos organismos, dos mais simples aos mais complexos.

Dessa forma, segundo Gramsci, o homem não entra em relação com a natureza simplesmente pelo fato de ser ele mesmo natureza, mas ativamente, por meio do trabalho e da técnica. E mais: essas relações não são mecânicas. São ativas e conscientes, ou seja, correspondem a um grau maior ou menor de inteligibilidade que delas tenha o homem individual. Daí ser possível dizer que cada um transforma a si mesmo, se modifica, na medida

em que transforma e modifica todo o conjunto de relações do qual ele é o ponto central (GRAMSCI, 1987).

As mudanças que ocorreram, e ainda ocorrem, na qualidade de vida das famílias receptoras e demais pessoas envolvidas nos projetos de agroecologia e agroturismo em Santa Rosa de Lima mostram o individual de cada ser humano e o poder da associação com outros indivíduos. Gramsci (1987) ressaltaria a força do coletivo pela existência do poder da união de idéias e ações, pois, segundo ele, o que cada indivíduo pode fazer para modificar é muito pouco em relação às suas forças individuais. Mas, ao associar-se com outros indivíduos que buscam o mesmo objetivo, um fenômeno pode multiplicar-se em um elevado número de vezes, obtendo uma modificação bem mais radical do que à primeira vista parecia ser possível.

Resgatando o objetivo deste estudo, considera-se que as repercussões das atividades de agroturismo na qualidade de vida das famílias receptoras da Comunidade de Santa Rosa de Lima traduzem um movimento individual-coletivo de transformação mediado por princípios éticos voltados à sustentabilidade, o que promove uma qualidade diferente nas interações ser humano-ambiente natural e ser humano-ser humano.

Dificuldades de sobrevivência e busca de melhor qualidade de vida motivaram e ainda motivam mudanças nessas interações. A descrição da realidade mostra que o que facilmente se teoriza, na prática, percebe-se de difícil concretização. Entretanto, esse fenômeno – humano – também é atributo da qualidade de vida. Por isso, os protagonistas dessa construção precisaram assumir desafios constantes e aprender a conviver com a diversidade e complexidade dos movimentos de participação comunitária.

A visão de qualidade de vida, que guiou o estudo, se concretiza nos dados empíricos: a qualidade de vida das famílias receptoras é construída nas microinterações do cotidiano em parceria com a natureza, nas interações na própria família e nas participações com outras famílias da comunidade, com os visitantes, com os intelectuais orgânicos e com aqueles que para lá vão aprender.

Percebe-se a relevância do papel do agroturismo quando conduzido de acordo com princípios éticos, como ferramenta para a melhoria da qualidade de vida para além do cotidiano das comunidades rurais. Na perspectiva de formação de redes entre cidade e campo, é fato que os princípios e ações que permeiam o agroturismo e agricultura orgânica têm efetiva repercussão na melhoria da qualidade de vida individual-coletiva.

Cabe ressaltar a importância das ações do turista no tocante à sua responsabilidade com uma nova ética no turismo, a partir da compreensão do próprio turista como agente efetivamente partícipe do processo e responsável pelas conseqüências das próprias ações desencadeadas no contexto de suas viagens e passeios.

A experiência aponta para novas perspectivas, como o redimensionamento da relação rural-urbano, pois o apelo que se faz ao turista é o de buscar e conhecer a agricultura orgânica. Com isso, o visitante assimila conhecimento de uma nova relação de trabalho com a terra, ao mesmo tempo em que também proporciona conhecimento às famílias receptoras, movimenta a economia, estimulando assim o desenvolvimento local.

Espera-se que este estudo possa contribuir para a produção de conhecimentos sobre o tema agroturismo e qualidade de vida a partir de uma abordagem qualitativa. A expectativa é que o resultado deste possa subsidiar indivíduos e instituições no desenvolvimento de programas, projetos e estudos na área de agricultura familiar e agroturismo que visem à melhoria da qualidade de vida das comunidades envolvidas. Espera-se, também, que essa contribuição teórico-metodológica sobre o pensar a qualidade de vida do trabalhador rural possa ampliar a compreensão para o agroturismo como atividade importante, mas complementar à produção primária de alimentos.

Quanto a sugestões, primeiramente destaca-se o depoimento quando do momento de devolução de dados aos sujeitos. Estes fizeram observações sobre a importância das associações para controlar o fluxo de turistas e a necessidade de haver acompanhamento técnico por profissionais capacitados para o fomento sustentável dos projetos ali existentes, principalmente no que tange ao papel do técnico em capacitar efetivamente os agricultores para que possam “caminhar com as próprias pernas”.

Sugere-se, também, o desenvolvimento de estudos que venham a ampliar e aprofundar os temas aqui levantados, como por exemplo: perspectiva dos filhos dos agricultores para o futuro, incluindo a influência dos projetos da Comunidade na tomada de decisões após o término do segundo grau; possibilidades geradas pela construção de conhecimento, oriundo das trocas dialógicas que permeiam o cotidiano das atividades de agroturismo e do processo de desenvolvimento participativo; medidas para minimizar prejuízos e otimizar benefícios originados da atividade agroturística voltada à qualidade de vida dos núcleos familiares

agrícolas do município de Santa Rosa de Lima e de outras localidades em que a atividade venha a se desenvolver.

Finalmente, extrapolando a resposta ao objetivo deste estudo, entende-se que a agricultura familiar orgânica, aliada a atividades de agroturismo, coletiva e eticamente orientadas, possibilita promover: inclusão social através do associativismo e dos processos de gestão participativa; geração de trabalho e renda para um número maior de indivíduos ocupando pequenas áreas de terra; resgate de manifestações culturais tradicionais; promoção da consciência política, gerada pelo processo de desenvolvimento comunitário participativo; conservação ambiental, pelas práticas de trabalho agroecológicas na produção primária; ampliação da consciência dos cidadãos urbanos para a importância do papel da agricultura familiar orgânica; promoção da saúde, tanto individual quanto coletiva, através de práticas alimentares mais saudáveis e do contato com o ambiente natural.

E, ainda, o estudo leva a refletir e a desejar ampliar a compreensão sobre a “cultura das qualidades humanas”, trazida por Lévy (1998), já que a construção da qualidade de vida da população da comunidade em estudo se deu pela integração de interesses e competências de pessoas em trabalho coletivo:

O setor de futuro da produção entrópica caminha sobre duas pernas indissociáveis: a cultura das qualidades humanas – especialmente as competências – e a administração de uma sociedade na qual se possa viver. É como se o humano, em toda a sua extensão e variedade, voltasse a se tornar matéria-prima. Ora, defendemos aqui que a inteligência coletiva se imponha como produto acabado por excelência. A inteligência coletiva: fonte e objetivo das outras riquezas, aberta e inacabada, *output*, paradoxal porque interior, qualitativa e subjetiva. A inteligência coletiva: *produto infinito* da nova economia do humano (LÉVY, 1998, p. 44).

## 7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, R. *Paradigmas do capitalismo agrário em questão*. Campinas: Hucitec/Anpox, 1992.
- ALBUQUERQUE, Francisco J. B. de. Aspectos psicossociais das cooperativas agrárias. In: TAMAYO, Álvaro; BORGES, J. E.; CODO, A. W. (Orgs.). *Trabalho, organizações e cultura*. São Paulo: CAA, 1996. p. 95-104.
- ALMEIDA, J.; FROEHLICH, J. M.; RIEDL, M. (Orgs.). *Turismo rural e desenvolvimento sustentável*. Campinas: Papirus, 2000.
- ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. 3. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2001.
- BACON, Francis. *Novum Organum: ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).
- BARRETTO, M.; TAMANINI, E. (Orgs.). *Redescobrimo a ecologia no turismo*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.
- BARRETTO, Margarita. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. 4. ed. Campinas (SP): Papirus, 1998.
- BENI, Mario C. Conceituando turismo rural, agroturismo, turismo ecológico ecoturismo. In: BARRETTO, M.; TAMANINI, E. (Orgs.). *Redescobrimo a ecologia no turismo*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. capítulo 3.
- BLÓS, Wladimir. *O turismo rural e o desenvolvimento local: a experiência de Lages*. 1999. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K.. *Investigação qualitativa em educação*. Tradução: Maria J. Alvarez, Sara B. dos Santos e Telmo M. Baptista. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.
- BORNHEIM, G. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- CALATRAVA, R.; RUIZ, A. P. El turismo: una oportunidad para las zonas rurales desfavorecidas? *Leader Magazine*, Bruxelas n. 4, 1993.

- CAMPAGNOLA, C.; SILVA, J. G. da. Panorama do turismo no espaço rural brasileiro: nova oportunidade para o pequeno produtor. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL, 1999, Piracicaba (SP). *Anais...* Piracicaba: FEALQ, 1999. p. 9-42.
- CAPRA, F. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Tradução: Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 1997.
- D'AMBRÓSIO, Ubiratan. *Rumo à nova transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento*. São Paulo: Summus, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- GONÇALVES, C. W. P. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1996.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- GRÜN, M. *Ética e educação ambiental: a conexão necessária*. 2. ed. Campinas (SP): Papirus, 2000.
- GUZZATTI, Thaise C. *Turismo rural para promover o desenvolvimento local*. 1997. Monografia (Graduação em Agronomia) – Centro de Ciências Agrônômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- HERCULANO, Selene C. A qualidade de vida e seus indicadores. In: HERCULANO S.; PORTO, M. F. de S.; FREITAS, C. M. de. *Qualidade de vida e riscos ambientais*. Niterói (RJ): EdUFF, 2000.
- HOLLOWAY, J. Christopher. *The Business of Tourism*. London: Pitman Publishing, 1994.
- KOTLER, Philip. *Administração de marketing*. São Paulo: Atlas, 1995.
- KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- LADE, A. *Energia vital: novos conceitos de cura*. São Paulo: Cultrix, 2000.

- LE GROUP TYP. *Étude sur le tourisme rural au Québec relié au monde agricole*.  
Gouvernement du Québec. Ministère de L'Agriculture, des Pêcheries et de L'Alimentation,  
Québec, Canadá, 1997.
- LEFF, E. (Org.). Interdisciplinarietà y ambiente: bases conceptuales para el manejo  
sustentable de los recursos. In: \_\_\_\_\_. *Ecología e capital. Racionalidad ambiental,  
democracia participativa y desarrollo sustentable*. México: Siglo XXI, 1994. p. 68-123.
- LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo:  
Loyola, 1998.
- LIMA, I. M. A. de; MATIAS, M. A cultura no contexto do turismo no espaço rural brasileiro.  
In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL, Turismo no espaço rural brasileiro.  
1, 1999, Piracicaba (SP). *Anais...* Piracicaba: FEALQ, 1999.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo:  
E.P.U., 1986.
- MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MINAYO, Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 19. ed.  
Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.
- MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-pátria*. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- MÜLLER, J. M. *Do tradicional ao agroecológico: as veredas das transições (o caso dos  
agricultores familiares de Santa Rosa de Lima, SC)*. 2001. Dissertação (Mestrado em  
agronomia) – Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Universidade Federal de  
Santa Catarina, Florianópolis.
- PATRÍCIO, Zuleica Maria. *A prática do cuidar-cuidado com famílias de adolescentes  
grávidas através de referencial de enfoque sócio-cultural*. 1990. Dissertação (Mestrado em  
Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina,  
Florianópolis.
- \_\_\_\_\_. *A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual-coletivo: uma  
questão de bioética numa abordagem holístico-ecológica*. 1995. Tese (Doutorado em Filosofia



da Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

\_\_\_\_\_. Qualidade de vida do ser humano na perspectiva de novos paradigmas: possibilidades éticas e estéticas nas interações ser humano-natureza-cotidiano-sociedade. In: PATRÍCIO, Z. M.; CASAGRANDE, J. L.; MARIZIA, F. *Qualidade de vida do trabalhador: uma abordagem qualitativa do ser humano através dos novos paradigmas*. Florianópolis: Ed. do Autor, 1999.

PETRAS, James. Os fundamentos do neoliberalismo. In: RAMPINELLI, Waldir; OURIQUES, Nildo. *No fio da navalha: crítica das reformas neoliberais de FHC*. São Paulo: Xamã, 1997. p. 15-38.

PRESVELOU, C.; ALMEIDA, F. R.; ALMEIDA, J. A. *Mulher, família e desenvolvimento rural*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1996.

RODRIGUES, Adyr B. (Org.). *Turismo e ambiente: reflexões e propostas*. São Paulo: Hucitec, 1999.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Desenvolvimento sustentável e a atividade turística. In: SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa T. B.; LUCHIARI, Maria T. D.P. (Orgs.). *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. Campinas (SP): Papyrus, 2000. p. 171 – 188.

RODRIGUES, Ivone da Silva . A percepção das lideranças políticas e empresariais sobre o papel dos agentes de desenvolvimento do turismo: o caso de Itaara, RS. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL, Turismo em espaço rural brasileiro, 1999, Piracicaba (SP) *Anais...* Piracicaba: FEALQ, 1999.

RUSCHMANN, Doris. *Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente*. Campinas (SP): Papyrus, 1997.

SACHS, Ignacy. *Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir*. São Paulo: Vértice, 1986.

SANTOS, Carla A. Novaes. *Análise do turismo em espaço rural em Camboriú (SC): um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2001.

- SILVA, Mauren F. da; ALMEIDA, Joaquim A. Turismo rural: família, patrimônio e trabalho. In: RIEDL, Mario; ALMEIDA, Joaquim Anécio; VIANA, Andiara Lima Barbosa. *Turismo Rural: tendências e sustentabilidade*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- SILVA, J. G., VILARINHO, C.; DALE, Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. In: ALMEIDA, J. A.; FROELICH, J. M.; RIEDL, M. (Orgs.). *Turismo rural e desenvolvimento sustentável*. Campinas: Papirus, 2000.
- SOUZA, Maria Luiza de. *Desenvolvimento de comunidade e participação*. São Paulo: Ed. Cortez, 1987.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- TORESAN, Luís; MATTEI, Lauro; GUZZATTI, Thaíse Costa. *Estudos do potencial de agroturismo em Santa Catarina: impactos e potencialidades para a agricultura familiar*. Florianópolis, Instituto CEPA/SC, 2002.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.
- TULIK, Olga. Do conceito às estratégias para o desenvolvimento do turismo rural. In: RODRIGUES, Adyr Batastreri (Org.). *Turismo e desenvolvimento local*. 2. ed São Paulo: Hucitec, 1999.

## 8 – BIBLIOGRFIA COMPLEMENTAR

- BRASIL. Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo/Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. *Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo*. Brasília: EMBRATUR, 1994
- \_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Turismo/EMBRATUR. *Manual do Turismo Rural*. Brasília: EMBRATUR, 1994.
- CAMPAGNOLA, C.; SILVA, J. G. O agroturismo como nova fonte de renda para o pequeno agricultor brasileiro. In: ALMEIDA, J.; RIEDL, M. (Orgs.). *Turismo rural, ecologia, lazer e desenvolvimento*. Bauru (SP): Edusc, 2000. p. 145-179.

- CAVACO, Carminda. Turismo rural e desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). *Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1989.
- FROEHLICH, J. M.; RODRIGUES, I. S. Atividade turística e espaço agrário: considerações exploratórias sobre o município de Restinga Seca (RS). In: ALMEIDA, J.; FROEHLICH, J. M. e RIEDL, M. (Orgs). *Turismo rural e desenvolvimento sustentável*. Campinas: Papirus, 2000. p. 85-110.
- FÚSTER, Luis Fernandez. *Introducción a la teoría e técnica del turismo*. Madrid: Alianza Editorial, 1987.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu Silva e Guaracira Lopez Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.
- MOESCH, Marutschka. *A produção do saber turístico*. São Paulo: Contexto, 2000.
- NETO, Otávio C. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 19. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994. p. 51-66.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO (OMT). *Desenvolvimento do turismo sustentável*. Madri: WTO, 1993.
- PELLEGRINI FILHO, Américo. *Ecologia, cultura e turismo*. Campinas (SP): Papirus, 1993.
- SCHIMIDT, Wilson. *A municipalização do ensino fundamental em dois pequenos municípios rurais de Santa Catarina: Anitápolis e Santa Rosa de Lima (1987 a 1985)*. 2000. Tese (Doutorado em educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História e Filosofia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

**ANEXOS**



**ANEXO 2 – Carta de solicitação para realização da pesquisa**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO  
MESTRADO EM GESTÃO AMBIENTAL

Ilmo. Sr.  
Idalino Bonetti  
Presidente da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia

A/C Thaise Costa Guzzatti  
Assessora Técnica

Florianópolis, 05 de janeiro de 2002.

Prezado Sr.,

Vimos por meio dessa solicitar à **Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia** a autorização para realização de estudos referentes às atividades agroturísticas junto aos núcleos familiares receptivos integrantes da associação. Esse levantamento de informações é parte fundamental do trabalho de dissertação que o pesquisador Donato Marcelo Dreher Heuser desenvolve sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Zuleica Maria Patrício, na linha de pesquisa em Gestão Ambiental (PPGEP-UFSC)

As finalidades dessa pesquisa giram em torno da melhoria da qualidade de vida dos pequenos agricultores que complementam suas rendas com o agroturismo. Para tanto, pretende-se interagir com os núcleos familiares, de forma a conhecer o cotidiano das atividades agroturísticas para assim analisar as possibilidades e limitações proporcionadas pela relação entre as práticas de agricultura orgânica e o turismo. Estima-se que será necessário para o estudo o contato com cinco famílias associadas.

A construção teórico-metodológica de uma pesquisa se completa com a saída de campo. Para isso, são necessárias a mobilização de recursos e a maximização do tempo. Solicitamos à **Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia** um apoio logístico quanto hospedagem e alimentação do pesquisador acima citado durante três semanas no mês de janeiro do corrente. Essa pesquisa vem sendo desenvolvida com recursos do pesquisador, sem auxílio de agências de fomento ou outros subsídios. Dessa forma, será bem-vindo o Vosso apoio, mesmo que parcialmente, conforme a disponibilidade da associação.

Registrando o profundo respeito e admiração pelo trabalho desenvolvido pela comunidade, gostaríamos de expressar o nosso desejo de continuar apoiando os projetos após o termino do estudo.

Antecipadamente agradecemos Vossa atenção e ficamos à disposição para demais esclarecimentos.

Cordialmente,  
Donato Marcelo Dreher Heuser

Rua João Pio Duarte Silva, 823, Córrego Grande  
CEP 88037-000 Florianópolis (SC)  
Fone: (48) 234-3785 E-mail: donatoheuser@hotmail.com

